

Título do projeto: “Lições Fora de Casa – Imigração como forma de aprendizado”

Coordenador responsável pelo projeto: Ana Cristina Braga Martes

Resumo

Quando retornam aos seus respectivos países de origem, parte significativa dos imigrantes leva consigo bens físicos – especialmente economias em dinheiro – contatos sociais e uma grande experiência de vida. Expostos a novos aprendizados, têm a possibilidade de aumentar seu “capital cultural e social”. Viver em outro país e conhecer outras formas de sociedade é parte da motivação individual e do imaginário social da condição imigrante. Geralmente impulsionados por necessidades econômicas, os emigrantes brasileiros saem do país aspirando um breve retorno. Com esta finalidade, enviam dinheiro periodicamente para compra de imóveis, ou outra forma que lhes permita abrir um pequeno negócio ao voltarem. Muitos deles sonham em fazer uso das habilidades e conhecimentos adquiridos no exterior para abrir seu próprio negócio, ou desenvolver uma nova aptidão (ou estilo) de trabalho. O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que modo os brasileiros retornados estão “empreendendo” a rica experiência de vida que a emigração a eles proporcionou, tanto em termos de capital físico quanto capital cultural, assim como conhecer as dificuldades e potencialidades a serem exploradas, tendo-se em vista as remessas em dinheiro e o uso das habilidades adquiridas nas localidades para onde retornam.

Key words:

International migration, return migration, migration and social and cultural capital

Palavras chave:

Migração internacional, emigração e retorno, capital social e cultura e migração.

Sumário

- 1. Agradecimentos**
- 2. Introdução**
- 3. Metodologia da pesquisa de campo**
- 4. Discussão Bibliográfica**
 - a. Emigração e retorno**
 - b. A abordagem da Sociologia Econômica nos estudos migratórios**
- 5. Análise do Censo Brasileiro de Poços de Caldas sobre os retornados**
- 6. Pesquisa de campo: análise das entrevistas**
- 7. Conclusão**

1 - Agradecimentos e créditos

Agradeço ao GV Pesquisa e sua equipe, Daniela Mansur, Luciana Maria dos Santos e Isolete R.V. Barradas, pelo apoio, boa vontade e profissionalismo. Mais do que isso, quero registrar que esta equipe tem sido imprescindível, desde o primeiro projeto que realizei com o financiamento deste Núcleo, em 2001. Ao professor Peter Spink, além do apoio constante, meu muito obrigada pela clareza e objetividade para conversar questões delicadas e necessárias.

Agradecemos a Walter Alvarenga, idealizador e apresentador do programa de rádio “Nova lorque: um sonho brasileiro”, pelo apoio e acolhida na cidade de Poços de Caldas.

Para realizar esta pesquisa, acabamos formando uma equipe multidisciplinar, super qualificada, de várias partes do Brasil e de diferentes Universidades. Não foi esta a intenção inicial, mas acabou acontecendo desta forma. Assim, as eventuais qualidades deste trabalho, devem ser creditadas à equipe como um todo:

Dimitri Fazito (CEDEPLAR/ UFMG)

Weber Soares (IGC/ UFMG) – com a colaboração de Jomar Álace Santana

Leonardo Barone (FGV/SP)

Aline Cristina dos Santos (NEPO/ UNICAMP)

Wilson Fusco (NEPO/ UNICAMP)

A todos, nossos agradecimentos,

Ana Cristina Braga Martes.

1- Introdução

Segundo o Ministério das Relações Exteriores, o Brasil possui atualmente cerca de 3 milhões de imigrantes. Porém, não há números exatos sobre a emigração brasileira, assim como não há dados precisos sobre taxas de retorno (Martes, 2000). Entre os especialistas no tema, contudo, fez-se consenso que os brasileiros deixam o Brasil com a expectativa de voltar às suas respectivas cidades de origem. Também é bastante destacado na bibliografia, que os planos de emigração e de retorno contemplam a formação de uma poupança que venha a lhes possibilitar a abertura de seu próprio negócio, ao voltarem para o Brasil.

A emigração brasileira, nos seus mais variados aspectos, tem recebido razoável atenção nas pesquisas acadêmicas (ver bibliografia em anexo). Mas até o presente momento, apenas um trabalho foi realizado tendo os retornados como foco (Margolis, 2001), sendo a pesquisa restrita à cidade do Rio de Janeiro, e não aborda as questões que aqui levantamos. Da mesma forma, não há análises sobre o impacto das remessas nos pequenos negócios no Brasil.

O objetivo geral desta pesquisa é dar, aos estudos sobre emigração brasileira, uma contribuição inédita, ao relacionar, por um lado, a importância das remessas na criação de pequenos negócios e, por outro, as potencialidades a serem exploradas pelos emigrantes retornados na criação de pequenos negócios.

Os três objetivos específicos desta pesquisa são:

- 1) Conhecer os tipos de habilidades adquiridas e a maneira pela qual os brasileiros podem estar usando tais habilidades para fins de auto-emprego ou no trabalho;
- 2) Conhecer os tipos de negócios que estão sendo proporcionados pelas remessas e compreender as dificuldades que os brasileiros encontram para abrir e/ou desenvolver seus negócios após o retorno;

3) Subsidiar a formulação de propostas de apoio de agencias governamentais e não governamentais ao emigrante retornado, que possam gerar algum impacto no desenvolvimento local.

2 - Metodologia

(da pesquisa de campo realizada em Poços de Caldas)

O campo desta pesquisa foi realizado na cidade de Poços de Caldas no ano de 2005. Escolhemos esta cidade porque fomos surpreendidos pelas notícias divulgadas na imprensa que diziam que para esta cidade estariam “migrando” os agenciadores ilegais da emigração brasileira. Os agenciadores, que antes estavam na cidade de Governador Valadares, passaram a ser perseguidos pela Polícia Federal. Assim, decidiram “investir” em Poços. Se esta era uma idade promissora, certamente isto se devia ao fato de ter um grande número de emigrantes. Esta notícia deixou pesquisadores / acadêmicos um tanto perplexos, pois a presença desta cidade ainda não havia sido constatada nos trabalhos acadêmicos, pelo mesmo não na magnitude que a situação sugeria. Nas publicações esta cidade não foi, ainda, sequer mencionada como sendo parte importante da emigração recente dos brasileiros para o exterior.

No total foram entrevistados 20 retornados e o método de seleção dos entrevistados foi o “*snow ball*”. Os selecionados foram entrevistados a partir de um questionário semi-estruturado, com foco no aprendizado proporcionado pela experiência migratória e as dificuldades enfrentadas no emprego e desenvolvimento das habilidades trazidas para o Brasil. No total, foram realizadas 19 entrevistas, seguindo o roteiro em anexo, numa situação face-a face. As entrevistas foram gravadas e tiveram aproximadamente uma hora de duração. Além dos 19 entrevistados, na preparação do campo foram feitas entrevistas não estruturadas, ou apenas “conversas” com pessoas que a equipe encontrou no centro da cidade, comerciantes e comerciários, um jornalista, que transmite um programa sobre emigração na rádio local, um gerente do banco do Brasil e garçons.

A pesquisa tem caráter qualitativo e foi realizada em três etapas.

Primeira etapa¹

Notas de Campo: Poços de Caldas

Data: 20-1/05/2005

1. Poços de Caldas é uma cidade encravada na boca de um antigo vulcão. É uma cidade turística e tradicional do sul de Minas, não é uma cidade “espalhada”, pois fica comprimida em uma cadeia de montanhas, embora o centro da cidade se concentre bastante e se destaque do resto da cidade, de bairros periféricos alguns mais pobres outros mais ricos como todas as cidades médias brasileiras. Desta vez não andei pelos bairros mas por onde passei (aqueles mais próximos da região central) percebi nítida diferença da conformação urbana em relação ao centro turístico e comercial. O centro me lembrou algumas vias tradicionais de Buenos Aires (!), pelo menos a impressão deixada pela “civildade” do espaço urbano, da arquitetura espaço-temporal geral e das pessoas nas ruas [depois falo mais disso]. Já os bairros por onde passei (apenas no caminho da rodoviária mais distante do centro, e foi em ônibus coletivo, fato que deve reforçar um “tipo de impressão” a ser revista), me lembraram bairros médios e mais afastados de Belo Horizonte, sem planejamento prévio para ocupação, alternando moradias bem e mal estruturadas, vida comercial apenas local com centros “kitsch” e alguns “points” isolados que, claramente, atraem pessoas que não são dali. Enfim, uma vida urbana comum entrecortada por eventos extemporâneos, e muito importante esse fato, porque pode ser que isso “banalize” um tipo de civildade pouco comum para cidades grandes, como Belo Horizonte. Embora uma capital, ela não tem esse tipo de mistura de civilidades próprio da atribulação turística internacional em uma cidade mineira tradicional, que apresenta um confronto bastante típico entre uma civildade urbana cosmopolita com outras tradicionais e provincianas. Quer dizer, o poços-caldense, especialmente o indivíduo das classes mais pobres e que vive nesses bairros periféricos e trabalha ou no centro da cidade ou nas lavouras de café, parece se confrontar com a tradição e a “pós”-modernidade o tempo todo. Isso me pareceu chocante, lembrando bastante também a situação de Governador Valadares. A diferença é que Poços é uma cidade verdadeiramente turística e desde sempre, ao contrário de Valadares que vivencia essa pós-modernidade por

¹ A primeira etapa foi realizada por Dimitri Fazitto.

outras vias. Mas isso só fui perceber depois de um tempo na cidade – e através de uma curiosidade, a sensação de certo “ethos” ou civilidade tradicional e provinciana do “mineiro”. Como nunca tinha ido antes a Poços, tinha um pouco a expectativa de encontrar como em outras cidades de influência de fronteira (p.ex. Juiz de Fora com relação ao Rio de Janeiro) um certo “conflito de identidade regional” em relação à influência óbvia de São Paulo. Achei interessante que ao contrário dos meus pré-conceitos, encontrei uma identidade mineira bem definida segundo essa civilidade interiorana típica de outras regiões centrais do estado. Engraçado perceber que há uma separação mais clara da influência paulista (talvez mais forte entre pessoas das classes mais altas e principalmente jovens da classe média/alta) em relação aos moradores desses bairros mais afastados e mesmo os trabalhadores no centro da cidade. Em mais de uma situação eu pude observar isso, quer dizer, a preocupação de evidenciar um distanciamento da civilidade poços-caldense em relação à do interior ou metrópole paulista, e auto-declaração de uma mineiridade que eu nem sei bem se existe mesmo.

2. Continuando as impressões gerais da cidade, impressiona a riqueza relativa da região central e mesmo de alguns bairros periféricos – não estive em bairros realmente pobres, e me parece que se mistura um pouco o urbano e rural, algo a ser melhor observado outras vezes. A cidade é claramente rica, bem estruturada com vistas ao turismo, e possui uma população espetacularmente jovem. Isso impressiona demais, pois se observa jovens em todos os pontos da cidade, especialmente o centro, adolescentes a qualquer hora do dia, inclusive à noite, pelas ruas e casas comerciais (contei 6 Lan Houses em apenas uma restrita área do centro, e todas frequentadíssimas por jovens e adultos), em grandes grupos e paramentados de acordo com seus princípios e códigos de identidade. Por exemplo, na sexta-feira, o dia todo que passei pelas ruas, vi jovens o tempo todo, com ou sem uniformes escolares, mas tinha a impressão de que o centro era um grande shopping center na época das férias escolares. Então, basta lembrar que Poços, com uma população de quase 150 mil habitantes, tem 56% abaixo dos 30 anos. Claro, a maior parte destes jovens e adolescentes “ociosos” que observei são de classe média, pois outros estão trabalhando nas lavouras ou nas indústrias da cidade. O emprego, embora haja grande absorção pelos setores de produção e serviços da cidade, não é universal, especialmente porque Poços também atrai muitos trabalhadores migrantes regionais. Para muitos jovens há sim o problema

de alocação no mercado de trabalho, e mais de uma vez ouvi casos de pessoas de classes sociais diferentes encontrarem no mesmo objetivo da emigração internacional a solução para o problema da “renda”. Como sugeriu Mário, o problema do emigrante internacional de Poços é um problema de “renda”, não necessariamente um problema de trabalho – então, conta que a filha do prefeito, jornalista formada, hoje trabalha nos EUA como housecleaner. Chego então às impressões sobre a migração na cidade de Poços: impressionante! É o que posso dizer diante das minhas expectativas como mineiro e como pesquisador. Primeiro porque sempre pensei Poços como cidade turística, espécie de Ouro Preto cosmopolita de forte influência paulista, e assim uma cidade que “recebe” pessoas. Encontro então uma cidade onde a civilidade é marcadamente provinciana (nada desse cosmopolitismo ouropretano) embora conviva de bom grado com a modernidade vinda de fora, e que procura se distanciar objetivamente da influência metropolitana das cidades paulistas mais próximas. Segundo, embora a cidade receba turistas, na mesma medida, e me parece haver aí uma simbiose literal, existe uma civilidade mineira antiga de deixar o lar para “colonizar” novas fronteiras. Isso foi muito forte, e a caracterização mais aproximada que eu posso fazer das sensações que tive sobre essa civilidade é a mesma encontrada quando caminho pelas ruas de Valadares. Existe mesmo uma sensação muito forte da emigração internacional, como uma “cultura migratória” que se construiu a partir de elementos diversos do valadarense mas que têm uma identidade muito próxima. Entre os moradores e trabalhadores da cidade se respira “deslocamento”, as pessoas vivem isso intensamente e falam disso nas ruas, nos ambientes de trabalho, junto aos turistas como eu. Como pesquisador essa revelação foi meio difícil de aceitar, porque de repente me dou conta que nunca havia “olhado” para Poços como objeto de pesquisa. Então, no início, foi complicado abordar as questões da migração com as pessoas comuns. As pessoas também evitam falar sobre o assunto com quem “não é” de Poços – a preocupação dupla, de ser da PF e de expor seus medos e fracassos para alguém que não comunga de uma civilidade particular dos poços-caldense.

3. Fiquei em um hotel barato bem no centro da cidade (Hotel São Paulo, de frente para as Thermas Antonio Carlos). Cheguei às 5 horas da manhã de sexta-feira, fazendo bastante frio, a cidade ainda acordando na neblina. Quando o porteiro abriu a porta para mim senti imediatamente a precariedade da estadia, que

naquele instante me pareceu (e se comprovou depois) necessária diante do meu objetivo inicial que era vivenciar a cidade na sua essência. Ou seja, não como turista ou pesquisador, mas como alguém que “acaba de nascer” e finca seus pés na terra [uma evocação fenomenológica aqui é a melhor estratégia de texto que eu posso imaginar agora]. Me arrumei no lugar, e saí cedo pra ver o que encontrava. Marquei o encontro com o Mário para a hora do almoço, e então aproveitei para sondar. O porteiro que tinha me atendido, Nei, era gente boa, mais ou menos uns 45-50 anos, típico mineiro interiorano, desconfiado e claramente inteligente, mas o tipo de inteligência que só se revela depois de muita insistência do interlocutor (eu) para reavaliar suas categorias e assumir que, numa situação de campo, o pesquisador é sempre mais “idiota” que o nativo. Então, no início, “migração?”, “não, aqui não tem isso não, não conheço ninguém não”. No dia seguinte, no meu café da manhã, o Nei que devia ir trabalhar, não conseguia sair da minha mesa querendo contar sua própria trajetória nos EUA há mais de 10 anos, e suas impressões lúcidas sobre os que hoje deixam Poços – “aqui ninguém fala por que tem vergonha de admitir, aquele país é ruim demais, ganhar dinheiro nada...”. Saí de manhã e fui conhecer a cidade, o centro mais especificamente, e observar a vida cotidiana. Dei umas voltas, observei o fato exótico de tantas Lan Houses, Boutiques de roupas e bijouterias, salões de beleza e lojas de artigos artesanais para turistas – e de como determinados locais me lembravam tanto Buenos Aires (talvez a atitude de alguns idosos caminhando pelas ruas retas e às vezes largas, casarios e sobrados antigos misturados com lojas de produtos moderníssimos, e emaranhados de jovens bem vestidos e etnicamente homogêneos, uma coisa que estranha porque parece existir às vezes uma homogeneidade na “mestiçagem” – embora, é verdade que há clara distinção entre as pessoas que “fazem turismo” e as que “fazem trabalho”). Até então não tinha visto nada específico sobre migração, com exceção da negativa e quase monólogo anterior com o porteiro Nei. Na hora do almoço, encontrei com o Mário no hotel (e, para bem ou para mal, ter sido visto com ele teve alguma consequência daí pra frente com relação aos funcionários do hotel), e conversamos longamente até o meio da tarde. O programa de rádio seria no dia seguinte e ele havia me convidado para participar (foi ótimo). O Mário é um cara que demonstrou grande sensibilidade, tanto quanto jornalista quanto como ser humano. Se preocupa verdadeiramente com a vida das pessoas, e dos migrantes. Ele tem muitos contatos na cidade e fora dela, e

demonstra uma vontade especial em lidar com o problema da emigração internacional. Me disse muitas coisas sobre a emigração em Poços, sobre os grupos de atravessadores, as relações escusas entre poder público e “traficantes”, a posição geral da população quanto ao deslocamento (busca de renda e sucesso empresarial), e o enriquecimento não mensurado da cidade através das remessas de capitais de imigrantes nos EUA – especificamente ficou de me levar num dos bairros mais ricos da cidade que cresceu às custas do capital de imigrantes (mais tarde, numa conversa com outros trabalhadores dos hotéis, fiquei sabendo de pelo menos três bairros que recebem investimentos de imigrantes, reforçando a importância das remessas e comprovando também em Poços o que o Weber observou para Valadares). Segundo Mário, atualmente o fluxo dominante para os EUA parece estar se diversificando, e encontra-se já outras linhas de deslocamento para Portugal e Austrália. Outras pessoas (migrantes em potencial e retornados) com quem conversei me contaram sobre estratégias para a Europa (Portugal, Espanha e Itália) que na realidade funcionam como rotas alternativas para se entrar nos EUA. Aqueles que ficam na Europa é porque têm dupla cidadania e preferiram mudar de estratégia lá na Europa. Inicialmente, pelo que dizem, o objetivo único é os EUA, e quem pode ir via Itália, é melhor que se arriscar e gastar mais pelo deserto mexicano. Mário me contou também sobre a filha do prefeito, e outros falaram do próprio prefeito que, segundo Henrique, outro porteiro de hotéis da cidade, “tem negócios nos EUA”, ao menos é o que vai no imaginário do cidadão comum de Poços. Sobre algumas estratégias de deslocamento, Mário contou um pouco dos “atravessadores” poços-caldenses, de como agem na cidade, nos hotéis de recrutamento, dos contatos obscuros com coyotes mexicanos (que têm visitado a cidade regularmente) e nas formas de custeio da travessia. Ouvi não apenas de Mário, mas de outras fontes independentes, que existe hoje um esquema onde se paga 30 mil dólares. Caro mas infalível, e que gente que tem dinheiro mas não consegue o visto tem utilizado com esses brokers. Eles cobram 10 mil dólares pela travessia e, na entrada dos EUA (no aeroporto), gastam outros 20 mil para subornar o agente americano da imigração – ou seja, é um esquema que mostra a fragilidade da burocracia norte-americana, pois envolve diretamente o funcionário americano. É uma estratégia hoje comum, embora seja cara e por isso restrita aos indivíduos de classe média/alta mas que explica inclusive a emigração da filha do prefeito(!). A

estratégia comum, pelo que consegui informações, custa em torno de 5 mil dólares. Os migrantes pagam os brokers de Poços que arranjam passagem e documentação falsa quando necessária, agilizam o contato com coyotes de fronteira, e recebem os brasileiros do outro lado. Mas essa tática é a de “boi de piranha”, e me parece os migrantes têm consciência disso. Alguns com quem conversei demonstraram plena consciência dos riscos envolvidos na travessia, arcados totalmente pelo migrante sozinho (existem muitas histórias mal e pouco contadas dos fracassos da travessia, na qual o migrante sempre paga sozinho, e os atravessadores sempre ganham [incrivelmente legitimados pelos migrantes!]). Mas como disse o Nei, essas histórias do fracasso ninguém quer contar e parece mesmo haver um ganho simbólico mesmo no fracasso, quer dizer, no oculto, naquilo que todos omitem [como mostra bem Sayad e me convenço de uma certa “universalidade” desse poder simbólico no discurso do migrante]. Por exemplo, segundo Henrique, uma das coisas mais irritantes para ele (que ainda não migrou, mas vai no dia 14 de junho!) quando trabalhava no hotel ao lado do meu, é que a maioria dos funcionários eram migrantes retornados (!!!) – “pelo menos uns 5 que eu conheço lá” – que insistiam em conversar em inglês com o Henrique. Ele dizia que não sabia falar inglês e perguntava os outros porque o provocavam se “eram todos uns fracassados”. Parece que todos admitiam o tal fracasso, pois haviam “torrado” o dinheiro nos EUA e voltado com uma mão na frente e outra atrás. Ninguém ressaltava o fracasso nessas horas de discussão, e “sacaneavam” o Henrique falando em inglês com ele. Se Henrique falasse que eram “fracassados” entre eles parecia haver uma espécie de acordo tácito, onde o reconhecimento do fracasso nada afetava pois era como se “todos soubessem disso, a maioria não ganha dinheiro”, e no final o que vale é a experiência e o ganho simbólico que isso pode gerar nas conversas e relações. A humilhação parece não ser o fracasso em si mesmo, mas o fato de não ter tido a oportunidade de migrar e “fracassar”, pois quem retorna pelo menos tem do que falar, tem do que se orgulhar de algum modo, e afinal, pode contar sua experiência num código que o outro neófito não tem acesso (em inglês, e mais que isso, a linguagem dos iniciados no deslocamento – oculta o fracasso e fortalece a posição alcançada simbolicamente pela experiência quase ritual do deslocamento). Chega para Henrique, me disse com satisfação quando pergunto “Vc conhece alguém que foi para os EUA?”, “Eu, uai! Eu tô indo dia 14” com ar de trivialidade como se fosse na esquina comprar

cigarros. Mas claro, é sua iniciação nesse universo fechado daqueles que fazem parte exclusiva da irmandade – ele quer ser incluído logo nesse círculo, então “ele” já é migrante antes mesmo de ter emigrado. Ele já foi informado de todas as possibilidades de todas as situações e até do seu futuro fracasso (!!!). Impressionante, o Henrique me diz: “Ah, todo mundo que vai pelo México sabe que vai ficar uns 3 dias na cadeia. Eu já sei que vou ser preso, mas depois eles soltam pra audiência daqui seis meses e aí eu já estou em Nova Jersey”. De repente o fracasso parece ser a marca do sucesso, da iniciação ritual que realmente importa [será então apenas renda?]. À noite, esperando na entrada do hotel pelo Mário (que afinal não pôde ir), aproveitei pra conversar com os funcionários que passavam por ali eventualmente e com seus amigos poços-caldenses (via de regra funcionários de outros hotéis próximos) além de outras figuras da cidade que ficam sempre excitadas para falar da própria vida e da alheia. Depois que certificaram que eu não era mesmo da PF e estava ali afinal pra pesquisar o fenômeno da emigração internacional (que já me impressionava realmente e alimentava mais ainda o desejo das pessoas falarem sobre o tema, especialmente os bem sucedidos, como Roberto Trevisan, já um mito citadino), a conversa se prolongou até mais tarde e conversei sobre temas diversos que sempre retornavam à questão do deslocamento.

4. A história de Henrique é muito interessante. Gosta de conversar, e gosta de falar da sua trajetória, especialmente sua partida no dia 14 – estava visivelmente ansioso com a viagem e fazia força para conter os ânimos. Fumava muito, e reclamava de seu relacionamento atual, e como de repente tudo isso fazia sentido para que ele partisse e se reaproximasse da sua igreja (um “desgarrado” da Assembléia de Deus). Ah, claro, preciso dizer que todos os seus amigos em New Jersey são oriundos da igreja evangélica que freqüentavam anos atrás. Todos foram, ou quase todos, e ele foi fortemente encorajado por seus amigos nos EUA. A sua atual namorada não é evangélica, e pelo que disse o “desviou do bom caminho”. Já vendeu tudo, guardou o dinheiro no Banco do Brasil para ele mesmo, caso perca tudo na travessia. Sua família é de uma cidade do interior próxima a Poços, mas segundo ele, não deve nada aos seus 8 irmãos “todos cachaceiros”. Ele não, 30 anos, trabalhando nos hotéis de Poços há 12 anos, nunca juntou nada e agora, com os amigos viajando pros EUA, resolveu seguir o mesmo rumo. Mas vai com estratégia própria. Isso é importante: segundo Henrique, pagar 5 mil

dólares para ele era muito difícil, mas como conhecia o Claudinei (e o outro broker que não guardei o nome – Robervan), ia pagar apenas 1000 dólares para o coyote na travessia. O resto corre por sua conta, inclusive a compra das passagens. Está confiando na ética religiosa dos evangélicos, e ressaltou que os dois brokers mais ativos da cidade [como já havia relatado Mário] são antigos “irmãos de fé” da igreja evangélica que participava há mais de 12 anos atrás. Então contou a história desses brokers tal como a conhece: os dois parece serem irmãos, saíram há muitos anos atrás para os EUA e moraram lá por 4 anos. Conheceram os esquemas de tráfico de pessoas na fronteira, estabeleceram laços de amizade com alguns coyotes mexicanos. Abriram um “escritório” em Miami e depois outro escritório fantasma (agência de fachada) em Poços e “começaram a mandar gente pra lá”. Nunca foram pegos porque “o serviço deles é bom. Eu nunca vi alguém ficar na fronteira com eles. Todo mundo que vai com eles passa e fica por lá”. Hoje eles mesmos não acompanham mais os “comboios”, mas agem através de outras pessoas num esquema bem organizado. Na travessia do dia 14, segundo Henrique, de Poços partiram 5 para Guarulhos em uma Van. Lá vão encontrar mais 10 mineiros de Uberlândia e partir num vôo para o México, onde vão ser escoltados até a fronteira e passados para o outro lado em pontos já definidos. Seus amigos que fizeram a travessia já disseram para Henrique o que vai acontecer e o que ele deve esperar de tudo. Está seguro, pelo menos demonstra grande segurança. Sabe que deve ser preso do outro lado, mas logo vai entrar em contato com seu “irmão” nos EUA e seguir para Nova Jersey. “Todos” parece conhecerem estes brokers na cidade, embora ninguém fale disso com medo da PF. Mas atuam dentro de determinados hotéis onde recebem pessoas da região e mesmo de cidades mais distantes. Se necessário podem falsificar documentos, mas nem sempre isso é necessário porque a maior parte do trabalho é apenas o de fazer as pessoas chegarem ao destino. Segundo ouvi de três ou quatro pessoas diferentes, o destino mais visado pelos poços-caldenses é Mount Vernon, subúrbio de New York. É para lá que todos migram. Agora Henrique se contenta em falar da novela América, e como ela acabou “facilitando as coisas. Todo mundo tá indo pra lá, e eles não têm como pegar todo mundo”. Ficou mais fácil atravessar a fronteira mas ele mesmo não diz como. Conta de seu amigo-quase-irmão diabético que vai para a Itália, porque está conseguindo dupla-cidadania, mas já está preparado para entrar nos EUA. Na Europa “não tem trabalho pra todo

mundo, e vc ganha em euro mas gasta muito também que tudo é muito caro”. Então o destino desejado é mesmo os EUA.

5. No dia seguinte passei a manhã toda na Rádio Difusora, onde acompanhei e participei do programa do Mário, “Nova York, sonho americano”. O Programa é realmente interessantíssimo e muito bom. Um laboratório de migração, já que coloca em comunicação toda a comunidade poços-caldense e região (a rádio AM tem grande audiência em todo sul de Minas e interior paulista) com a comunidade de imigrantes da região de Mount Vernon – agora plugada diretamente através da Internet e com base física na padaria “Padaminas”. Segundo Mário, nessa padaria comandada por um imigrante mineiro, algo em torno de 70 pessoas, todos imigrantes, fazem seu café da manhã antes de partirem para o trabalho. É um ambiente de socialização dos imigrantes que, aos sábados pela manhã, acompanham ao vivo o programa de Mário gerado em Poços de Caldas. O programa é então carregado de emoção, especialmente quando falam participantes que estão morando nos EUA através de uma conexão direta via telefone. Claro, todos mandam notícias e saudações para seus parentes em Poços e região, aproveitam para enviar recados e solicitações. O mesmo acontece quando são os moradores de Poços que participam ao vivo do programa. Têm momentos de grande emoção de todos que participam pois os sentimentos são verdadeiros e sentimos grande desejo de compartilhar de tudo aquilo, a distância, a saudade, o isolamento, o sofrimento. Neste dia, especificamente, percebi claramente o discurso implícito e explícito no programa, tanto através do que dizia Mário quanto de outros participantes [inclusive eu mesmo (!)]: a migração não é solução para a qualidade de vida das pessoas e é uma ilusão. O líder de bairro convidado, Carlão, um migrante pioneiro (migrou entre 1978-82) retornado é radicalmente contra a migração, e demonstrou consciência crítica quanto ao papel do Estado Brasileiro na questão. Hoje ele é um empreendedor, bem sucedido ao que parece, e defende que todos tenham consciência do perigo envolvido na migração. Carlão disse que não ganhou tanto dinheiro assim nos EUA, e o que o fez ser bem sucedido no seu retorno foi porque percebeu e valorizou seu próprio trabalho. “Enquanto todo mundo aqui trabalhava 8 horas, eu trabalhava 16, 18 horas como trabalhei lá. E foi por isso que consegui as coisas aqui”. Como já tinha questionado o Mário no dia anterior, porque é que os brasileiros se sujeitam a trabalhar em condições que seriam inaceitáveis aqui no Brasil? Carlão parece ter

aprendido por conta própria a valorizar seu trabalho em qualquer parte e, talvez este tenha sido seu maior aprendizado com a experiência migratória nos EUA. De qualquer forma é alguém a ser entrevistado para a pesquisa. Depois do programa conversei um pouco mais com Mário e Rafael, um rapaz novo, músico que compôs uma nova canção para o programa de Mário e em homenagem a “todos os migrantes e o Roberto Trevisan”. Me senti especialmente simpatizado com sua história e parece que também emocionou Mário que prometeu ajudar Rafael na divulgação de sua música.

6. Na parte da tarde fiquei por minha conta andando pela cidade. No dia anterior eu tinha tentado conversar com alguém da Associação Comercial da Cidade e também na paróquia de São Benedito. Infelizmente não consegui falar com ninguém. Eu queria conversar com um padre local pra saber sobre a aproximação da igreja católica e evangélica com os jovens da cidade. Mário então me sugeriu conversar com um padre que não se encontrava na paróquia. Algo que fica para uma próxima visita. Assim, andando pelas ruas movimentadas do sábado à tarde, procurei me inspirar no jogo de palavras do escritor italiano Antonio Tabucchi. Nesse jogo, o personagem vaga pelas ruas de uma cidade italiana ouvindo as conversas dos transeuntes, sem querer identificar ou perseguir os falantes. Na realidade tenta encontrar um padrão aleatório nas conversas isoladas que aos poucos vão conformando um discurso mais ou menos unificado e largamente condicionado pelo personagem. O interessante disso foi que mais de uma vez encontrei frases “soltas” sobre o deslocamento. Então, dando atenção especial aos funcionários das padarias, hotéis, lojas e jovens pelas ruas, fui encaixando testemunhos diversos sobre estórias anônimas de outros personagens mais anônimos que estão seguindo o trajeto ritual da migração. De repente, aquilo que para mim havia sido surpreendente num primeiro instante, descobrir que Poços de Caldas tem muito de Valadares, passou a fazer outro sentido, e agora não via mais Poços como outra Valadares, mas apenas como outra cidade mineira onde o deslocamento emerge como projeto coletivo, numa espécie de cultura migratória, diferente da cultura migratória valadareense. A cidade respira o “deslocamento” mas age de uma maneira que ainda não sei bem como qualificar. O simbólico é muito forte aí, e se eu conhecesse melhor Valadares talvez pudesse através da comparação sentir melhor o que se passa em ambas localidades. O fato é que a

migração, como estratégia de sobrevivência, como ritual e discurso, existe intensamente no imaginário das pessoas que vivem ali.

Segunda Etapa – A segunda etapa da pesquisa consistiu na realização de reuniões da equipe² na cidade de Poços de Caldas, com o propósito de discutir e organizar o campo, assim como, de avaliar a receptividade das pessoas em relação a uma pesquisa como esta – que envolve um tema delicado e, como se sabe, com aspectos não legais.

A equipe se reuniu no hotel e discutiu o roteiro de entrevistas, fazendo sugestões de mudanças e adaptações. Posteriormente saímos pela cidade e, sem que nada houvesse sido previsto ou decidido anteriormente, escolhíamos alguém para conversar: “a senhora/or tem algum parente ou amigo que vive no exterior? A resposta foi, sem exceção: Sim. Conheço fulano, cicrano, beltrano...”. Depois de várias respostas como estas, dadas num curto percurso, concluímos que esta era, sem dúvida, uma cidade de emigração. A cidade “fala” de assuntos ligados a emigração o tempo todo. O tema faz parte do cotidiano da vida das pessoas que lá residem. Um dado curioso neste sentido foi que, à noite, na praça, ouvimos uma pessoa falando ao celular sobre a sua partida para a Itália: “lá é fácil ganhar dinheiro”, dizia. Era um mulato jovem, de trajes simples e aparência humilde.

Ainda caminhando pelas ruas, entramos num pequeno café. Lá, conversamos com pessoas que nos disseram que poderiam nos apontar os coyotes, ou seja, os moradores de Poços que fazem o papel de agenciamento para a travessia pelo México. “Todos conhecem, são populares aqui”. Esta conversa foi, na verdade, mais difícil, sendo que algumas das pessoas que estavam neste café disseram sentir medo de falar sobre o assunto.

Muito interessante foi a nossa ida ao programa na rádio Difusora de Poços de Caldas. Trata-se de um programa cujo tema é emigração e o jornalista conversa com parentes e amigos que estão aqui e lá, nos Estados Unidos, ao mesmo tempo. O programa propicia o reencontro de familiares e amigos: as pessoas trocam sentimentos, aflições e medos, mas também carinho, de modo que o tema central acaba sendo “saudades”. Acreditamos

² Tal como explicado no início deste relatório, a equipe de pesquisa responsável pelo campo foi composta por: Dimitri Fazito, Leonardo Barone, Aline Cristina dos Santos, sob a coordenação de Ana Cristina Braga Martes.

que a análise deste programa, que já tem anos de duração, poderia ser transformada numa bela pesquisa sobre o caráter transnacional da emigração brasileira.

A equipe foi também a uma agência do Banco do Brasil, para averiguar a possibilidade de reunirmos alguns dados sobre remessas. O gerente que nos atendeu mostrou-nos uma fila e disse: “Estão vendo aquelas pessoas? Vieram retirar o dinheiro enviado pelos emigrantes” Segundo ele, no entanto, maior ainda deveria ser o impacto das remessas em cidades menores, ao redor de Poços de Caldas, como Botelhos, por exemplo. Infelizmente não houve tempo para irmos a Botelhos, mas fica aqui registrado que, de fato, esta poderia vir a ser uma pesquisa bastante interessante para se pensar os efeitos socioeconômicos das remessas na economia local.

Finalmente começamos a “montar” os pontos de contato inicial da nossa “Bola de Neve”, com a ajuda de uma das participantes da nossa equipe, que já havia emigrado. Ou seja, procuramos alguns retornados que abriram seu próprio negócio. Embora nossa pesquisa não se resumisse ao empreendedor, (ou pessoas que abriram seu próprio negócio) estes eram evidentemente mais fáceis de serem encontrados, por terem visibilidade (negócio a portas abertas).

Terceira Etapa ³

Esta etapa consistiu basicamente na realização das entrevistas, que tiveram início no dia 12 de julho. Já tínhamos alguns nomes indicados por alguns contatos já estabelecidos na cidade. Com algumas pessoas conversamos antes por telefone, com outras fomos diretamente ao local de trabalho, geralmente o comércio aberto pelo emigrante retornado.

Método de seleção dos entrevistados – Bola de Neve: Não houve dificuldade em conseguir novos contatos a partir dos que tínhamos, pois sempre um entrevistado indicava ao menos mais uma pessoa. Ademais, não há dificuldade, na cidade, em encontrar retornados, são muitos, porém nem todos se enquadram no perfil da pesquisa. Muitos retornaram para Poços, mas não abriram nenhum negócio, nem utilizam aqui algo

³ Etapa realizada por Aline Cristina dos Santos e Leonardo Barone, entre os dias 12 e 29 de julho de 2005.

que tenham aprendido lá (pelo menos é o que dizem quando explicamos o objetivo da pesquisa, dizem: “Ah, não aprendi nada lá não que uso aqui, melhor você entrevistar fulano que chegou com dinheiro, é mais bem sucedido”).

- A maior parte das pessoas foi bem receptiva, alguns inclusive se interessaram, quando mostrávamos o livro (Brasileiros nos Estados Unidos) perguntavam como podiam obter, entendiam que era uma pesquisa acadêmica e diziam que gostariam de ver o resultado do trabalho pronto.

- No entanto, outros se mostraram menos abertos. A maior dificuldade que tivemos foi que, por serem na maioria comerciantes, empresários etc., ficavam receosos, pois temem a Receita Federal. Como abriram um negócio com o dinheiro que trouxeram dos EUA, diziam que poderíamos estar interessados em descobrir sonegações de impostos. Até falavam em tom de brincadeira, mas mesmo assim, isso “quebrava” a confiança, que penso, deve existir em uma entrevista.

- Pelo mesmo motivo explicitado acima, houve grande dificuldade em abordar as questões da última pergunta (falar sobre o negócio, sócios, clientes, valores...).

- Por ser mês de julho, algumas pessoas estavam viajando.

Algumas impressões:

- Talvez por ser mês de Julho (verão e férias nos EUA), havia muitas pessoas na cidade que ainda residem lá e que estavam a passeio na cidade. Algumas vezes estávamos com algum entrevistado e chegava alguém e ele dizia: “Este aí mora lá, ta lá faz x anos, já tem green card e tudo”.

- Muitas pessoas fizeram referência à cidade de Botelhos, próxima a Poços. Muitos disseram que lá há um grande número de emigrantes (não necessariamente retornados). Um dos entrevistados, sócio em um estacionamento emigrou de Botelhos e quando voltou dos EUA foi morar em Poços.

- Grande parte dos entrevistados possui parte da família morando atualmente nos EUA.

- Até o momento só foi encontrado um retornado de outro país que não os EUA, um dono de padaria que morou no Canadá. Muitas pessoas disseram que, atualmente muitos poços-caldenses emigram para países europeus, principalmente Portugal. No entanto ainda não encontramos retornados desses países.

- A maior parte dos retornados que abriram algum negócio na cidade é composta por aqueles que emigraram na década 80. Os entrevistados justificam que os que foram depois desse momento não conseguiram ganhar tanto dinheiro como os que foram num primeiro momento (anos 80).

- Encontramos dificuldades para localizar mulheres emigrantes retornadas. No entanto conseguimos conversar com algumas esposas que, ou foram para lá com o marido, ou foram sozinhas, mas casaram lá.

- Foi muito interessante chegarmos ao início do fluxo migratório. Conversamos com duas pessoas que emigraram para os EUA em 1969, sendo que o irmão de uma delas tinha emigrado na década de 50 e tinha ido apenas por aventura (nenhuma relação com motivos econômicos). Posteriormente conseguimos entrevistar uma outra pessoa considerada pioneira na emigração em Poços. Foi este o nosso vigésimo primeiro entrevistado.

- Conseguimos conversar com a vereadora Gláucia Boareto, que coordena um grupo sobre Direitos Humanos e ela se dispôs a procurar alguns dados, e no que mais for preciso.

Essa foi a primeira parte do trabalho. Penso que algumas entrevistas foram bastante ilustrativas e responderam bem ao objetivo da pesquisa. Porém, ainda há trabalho a ser feito, temos alguns contatos ainda, pessoas que estavam viajando ou que ainda não puderam nos atender.

Balanço do Campo (entrevistados)

Importante ressaltar que conseguimos identificar 91 emigrantes em Poços de Caldas que se encaixavam no perfil da nossa pesquisa: migrantes retornados que se tornaram empreendedores. No entanto, uma vez que esta pesquisa obteve um financiamento de 6 meses, não tivemos tempo hábil de incorporar sequer a maioria dos possíveis entrevistados.

3 – Levantamento e Discussão Bibliográfica

A discussão bibliográfica que aqui apresentamos está dividida em dois temas: retornados e sociologia economia. Ou seja, desejamos dar ao tema uma abordagem própria da Sociologia Econômica e, ao mesmo tempo, o tema em foco nos remete à emigração de retorno.

Assim sendo, resolvemos fazer um levantamento da bibliografia sobre cada um deste dois tópicos e apresentamos a seguir um resumo e alguns comentários sobre da Sociologia Economia dos estudos sobre imigração. Depois disso, apresentamos um levantamento sobre migração de retorno.

Abordagem da Sociologia Economia nos estudos migratórios

- RIBEIRO, José T.L. et al. “Efeitos demográficos da migração de retorno: uma proposta metodológica”, Anais Encontro ABEP, 1998.

Baseado na tese de doutorado de Ribeiro, destaca os passos metodológicos para avaliação da migração de retorno nas UFs brasileiras a partir dos dados censitários. Neste artigo, utiliza-se o estudo de caso dos Estados do nordeste brasileiro para avaliação dos impactos e perfil dos fluxos de retornados em relação à população não migrante.

- Tecnicamente, retornados são considerados todos aqueles indivíduos residentes na UF (ou município) de nascimento que, na data do último censo, declararam ter residido fora da UF de nascimento em qualquer período nos últimos 10 anos, ou em uma data de referência (quesito de data fixa, em geral 5 anos exatos precedentes ao censo).

- Além disso, para correta avaliação dos efeitos demográficos da migração de retorno, deve-se diferenciar aqueles efeitos diretos (considera apenas o retorno dos naturais da UF) e efeitos indiretos de primeira ordem (cônjuges e filhos do migrante retornado que o acompanham no retorno mas nasceram em outra UF, anteriormente à data da migração), e efeitos indiretos de segunda ordem (os filhos dos migrantes retornados que nascem já na UF de destino final).
 - Retorno familiar: quando toda uma unidade doméstica retorna para a UF de origem no período censitário (ocorre sempre quando o retornado natural é o chefe de família do domicílio); Retorno não familiar: o retorno de naturais que não constituem uma unidade doméstica autônoma (não estão diretamente associados a um retornado natural chefe de família, ou seja, em geral filhos que retornam para a casa dos pais, por exemplo).
 - O retorno de tipo não familiar, no Brasil, tende a apresentar estrutura etária mais jovem (reforçando a idéia de filhos retornados).
 - Para o período analisado (1970-80) na região nordeste, dos 364 mil retornados, 26,5% eram chefes de família, restando aproximadamente 70% de migrantes pelo efeito indireto de primeira ordem (sem contar o efeito indireto dos filhos nascidos após o retorno do chefe de família).
 - No geral, o impacto demográfico foi de 3.51 pessoas para cada chefe de família retornado. Especificamente, cada retornado implicou o aumento de 0.45 não naturais e 0.47 nascimentos após seu retorno à UF de origem.
 - Importante conclusão: o retorno não familiar tende a provocar maiores efeitos demográficos; e o tempo de emigração e retorno tende a ser curto na migração de retorno do Brasil.
- RIBEIRO, José T.L. e CARVALHO, José A.M. “A imigração para Minas Gerais no período 1981/1991, com especial enfoque na migração de retorno”, Anais do Encontro ABEP, 1998.

Os autores destacam os impactos da migração de retorno no Estado de Minas Geras na década de 80. Definem o perfil dos migrantes retornados e do resto da composição da imigração para o Estado.

- Na década de 80, do total de imigrantes para o Estado, 47,6% consistiam de migrantes retornados, apontando o grande impacto deste tipo de migração nos fluxos migratórios da região.
 - Quando analisados os efeitos indiretos de segunda ordem (filhos nascidos após o retorno) e somados aos retornados totais, conclui-se que 64,8% dos imigrantes do período são produto da migração de retorno.
 - Para cada 2.5 migrantes de retorno estaria associado mais 1 imigrante não natural.
 - O conjunto de retornados possui uma idade média mais central, de quase 30 anos de idade, e a estrutura etária revela poucos jovens abaixo dos 19 anos.
 - Um número relativamente elevado de retornados entre 0-4 anos revela que boa parte dos projetos migratórios ocorreu num período muito curto (menos de 5 anos).
 - Segundo os autores, a grande concentração de retornados nas faixas etárias centrais (15-49 anos) e o número elevado de crianças entre 0-4 anos, indicam migração familiar e determinantes ligados ao mercado de trabalho regional.
 - 79% dos migrantes retornados cujo chefe de domicílio era também retornado se constituíam de migrantes de curto prazo. Em geral, constatou-se que a grande maioria dos migrantes saiu e retornou ao Estado dentro do período de 1981/1991.
- SÁENZ, Rogelio e DAVILA, Alberto “Chicano return migration to the southwest: an integrated human capital approach”, in *International Migration Review*, vol. 26, n.4, pp. 1248-1266.

Análise da migração de retorno de chicanos (americanos de etnia hispânica/mexicana) para cinco Estados do sudoeste nos EUA, no período de 1970-1980. Utilização de um modelo sociométrico de capital humano.

- Utilizando o modelo de capital humano, os autores assumem que os determinantes causais da migração são basicamente de escolha individual (racional e intencional). Conseqüentemente, há uma

consideração privilegiada dos efeitos da migração devido ao ciclo de vida individual (por exemplo, idade economicamente ativa).

- O modelo de hipóteses testou basicamente: 1. se a migração de retorno é efeito das disparidades econômicas entre o local de origem da migração e o local de destino (neste caso o local de nascimento); 2. se o grau de escolaridade e idade dos chicanos influencia positivamente o retorno, especialmente supondo facilidade de alocação no mercado de trabalho local; 3. se existe um efeito de rede sobre a probabilidade de retorno, e neste caso seria, quanto mais imigrantes conterrâneos juntos menor a probabilidade de retorno.
 - O trabalho mostra que a primeira hipótese é parcialmente confirmada. Não existe grande disparidade econômica entre as regiões e, com frequência, a região de destino dos retornados não parece oferecer condições melhores de renda.
 - A segunda hipótese é confirmada, e segundo os autores, no caso estudado, os chicanos mais jovens e educados demonstram maior tendência de retorno;
 - A terceira hipótese é também confirmada. Os chicanos que residem em Estados com menor presença de imigrantes co-étnicos demonstram maiores tendências ao retorno.
 - Principais conclusões do trabalho: na migração de retorno de chicanos os aspectos que mais pesam na decisão de retornar estão vinculados à ausência de apoio (rede) na região de residência, e, conseqüentemente, poucas oportunidades de trabalho. O grau de escolaridade pesa na escolha individual do retorno, enquanto que para indivíduos de menor renda a família é ainda mais importante que a educação. Por fim, os autores não apresentaram uma clara associação entre retorno, sucesso profissional e grau de escolaridade elevado dos retornados.
- MUSCHKIN, Clara “Consequences of return migrant status for employment in Puerto Rico”, in *International Migration Review*, vol. 27, n.1, pp. 79-102.

O trabalho analisa os efeitos do status de migrante retornado sobre o emprego em Porto Rico nas décadas de 70 e 80. Descreve a estrutura do mercado de trabalho local e

regional e contextualiza as interações dos migrantes com a economia porto-riquenha e a sociedade na ilha e no continente (EUA). A tese da autora sugere que o status de retornado potencializa negativamente a aquisição de trabalho em Porto Rico, dada a descontinuidade estrutural e prática das relações sociais (redes) e atividades profissionais por ocasião do deslocamento entre contextos distintos de mercado.

- dois ciclos migratórios importantes em Porto Rico: 1. de 1950 a 1970, grandes fluxos emigratórios para os EUA devido à escassez de trabalho local; 2. de 1970 a 1985, retorno acentuado dos fluxos de antigos emigrantes combinado aos efeitos indiretos de primeira e segunda ordem (especialmente filhos dos retornados – segunda geração da imigração). Aumento do retorno a partir de 1980.
- Características da população de migrantes nos dois ciclos, estrutura etária jovem e concentrada nas idades produtivas. No retorno, estrutura também rejuvenescida, apontando o efeito indireto dos filhos de retornados.
- Segundo a autora, para compreender os efeitos do retorno sobre o emprego deve-se entender o contexto estrutural do mercado de trabalho local e regional. Assim, devido ao tipo de industrialização ocorrido em Porto Rico durante as décadas de 60 e 70, depois da saída de grande contingente de mão-de-obra, o mercado de trabalho local se estruturou de maneira singular (homogêneo em alguns setores e mais heterogêneo em outros). No retorno, muitos migrantes tiveram dificuldades em se realocar no mercado de trabalho, não apenas pela ausência de redes sociais eficientes que ajudassem na procura de emprego apropriado à formação profissional do migrante (supondo o ganho de capital humano e cultural devido à experiência migratória), bem como o efeito da descontinuidade no campo de trabalho local que passa a exigir um tempo maior de reajuste do retornado, nem sempre conseguido.
- Esta situação no retorno tem efeitos negativos sobre a alocação da mão-de-obra retornada no mercado regional – e levanta sérias contestações às teorias correntes do capital humano na migração.
- Crítica ao “capital humano”: do ponto de vista do ciclo de vida individual, a duração da imigração nos EUA leva ao enriquecimento de capital humano

(especialmente habilidades lingüísticas e de trabalho especializado). Contudo, no retorno para o mercado de trabalho local, tais habilidades individuais podem não ser suficientes no agregado da força de trabalho e serem suplantadas pelo aspecto muito negativo da “descontinuidade” estrutural do migrante – isto é, a vulnerabilidade do migrante retornado se encontra na sua incapacidade de se ajustar estruturalmente (tem a ver com as normas, comportamentos e atitudes valorizadas socialmente no trabalho local, além das interações e redes sociais constituídas) ao mercado regional e, neste sentido, as habilidades individuais (capital humano) do ponto de vista coletivo ou agregado não é suficiente para aliviar o efeito negativo do retorno na capacidade de alocação profissional.

- Os principais resultados da pesquisa com retornados mostra que, ao contrário do que postula a teoria do capital humano, aqueles retornados que ficaram mais tempo nos EUA (saíram na década de 50 e retornaram no fim dos anos 70 ou início dos 80), são os que encontram as maiores dificuldades de realocação no mercado de trabalho local, e sofrem mais negativamente com a descontinuidade estrutural do mercado. Além disso, o capital humano não pesa significativamente em relação às conexões de rede dos trabalhadores não migrantes, e assim, estes têm grande vantagem na aquisição do emprego em relação aos retornados.
- LORENZO-HERNÁNDEZ, José “The nuyorican’s dilemma: categorization of returning migrants in Puerto Rico”, in *International Migration Review*, vol.33, n.4, pp. 988-1013, 1999.

Este artigo avalia como os migrantes retornados (adolescents, filhos de retornados mas nascidos nos EUA) são percebidos pela comunidade não migrante e como eles se percebem a si mesmos – através de diacríticos lingüísticos (sotaques, dificuldades de articulação sintática da língua) e comportamentais (vestimentas, agressividade nos cumprimentos, olhares, etc). E finalmente, como o processo de socialização destes adolescentes retornados gera os conflitos com a sociedade local.

- Este é um estudo de psicologia social e avalia os impactos da migração de retorno sobre a personalidade individual de retornados e não migrantes, além da categorização social dos migrantes através das relações conflituosas entre adolescentes nas atividades cotidianas em Porto Rico.
 - O período analisado se situa a partir da década de 1980 até 1995, quando os efeitos indiretos da migração de retorno são particularmente elevados no processo de migração internacional de Porto Rico.
 - O trabalho procura mostrar que os adolescentes retornados são percebidos como membros estrangeiros da comunidade nacional porto-riquenha, e não são reconhecidos como “integralmente” porto-riquenhos. Neste sentido são tratados como uma categoria social homogênea “alienígena”, e são chamados de *Nuyoricans*.
 - Neste processo de categorização social, de fato um processo diferenciado de “ressocialização” através dos vínculos de parentesco paternos, os diacríticos lingüísticos cumprem um papel fundamental, pois denunciam e classificam as posições sociais a serem ocupadas pelos indivíduos retornados em relação aos não migrantes.
 - Consistente com esse processo de categorização social (atribuição pelos “outros”), os migrantes retornados adolescentes também passam a se identificar (auto-atribuição) como parte de um grupo social diferenciado (estrangeiro). Fato que incentiva a intensificação das diferenças percebidas (linguagem, também corporal) e a lógica da tensão através dos constantes conflitos intergrupais.
 - Finalmente, percebe-se que o capital humano (especialmente a habilidade de uma segunda língua e outros conhecimentos tácitos de outra cultura) muitas vezes não facilita a experiência do migrante retornado em Porto Rico. Ao contrário, a evidência de certas habilidades lingüísticas podem levar ao conflito e classificação em uma posição social de antagonismo e desvantagem estrutural no contexto nacional.
- LOCKWOOD, Victoria “Development and return migration to rural French Polynesia”, in *International Migration Review*, vol. 24, n.2, pp. 347-371, 1990.

Estudo da migração de retorno em algumas ilhas da Polinésia Francesa (especialmente o Taiti). O retorno é caracterizado pelos contra-fluxos da zona urbana para a zona rural, e expressa a busca pelo “desenvolvimento” regional das áreas rurais segundo as políticas públicas francesas para as ilhas, e também do ponto de vista individual ou das famílias retornadas. Por outro lado, segundo a autora, o retorno para o meio rural, ao mesmo tempo percebido pelos nativos como uma possibilidade de desenvolvimento, é também de curta duração devida a ausência de recursos naturais na região.

- A autora dialoga com as perspectivas teóricas que criticam a perspectiva do capital humano, e duvidam dos impactos desenvolvimentistas levados pela migração de retorno às comunidades de origem no Terceiro Mundo. Assim, segundo a autora, no caso polinésio, o retorno implica efeitos negativos a longo prazo, e não contribuem efetivamente para o desenvolvimento regional das áreas rurais das ilhas.
- Em geral, as habilidades (capital humano) adquiridas na experiência migratória nos contextos urbanos (capitais portuárias em contato freqüente com as administrações coloniais e turistas ocidentais) não representam vantagens adicionais no retorno às áreas rurais. Frequentemente, tais habilidades são completamente inúteis no contexto da vida camponesa, além disso, a autora ressalta o conflito ideológico e prático entre as visões de mundo experimentadas na tradição das sociedades urbanas, em franco contraste com as tradições camponesas nativas.
- O contraste entre as visões de mundo do contexto urbano e industrializado e do contexto rural e tradicional leva à desestruturação (ou pelo menos o conflito coletivo) da vida nas ilhas majoritariamente camponesas. O retornado, além da grande dificuldade de se alocar funcionalmente, no mercado de trabalho local (basicamente pequenas empresas agrícolas, ou trabalho de subsistência na lavoura doméstica), encontra enormes dificuldades de readaptação ao mundo tradicional, de valores e comportamentos tradicionais (onde a religião desempenha papel fundamental).

- Interessante!: a autora comenta que, a partir da década de 60 e principalmente nos anos 70, cada vez mais as experiências emigratórias para os centros urbanos locais (e às vezes internacionais), tornam-se constantes entre os jovens polinésios, e passam a simbolizar uma espécie de “rito de passagem”. Neste sentido, a migração passa a ser vista não apenas como uma forma instrumental de melhorar de vida, mas fundamentalmente e anteriormente, uma iniciação estatutária, um ritual de passagem de uma condição social para outra, reconhecida e valorizada pela coletividade.
- Na década de 70, numa tentativa de resolver os problemas sociais nas cidades portuárias (concentração urbana desordenada, favelização, colapso do mercado de trabalho local, etc), o governo francês lança políticas de desenvolvimento regional que valorizam especialmente o trabalho nas comunidades rurais regionais. Dá subsídios para a produção de vegetais (hortifrutigranjeiros) a serem exportados para os centros urbanos regionais, e intensifica a construção de infraestrutura nas áreas rurais (construção de “amenidades” urbanas, como escolas, eletrificação, hospitais, etc). Este processo passa a atrair cada vez mais o retorno de migrantes, que procuram se realocar no mercado de trabalho local.
- Crítica: segundo a autora esta forma de desenvolvimento não é suficiente nem auto-sustentável, já que grande parte da mão-de-obra não pode ser absorvida pelo mercado de trabalho local. Além disso, surgem conflitos ideológicos e éticos entre os não migrantes mais tradicionais e os retornados “contaminados” pelo estilo de vida moderno e ocidental. Finalmente, a forma produtiva implantada nas ilhas (produção agrícola capitalista de pequenas propriedades) entra em choque com as divisões coletivas da terra (posse coletiva através das genealogias e cosmologias nativas).
- Segundo a autora, o sucesso readaptativo dos migrantes retornados só tende a ocorrer após longo período de assentamento. Quanto mais recente o retorno maior a dificuldade de reajustamento, menor a renda e mais difícil a vida no meio rural. Apenas depois de aceitar e reincorporar os valores tradicionais, e depois de grande período de privação, o retornando recupera seu status e renda no contexto rural.

- Neste sentido, nenhuma das supostas vantagens adquiridas com a experiência migratória têm funcionalidade na vida comunitária do retornado – nem mesmo na realocação no mercado de trabalho local. Em outras palavras, a idéia principal do trabalho mostra que o capital humano do retornada só pode ter algum sentido e apresentar alguma vantagem individual em função do contexto estrutural (histórico, social e cultural) no qual se insere o retornado.
- CUNHA, Aparecido Soares “Migração de retorno num contexto de crises, mudanças e novos desafios”, in Anais Encontro ABEP, 2000.

Análise das migrações de retorno no Estado de São Paulo entre 1986-1991. Não considera os efeitos indiretos do retorno, mas apenas dos nascidos no destino. Destaca a análise em níveis: regional, intra-estadual e intermunicipal.

- Na emigração total (contando os três níveis de migração) no quinquênio 1986/91, 648 mil emigrantes eram retornados para as regiões de origem, dentro e fora do Estado.
- Considerando os fluxos regionais, o maior contingente de retorno a partir de São Paulo foi direcionado para a região do Nordeste brasileiro e, mais concentradamente para Minas Gerais (somados corresponderam à 83% dos fluxos).
- Observou-se uma distribuição de sexos relativamente homogênea embora os homens sejam ainda maioria entre os migrantes retornados para as regiões analisadas.
- Quanto à estrutura etária verificou-se que os retornados se concentram entre as idades de 20-49 anos, sendo ainda observado uma forte participação de jovens (não-naturais) abaixo dos 15 anos, reforçando a idéia de uma migração familiar no retorno.
- Quanto ao tipo de situação domiciliar, constatou-se o predomínio do tipo de fluxo urbano-urbano, embora exista uma parcela maior de retornados que passam pela zona rural (fluxos urbano-rural em 16%), num fluxo bem maior e significativo quando comparados aos migrantes não retornados (apenas 4%).

- Quanto à escolaridade os retornados apresentam grande concentração de analfabetos e baixa escolaridade (especialmente quando comparados aos outros migrantes, mais escolarizados em média).
 - Quanto às ocupações o estudo mostra que os retornados se empregam em geral nas atividades administrativas e comerciais (quando a escolaridade é mais elevada) e agropecuária ou construção civil (quando a escolaridade é baixa). Mas em geral, os retornados são assalariados (empregados e menos autônomos em relação aos outros migrantes). Por contraste, quando se compara o universo de migrantes analfabetos, observa-se que aqueles retornados se empregam mais rapidamente do que os outros migrantes não-naturais, talvez devido à dificuldade de adaptação no mercado de trabalho do destino, pela ausência de redes pessoais (familiares e amigos) desenvolvidas regionalmente.
 - Em geral, a renda dos retornados varia de acordo com a região de partida, mas é freqüentemente baixa – embora seja maior que a dos não-migrantes de algumas regiões. Contudo, a migração de retorno demonstra o “fechamento” das oportunidades no mercado de trabalho paulista, e os retornados são como que produto da “expulsão” da mão-de-obra, e portanto, de certo insucesso na adaptação econômica no Estado de São Paulo.
- AMARAL, Ana Elizabeth e NOGUEIRA, Ronidalva “A volta da asa branca e as impressões do retorno”, in Anais Encontro ABEP, 1992.

Análise do processo migratório que desemboca no retorno. Quais seriam as causas do retorno? Análise de três aspectos: 1. a busca de realização pessoal (econômica); 2. a mudança nas estruturas sociais da sociedade receptora; 3 o retorno após a mudança das estruturas.

- A emigração dos nordestinos para a região sudeste em fins da década de 1960 e todo 1970 significou uma mudança não apenas de território geográfico, mas também social e cultura. Abandono das relações tradicionais de trabalho, dos esquemas culturais da vida no campo,

substituição das hierarquias de valores e reestruturação das relações sociais dentro da família e dos grupos de amizade e solidariedade.

- Detectam primeiro a emigração como alternativa de desenvolvimento para famílias pobres na região nordeste. Depois de anos de trabalho precário nos setores da construção civil e agrícola da região sudeste, com as crises econômicas recessivas dos anos 80, é detectado o retorno de grande contingente populacional.
 - Pesquisa realizada no Estado de Pernambuco com entrevistas de migrantes retornados (no trânsito de volta para suas cidades, nos ônibus inter-estaduais nas estradas rodoviárias).
 - Maior parte dos entrevistados se compõe de homens, retornados sozinhos, com nível de escolaridade e renda variáveis. Contudo, grande parte retornava sem dinheiro.
 - Sobre o retorno, o que esperar, os migrantes são ambíguos em suas respostas, e expressam perplexidade ao mesmo tempo que confiança: encontrar emprego, fixar residência e constituir família, recuperar o tempo que esteve fora, etc. As causas objetivas do retorno eram o fracasso profissional e a crise econômica.
 - Importância da família e das redes familiares na decisão do retorno. De certo modo, as autoras identificam empreendimentos familiares no destino que ajudam a restabelecer a confiança e esperança no retornado e sua valorização social dentro da comunidade. Então, em substituição ao fracasso alhures, a participação do retornado em sua rede familiar e nos empreendimentos da família podem ajudar na superação das dificuldades econômicas e emocionais devido ao projeto migratório mal sucedido.
- SCOTT, Parry “O retorno ao nordeste – refugio, família e reprodução”, in Anais Encontro ABEP, 1986.

O texto discute questões sobre as causas do retorno, a reinserção produtiva do trabalhador retornado no mercado de trabalho regional do Nordeste brasileiro (entre 1970-85), a reprodução da organização social em torno da família, as redes de solidariedade e sociabilidade no processo migratório, e as relações estruturais capitalistas (econômica e social) do mercado de trabalho nacional e regional.

- Fatores do retorno (caso nordestino): fator econômico, fracasso do trabalho no destino, desilusão e esforço não recompensado facilitam a decisão do trabalhador (e sua família) de retornar para o núcleo familiar original; fator de reunificação familiar, recomposição dos laços de solidariedade originais, papel fundamental da memória social, a saudade e as ligações permanentes com os familiares deixados para trás.
- Segundo o autor, as causas que explicariam o retorno devem ser procuradas na conjugação destes dois fatores que atuam ao mesmo tempo e em correlação.
- Relativização da categoria “fracasso” para compreensão das justificativas do retorno. O fracasso e sucesso devem ser julgados de acordo com o contexto e dos atores em relação: o contexto familiar, o mercado de trabalho na origem e no destino.
- O retorno é entendido como o produto de combinações da estrutura econômica do mercado de trabalho local e nacional, e da estrutura social e cultural que organiza as relações familiares e de amizade (solidariedade) na origem e no destino: o retorno é resultado de redes de relações estruturadas previamente e atualizadas que facilitam a decisão individual e coletiva na migração.
- Importância das redes familiares, do apoio encontrado na unidade doméstica no destino e na origem – o retorno tende a ocorrer de maneira mais acentuada naqueles locais onde as relações familiares são mais fortes e se mantêm por mais tempo – a saudade, e a solidariedade que ela reforça, justifica o retorno para o nordeste.
- Análise de diferentes situações domiciliares aponta também diferentes justificativas e estratégias de retorno – ou seja, não há uma causa única para o retorno, depende antes das configurações locais e biográficas.
- No geral, Scott identifica a migração interregional como um “rito de passagem”: o jovem migra para a metrópole, sofre a distância, o trabalho profano, a diferença e a autoridade; retorna mais experiente, “vitorioso” e capaz de se reintegrar localmente; de “filho” retorna “adulto” capaz de constituir família (nova unidade doméstica).

- Mesmo assim, o autor fala da desilusão e do “refugo”: o retornado é o refugo do Capital concentrado na organização do mercado de trabalho metropolitano. Mas o que é inferior e inútil num lugar pode ser valorizado noutra. Então, em determinadas configurações locais, o retorno pode ser bem sucedido, pois preenche lacunas no mercado de trabalho local (menos desenvolvido). A desilusão e o refugo do destino inicial pode ser o sucesso e acolhimento na reintegração na origem.
 - Segundo Scott o sucesso de reintegração local do retornado se deve à sua experiência adquirida na migração. Contudo, mais que as habilidades individuais (de capital humano) adquiridas em processos tecnológicos e organizacionais avançados, o que parece pesar nessa reintegração é outra habilidade, a capacidade de reconhecer os perigos da “ilusão” da migração de trabalho. Enfim, torna-se bem sucedido ao perceber as ilusões e armadilhas estabelecidas na lógica do deslocamento (por uma espécie de “proteção” contra a falsa idéia propalada pela migração).
 - A maior parte dos retornados volta sem nenhuma economia feita. Ao contrário, voltam destituídos econômica e moralmente de qualquer capital (à exceção, talvez, do capital social mantido com as unidades domésticas). Mas sobre isso o autor pouco acrescenta e aprofunda a investigação.
 - Finalmente, o retorno pode atuar mais no sentido de “apoio” à unidade doméstica (que se encontra em apuros, economicamente debilitada e emocionalmente abalada pela ausência do migrante) do que propriamente uma demanda do retornado.
- Sem Autor, “The coming back: brazilian immigrant families return to Brazil”, sem informação da fonte.

Análise do retorno de famílias brasileiras dos EUA. Destaque para a mudança dos padrões de gênero nas relações familiares. A aquisição de valores nos EUA (especialmente o sentido ético de igualdade de gênero e direitos civis), e a sua incorporação nas atitudes e comportamentos dos migrantes quando moradores dos EUA, permanecem ou não quando retornados ao Brasil? Baseado em entrevistas com 10 famílias (casais) retornadas.

- Principal questão: quando os brasileiros retornam se mantêm ou não os valores éticos/morais adquiridos nos anos de migração quanto às relações de gênero?
- Caracterização dos fluxos de emigração internacional brasileiros para os EUA. Análise tradicional sobre as causas da emigração de brasileiros (fatores econômicos e preocupação com o sustento da família, especialmente filhos).
- Constituição da estrutura familiar brasileira em solo americano e influências da cultura norte-americana: mudança nos padrões familiares, especialmente autoridade masculina. As mulheres tornam-se mais independentes e procuram equivalência nas relações conjugais. Muitas famílias se ajustam culturalmente ao novo contexto ético, de atitudes e comportamentos, reforçando o processo de aculturação e mudança nos padrões das relações de gênero.
- Os constrangimentos causados pelo retorno: conflitos familiares, emocionais e sociais. Uma espécie de “choque cultural” entre os valores adquiridos e aqueles reencontrados no retorno.
- Com relação à mudança nos padrões das relações de gênero quando os imigrantes retornam ao Brasil, a autora constata um “relaxamento” dos valores adquiridos no período de ajustamento à sociedade norte-americana. Em geral, boa parte dos casais parece ter se adaptado satisfatoriamente aos valores americanos quando viviam nos EUA. Mas, quando retornados ao Brasil, as relações de gênero tradicionais presentes na sociedade brasileira tendem a se reforçar e ocupar novamente o espaço na estrutura social familiar.
- O retorno implica condições estressantes de readaptação aos valores culturais. Com frequência o retorno é justificado pela “reunificação” familiar, e devido à sobrevivência de fortes laços familiares (redes).
- Segundo a autora, em torno de 30% da amostra de famílias, consegue manter o padrão de relações de gênero e valores éticos de igualdade nos papéis familiares adquiridos nos EUA. Contudo, boa parte das mulheres retornadas se sente deprimida com o retorno e a incapacidade de manter as relações de gênero conquistadas anteriormente.

- SAYAD, Abdelmalek “O Retorno: elemento constitutivo da condição do migrante”, in *Travessia*, edição especial, Ano XIII, janeiro, 2000.
 - O fenômeno migratório apresenta um paradoxo inerente a sua constituição, pois ao mesmo tempo em que um fluxo migratório possui características universais e estruturalmente semelhantes a outros fluxos, ele desenvolve histórica e socialmente sua singularidade: ou seja, o retorno é a resposta inevitável da migração, faces de uma mesma moeda, indissociáveis – migração e retorno.
 - Perspectiva relacional: a idéia mesma de retorno “está intrinsecamente circunscrita à denominação e idéia de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures” (p.11).
 - O retorno é efeito de uma dissimulação, a falsa idéia de que a ausência da terra natal é temporária, e uma necessidade imperativa. Na realidade nunca se “retorna” de fato, pois a configuração social deixada num tempo anterior não pode ser reconstituída.
 - Para Sayad, o deslocamento físico representa também um deslocamento na estrutura de poder das relações entre migrantes e não-migrantes. Não se deixa a terra natal impunemente, e por isso, a duplicidade presença/ausência se constitui também como efeito de uma ilusão que deve ser encarada, mas só se consegue fazê-lo dissimuladamente. Portanto, o retorno é uma ilusão, mesmo quando efetivado, pois de fato nunca se retorna ao ponto inicial das relações sociais – e o que se tem é uma nova estrutura de poder que condena o migrante a pagar o seu tributo.
 - O retorno é uma denúncia ao sistema desigual que estrutura o fenômeno migratório. E denuncia a fragilidade das relações locais e transnacionais. Assim, o retorno necessita permanecer camuflado, dissimulado e ambíguo.
 - Os retornados são produtos do paradoxo da migração, e de certo modo, funcionam como expiação (individual) de uma força coletiva que precisa

se reafirmar sobre as estratégias de evasão (deixar a terra natal compromete a estabilidade social dos grupos que permanecem). Por isso, segundo Sayad, a dissimulação operativa sempre permanece, e não há como encontrar sentido nas justificativas e ações dos migrantes (sempre ambíguas e “inconsistentes”) sem aprofundar o conhecimento do jogo das relações dissimuladas que estruturam o campo social do projeto migratório.

Algumas Notas para Concluir

Pelas análises diversas (tanto de temas sobre o retorno quanto de perspectivas teóricas) sobre a migração de retorno, fica claro que até agora não existe qualquer consenso sobre as causas, padrões e conseqüências do retorno.

De uma maneira geral e simples, talvez possamos dizer que o retorno não ocorre pura e simplesmente por um “sucesso” ou um “fracasso” econômico no mercado de trabalho de destino. Aliás, esta talvez seja a explicação teórica mais fraca sobre as causas do retorno.

Há uma diversidade muito grande sobre as estratégias dos migrantes e seus projetos de deslocamento. Talvez as maiores recorrências ou padrões seja mesmo a participação das redes familiares tanto para justificar o retorno quanto a própria migração. E as modificações estruturais na reprodução da organização familiar com todo o processo de migração/retorno.

Outro ponto interessante revelado pelos trabalhos antropológicos é a idéia de uma espécie de ritual de passagem para os migrantes. Então o retorno seria visto como uma decorrência necessária do projeto migratório, isto é, conseqüência deste ritual de passagem que o retorno finaliza e sacramenta (idéia de sacralização inclusive).

Pensando a migração internacional, parece interessante conservar esta idéia de rito de passagem, especialmente naquelas situações onde os migrantes não têm necessidade evidente de migrar por causas econômicas ou profissionais (caso de alguns

entrevistados que encontramos em Poços de Caldas), ou onde parece haver uma “cultura migratória” singular que qualifica e necessita de rituais como medida de fortalecimento da ordem moral da comunidade (caso específico de Valadares e talvez possa ser o de Poços).

Finalmente, sobre as teorias de capital humano, parece ficar comprovado a limitação de seu alcance. De fato, em geral, o que se vê é que as habilidades adquiridas durante a migração não parecem ser operativas (ou pelo menos devem ser relativizadas para cada configuração social no retorno) na maioria dos casos estudados. Inclusive, como se viu, em diversas situações, as habilidades adquiridas tornam-se obstáculos à readaptação e atuam também como potencializadores de conflito com os não-migrantes (até dentro da família, como no caso das relações de gênero entre casais).

Assim, tanto dinheiro poupado quanto habilidades técnicas adquiridas não parecem cumprir papel decisivo na readaptação do retornado nas sociedades de origem. Resta saber se no caso brasileiro, em especial na área do empreendedorismo, isto se verifica também.

Sociologia Econômica

Sociologia Econômica e Migração Internacional: conceitos, métodos e resultados

A *American Sociological Association* reconheceu recentemente a sociologia econômica como uma subseção oficial da disciplina, e já incluiu grupos de trabalho regulares para seus encontros anuais. Com raízes nos textos de Max Weber, a “nova” sociologia econômica se desenvolveu nos anos 80 e se insere num momento em que os limites que dividem a economia das outras disciplinas das ciências sociais estão se tornando menos importantes do que eram no início do século passado. As ciências sociais não-econômicas estão plenamente comprometidas a pesquisar em terrenos que os economistas dominavam sozinhos.

Esse é o caso da migração internacional, que tem atraído cada vez mais a atenção dos cientistas sociais, mas que ainda sofre com a falta de instrumentos conceituais de

consenso e de fácil operacionalização. Nesse sentido, a sociologia econômica apresenta e reconstrói conceitos como transnacionalismo, redes sociais, capital social, mercado étnico, mercado imigrante etc. As questões mais comumente trabalhadas a partir desse instrumental são: inserção no mercado de trabalho no país de destino, adaptação na sociedade de destino, imigrantes de segunda geração, sucesso econômico dos imigrantes e desenvolvimento econômico na origem por conta das remessas. Para trabalhar essas questões, as variáveis socioeconômicas estão sempre presentes em modelos de regressão, mas também surgiram novidades: background cultural dos imigrantes, efeitos não-econômicos das redes sociais e a construção de coeficientes para o comportamento do imigrante com relação às remessas financeiras são alguns exemplos.

Em seguida são apresentadas as revisões de alguns trabalhos mais relevantes e próximos ao tema.

Livros e Coletâneas

MASSEY, Douglas S. et al. *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1987.

Este estudo sobre o processo migratório desde quatro comunidades no México para os Estados Unidos é um dos trabalhos mais compreensivos, sofisticados e detalhados na literatura especializada. Seis princípios da migração internacional atravessam o livro na discussão do processo social da migração:

1. a migração num processo de mudanças estruturais
2. o desenvolvimento de estruturas reticulares que possibilitam a migração em massa
3. a adoção da migração internacional como uma estratégia familiar de sobrevivência
4. a tendência da migração influenciar indivíduos, domicílios e comunidades no sentido de aumentar a migração
5. a inevitabilidade de fixação de alguns migrantes no destino
6. a manutenção das redes por meio das migrações de retorno

Os autores demonstram os seis princípios focalizando o desenvolvimento da emigração nas comunidades selecionadas, os padrões atuais de migração, a organização social da migração, a migração e o orçamento domiciliar, os efeitos da migração nas comunidades de origem e a integração dos imigrantes nos Estados Unidos.

Uma das maiores contribuições deste trabalho é a metodologia utilizada. Entre 1982 e 1983 os autores desenvolveram técnicas de pesquisa para examinar os padrões migratórios em comunidades mexicanas com menos de dez mil habitantes e em alguns domicílios na Califórnia. A novidade foi a combinação de um questionário típico de survey com entrevistas qualitativas, que foi denominado de ethnosurvey. A análise convincente sobre mudanças estruturais, tanto nas quatro comunidades do México quanto no sudoeste dos Estados Unidos, apresenta fortes evidências para o princípio de que a migração em massa através de fronteiras nacionais é originada em condições de transformação estrutural, desde o Bracero Accord até a modernização agrícola nas fazendas mexicanas.

Conforme mostram os autores, uma tipologia de redes (familiar, amizade e paisanaje) aciona a organização social da migração, que fatalmente leva à permanência de alguns imigrantes no destino, mas como os autores não consideram diferenças de gênero, não fica claro se as redes funcionam igualmente para homens e mulheres. A falta de considerações sobre diferenças de gênero, como resultado, enfraquece uma tipologia de estratégias de migração apresentada pelos autores numa discussão sobre orçamento familiar.

Em uma discussão sobre os efeitos socioeconômicos da migração no México, os autores demonstram como a migração internacional continuada afetou as quatro comunidades em termos de habitação, padrão de vida, desenvolvimento comercial, propriedade e distribuição de terra e produção agrícola. Todas as argumentações do livro são acompanhadas por uma rica coleção de tabelas que possibilitam a comparação entre as quatro comunidades.

Por fim, os autores se concentram na integração dos imigrantes na sociedade de destino. Ao mesmo tempo em que a integração é percebida como gradual, de acordo com o acúmulo de experiência e de redes por parte do migrante, os dados do ethnosurvey

indicam que o lugar de origem, experiência profissional e status de legalidade têm intensos efeitos na incorporação do imigrante nos EUA.

SASSEN, Saskia. *The Mobility of Capital and Labor: A Study in International Investment and Labor Flow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

A questão principal do livro é como explicar o padrão atual (a partir de 1970) da migração internacional, pelo qual os emigrantes vêm de países emergentes da Ásia, América Latina e Caribe, os quais receberam muitos investimentos estrangeiros e estímulo para criação de empregos, e não dos países mais pobres. Além disso, desde 1970 os emigrantes para os Estados Unidos se concentram em algumas grandes cidades que sofrem com o crescente desemprego, inflação e, freqüentemente, desindustrialização. A hipótese da autora é de que "...o mesmo quadro de processos básicos (fluxo de capitais e suas conseqüências na taxa de emprego) que estimulou a emigração de vários países emergentes estimulou a imigração para várias cidades globais em crescimento." (p.22). Ao conferir o poder explicativo para esses processos, outros elementos teóricos da migração, como terceiro mundo, subdesenvolvimento e políticas de imigração, passam a serem tratados como meros fatores intervenientes na articulação mais ampla de migração laboral e mudança econômica global – particularmente a internacionalização da produção e as relações de mercado.

Os países industriais avançados estão aumentando o uso de trabalho imigrante de baixa remuneração, particularmente os Estados Unidos. Um outro fluxo é direcionado aos países Árabes exportadores de petróleo. Os principais países de origem incluem México, Filipinas, Coréia do Sul, China, Índia e Estados do Caribe. As mulheres predominam entre os migrantes. Nos Estados Unidos, os imigrantes recentes são absorvidos principalmente no setor de serviços urbanos. São os asiáticos, e não os hispânicos, que aumentam mais rapidamente. Tais tendências, no entanto, resultam dos processos básicos que ligam a maioria dos lugares de origem e destino.

A questão central é separada em dois argumentos distintos: o primeiro explora as condições para a formação de um suprimento de trabalho migrante nos países de origem - a situação curiosa de emigração dos países com altas taxas de crescimento industrial e investimento estrangeiro. Resumidamente, quatro circunstâncias explicam esse fato: o

crescimento industrial no terceiro mundo ocorreu devido ao investimento estrangeiro em empresas dedicadas à exportação; ironicamente, entretanto, ao invés de reduzir o desemprego nos países em desenvolvimento, os protótipos das Zonas de Processamento para Exportação mobilizaram novos segmentos da população para o trabalho assalariado, especialmente mulheres jovens. Essa nova forma internacionalizada de produção para exportação rompeu as estruturas de trabalho tradicionais nos países de origem. Não só os domicílios rurais foram divididos e os jovens homens ficaram sem empregos e sem mulheres, como também as carreiras das mulheres nas ZPEs são curtas porque as empresas preferem a docilidade e agilidade da juventude. Essas circunstâncias combinadas criaram uma reserva crescente de migrantes em potencial que tende a migrar para os países mais avançados, em função das atrações culturais e ideológicas.

Em segundo lugar, o mesmo processo de internacionalização explica a demanda por trabalho de imigrante nas cidades globais dos países avançados. Sassen diz que Los Angeles e Nova York são as cidades que mais se beneficiam da imigração, apesar do declínio econômico de alguns setores em Nova York, porque ambas estão se tornando centros de gerenciamento e serviços globais, polarizando o mercado de trabalho em empregos de alta remuneração, como em finanças, gerenciamento corporativo, propaganda e serviços globais, de um lado, e em empregos de baixa remuneração, como em restaurantes, zeladoria, babás de crianças e de animais de estimação, limpeza e toda a economia informal, de outro lado; as classes intermediárias estão desaparecendo nas cidades globais.

PORTES, Alejandro. *The Economic Sociology of Immigration*. New York: Russel Sage Foundation, 1995.

A proposta do livro é associar as inovações em sociologia econômica com proposições e conhecimentos empíricos acumulados por meio de pesquisas em imigração, pobreza e empresa étnica, além de matizar o pensamento sociológico sobre processos econômicos com novas idéias. A “orelha” diz que o livro “gera reinterpretações de questões cruciais da imigração por meio de sábias aplicações de conceitos socioeconômicos”.

No capítulo I são listados cinco princípios da sociologia econômica, a partir da afirmação de que o modelo econômico de comportamento racional de maximização é muito estreito

porque ignora as ações econômicas orientadas socialmente, em direção a uma explicação de como as transações econômicas estão “embebidas” ou inseridas (*embedded*) nas relações sociais, nas quais as redes sociais e o capital social desempenham importantes papéis.

Em seguida, Portes relaciona quatro princípios da sociologia da imigração, iniciando novamente com uma afirmação de que o modelo econômico de maximização é incompleto e sugerindo que o modelo centro-periferia explica melhor os padrões de migração. Em outras palavras, países como os Estados Unidos intervêm em países da América Latina ou do Caribe, gerando migrantes, ou empresas dos Estados Unidos investem no exterior, aumentando as expectativas sem oferecer carreiras de longo prazo em “empresas maquiadoras” e encorajando trabalhadores desiludidos a migrar para os EUA. A discussão deixa claro que existem melhores teorias para explicar porque as migrações continuam, incluindo a teoria de redes e a causalidade cumulativa, do que teorias sobre como a migração começa ou estanca.

A discussão sobre modos de incorporação, ou mobilidade econômica, argumenta que políticas governamentais, aceitação pública e comunidades étnicas são tão importantes quanto as características de capital humano dos imigrantes, intermediários e enclaves étnicos que facilitam as transações quando existe confiança na capacidade comunitária de fiscalização.

No capítulo II, Roberts destaca que a expectativa de duração da permanência afeta a mobilidade econômica e a participação política dos imigrantes. O que ele chama de “duração socialmente esperada” (*socially expected durations*) depende tanto das políticas quanto da expectativa de imigração por parte dos países de destino – países da Europa esperam que os *guestworkers* voltem para seu país, enquanto que os Estados Unidos esperam que os imigrantes tornem-se americanos. Como exemplo, registrou-se que os mexicanos têm seguido tradicionalmente o modelo de recrutamento (*guestworker*), o que ajuda a explicar seu nível de pobreza e as baixas taxas de naturalização nos EUA.

Roberts, entretanto, reconhece que mais mexicanos parecem estar se assentando e naturalizando nos EUA, trazendo novamente a questão que parece fundamental na imigração: o que transforma mexicanos sazonais em assentados e cidadãos? São as

condições econômicas no México, nos Estados Unidos, a possibilidade de continuar com a nacionalidade mexicana, ou o medo de perder os benefícios do *welfare* americano?

A contribuição de Sassen focaliza o mercado de trabalho local e acompanha a opinião de Portes sobre a auto-regulação dos mercados de trabalho para imigrantes. Neste capítulo a autora explora uma aparente contradição entre estudos de caso que mostram como imigrantes podem ganhar “posse” de certos locais de trabalho fechando-os para quem não pertence ao grupo, e estudos econométricos que mostram que residentes locais, similares aos imigrantes, parecem não sofrer altas taxas de desemprego ou baixos salários como resultado daquela restrição.

Um pressuposto recorrente no livro é de que os modelos econômicos dominantes sobre migração e seus impactos são incompletos e conduzem a conclusões parciais, e que a sociologia pode apresentar explicações mais completas. Pelo menos três capítulos tratam de um aspecto particular desta disputa entre a abordagem sociológica e a econômica: como os imigrantes encontram empregos ou começam negócios e quais impactos a presença dos imigrantes causa nos mercados de trabalho nos quais estão inseridos. A conclusão dos textos que seguem essa discussão é de que não existe uma competição significativa entre nativos e imigrantes porque os mercados de trabalho são segmentados e fechados. Além disso, os imigrantes, em grande maioria, são empresários autônomos que criam seus próprios empregos, e normas comunitárias ou étnicas proporcionam a disciplina necessária para prevenir o excesso de exploração nas comunidades de imigrantes.

REITZ, Jeffrey G. *Warmth of the Welcome: The Social Causes of Economic Success for Immigrants in Different Nations and Cities*. Boulder, CO: Westview Press, 1998.

Este livro examina criticamente a tese de diferenciais de salários entre nativos e imigrantes do trabalho de Sassen (*The Global City*, 1991). Reitz usa dados de censos para comparar as sociedades australiana, canadense e norte-americana com respeito ao equilíbrio de rendimentos entre migrantes e não migrantes, como resultado do capital humano. O trabalho de Reitz tem uma metodologia elaborada e extenuante, pois o estudo

comparativo entre países, por meio de dados censitários, é uma enorme tarefa de tabulação, padronização e regressão. O foco do autor é macro, institucional, internacional e cultural, mas ele também leva em conta o local e o mercado de trabalho.

O trabalho de Reitz apresenta evidências que confirmam a idéia de Sassen, mas que também a contradizem parcialmente. Os imigrantes recentes nos Estados Unidos estão fortemente concentrados em cidades com altos níveis de escolaridade, quais sejam: Washington, San Jose, San Francisco, Nova York, Los Angeles e Orange County. Uma vez que Sassen diz que os *yuppies* ricos e com alta escolaridade atraem imigrantes para desempenhar determinados trabalhos nas *Global Cities*, os achados de Reitz confirmam essa idéia. A correlação inversa encontrada entre as cidades com altas taxas de escolaridade e o tamanho do setor de serviços de baixa remuneração, entretanto, evidencia a ausência da polaridade no mercado de trabalho, a qual sustentava a tese de Sassen.

Outra evidencia negativa está relacionada com a exploração dos imigrantes. Reitz concorda que os imigrantes com menor escolaridade se agrupam nas grandes cidades, mas discorda da inferência. Apoiado em modelos de regressão, o autor encontra tais clusters em coexistência com elites sem nenhum papel econômico específico (ou seja, não *yuppies*) e sem relação com mercados para serviços pessoais (para *yuppies*) em expansão. Além disso, ele destaca que a esperada polarização em cidades com alto nível de escolaridade aparece muito menos no Canadá do que nos EUA e absolutamente nada na Austrália. A conclusão é que as diferenças internacionais nos clusters de migrantes evidenciam que a globalização não molda o resultado da imigração de forma tão poderosa quanto Sassen afirma.

Além da crítica a Sassen, o autor apresenta seu próprio projeto. A principal meta do livro é explicar porque imigrantes de mesma origem ganham significativamente menos nos Estados Unidos do que no Canadá ou na Austrália. A explicação mais simples é que os norte-americanos discriminam mais os imigrantes. Acreditando nesse fato, Reitz não compara os níveis internacionais de preconceito ou discriminação racial, mas olha a estrutura de determinadas instituições nacionais: política de imigração, educação, mercados de trabalho e previdência (*welfare*). Dos quatro, a escolaridade dos não-migrantes aparece como a variável mais importante. Devido à alta escolaridade dos norte-

americanos, os imigrantes nos Estados Unidos se classificam mais em patamares inferiores nos quesitos profissionais do que aqueles no Canadá ou Austrália e, portanto, ganham menos se comparados aos nativos dos EUA.

As políticas nacionais de imigração também contribuem para os menores salários nos EUA. As políticas imigratórias do Canadá e da Austrália focalizam mais as credenciais ocupacionais e menos a reunificação familiar que os EUA. As coortes de imigrantes não-qualificado nos EUA, maiores que no Canadá ou Austrália, pressionam a média salarial dos imigrantes para baixo, diminuindo os benefícios do *welfare* se comparado ao que os outros dois países oferecem para os imigrantes.

Canadá e Austrália também regulam mais o mercado de trabalho do que os Estados Unidos. O resultado é um segmento da população imigrante, nos EUA, com menor garantia em termos de saúde ocupacional, salário mínimo, horas-extras e sindicatos, estimulando o desequilíbrio salarial entre migrantes e nativos.

O último capítulo de Reitz entra pelo campo das “políticas para migração numa economia global”. Com ressalvas, o autor contra-argumenta o “chavão” neoliberal de que o Estado-Nação não tem os meios necessários para efetivar políticas frente ao problema da imigração, já que o que causa o desequilíbrio salarial são as instituições, e instituições podem ser mudadas.

Artigos e Relatórios

LOWELL, B. Lindsay; GARZA, Rodolfo de la. *The Developmental Role of Remittances in U.S. Latino Communities and in Latin American Countries*. Ford Foundation Project Report, June of 2000.

Este trabalho descreve o que foi denominado de “a nova face do fenômeno de remessas”. O aumento no volume de remessas financeiras, por parte dos migrantes nos Estados Unidos, para o México, República Dominicana, El Salvador, Guatemala e Colômbia é citado como um processo que induz ao barateamento dos custos de transferência monetária. A atração que esse novo mercado exerce é fator de competição entre as empresas especializadas, que, combinada ao ingresso de instituições não-lucrativas de

transferência (associações de imigrantes), acabam por deixar maior quantidade de dinheiro para os migrantes e seus familiares.

Outra consequência do crescimento das remessas é o surgimento de novas práticas associadas a essa atividade. As tentativas dos governos nacionais de taxarem o ingresso de dinheiro dos migrantes não é uma coisa nova, mas ainda não foi uma tarefa bem sucedida, exceto na Coreia do Sul. As instituições financeiras, por outro lado, estão conseguindo canalizar as remessas. Atraindo as transferências que aconteciam no mercado informal, os bancos dão segurança aos migrantes ao mesmo tempo em que transformam seus depósitos em *bonds*. Além disso, empresas estão criando incentivos para que os migrantes no exterior direcionem suas economias para a produção na origem, ao invés do consumo.

Outro destaque deste trabalho é o registro do estímulo de remessas por parte dos Estados, quando estes apóiam e ajudam na criação de associações de imigrantes conterrâneos (hometown migrant associations - HTA). Alguns consulados mexicanos implementaram nos Estados Unidos, durante a década de 90, o *Programa de Atención a Comunidades Mexicanas en el Extranjero*, que foi responsável pela criação de várias HTAs. Essas associações, por sua vez, capturam remessas coletivas que podem ser usadas em empreendimentos mais vultosos. Como última informação, cabe destacar a revisão realizada em regressões multivariadas de três surveys: outros fatores controlados, cada acréscimo na idade em um ano reduz a probabilidade de remeter em 3%; homens têm maior probabilidade de remeter que mulheres; cada ano adicional em educação reduz a probabilidade de remeter em 7%; cada 1% de aumento no tempo de permanência nos EUA reduz em 2% a probabilidade de remeter.

FUNKHOUSER, Edward. *Remittances from International Migration: a Comparison of El Salvador and Nicaragua*. The Review of Economics and Statistics, Vol. 77, n. 1. Feb, 1995.

O autor usa informações domiciliares de El Salvador (1987) e Nicarágua (1989) para analisar os determinantes das remessas nas migrações internacionais. O desafio é elucidar porque o dobro de domicílios na capital de El Salvador recebe remessas do

exterior quando comparada à capital da Nicarágua, e porque, dentre os que recebem remessas, o valor é mais que o dobro em San Salvador do que em Manágua.

Utilizando modelos estatísticos de regressão para determinar o coeficiente comportamental nas duas capitais, Funkhouser incorpora as seguintes variáveis:

- do migrante: local de trabalho, sexo, idade, anos de estudo, posição na família e anos desde a primeira migração.
- do domicílio: status ocupacional do chefe, número de adultos emigrantes, região do domicílio e situação do domicílio (rural/urbana)

Os resultados indicam que a variável mais importante para explicar a diferença entre as remessas é a escolaridade. A educação é negativamente relacionada às remessas, mas dentre aqueles que remetem, os mais educados remetem mais. Entre os migrantes dos dois países, com mesma escolaridade, os nicaragüenses remetem consideravelmente menos que os salvadorenhos, o que pode ser atribuído a posição política hostil ou afastamento familiar.

ROSSI, Pedro L. *Remessas de Imigrantes Brasileiros em Portugal*. SOCIUS Working Papers. Lisboa, 2004.

Utilizando uma pesquisa com 400 casos, realizada em agências do Banco do Brasil em Portugal, Rossi apresenta a tímida tarefa de levantar questões sobre o assunto das remessas. Trata-se, na verdade, da publicação de um relatório preliminar, na forma de um *paper*, sobre os resultados da pesquisa. Os perfis dos migrantes e os cruzamentos de algumas variáveis, entretanto, merecem alguns minutos de atenção.

BOYD, Mônica; GRIECO, Elizabeth. *Triumphant Transitions: Socioeconomic Achievements of the Second Generation in Canada*. International Migration Review, Vol. 32, N.4. Winter, 1998.

O início da década de 90, nos Estados Unidos, representou um período fértil para uma nova onda de pesquisas sobre a segunda geração de migrantes. Os estudos destacam a especificidade histórica para justificar o maior sucesso das segundas gerações na

América do Norte, a qual situa o contexto de melhor desempenho na interrupção da imigração por causa das grandes guerras, na origem europeia da segunda geração e na expansão do mercado de trabalho entre 1950 e 1960. A tarefa das autoras é sustentar a hipótese de que o sucesso socioeconômico da segunda geração de imigrantes é algo universal.

Os dados utilizados são originários do General Social Survey (GSS) do Canadá de 1994, a partir do qual foram retiradas informações educacionais e ocupacionais sobre pessoas de 15 anos ou mais, vivendo em 10 províncias. A vantagem dessa fonte de dados é que ela permite a recuperação do local de nascimento dos pais do migrante, o qual estabelece a necessária diferenciação da população denominada imigrante. As variáveis usadas nos modelos de regressão são a escolaridade e ocupação, tanto dos pais quanto dos respondentes.

Os resultados indicam que, em média, a segunda geração experimenta um desempenho igual ou melhor na mobilidade intergeracional do que a terceira geração em diante. Da mesma forma, o desempenho escolar e o status ocupacional são os mesmos ou superiores aos da terceira geração em diante. Além dos resultados acima, as autoras detalham as medidas desse sucesso em termos de outras variáveis, como nuclearidade familiar e local de nascimento dos pais.

GUARNIZO, Luis Eduardo. *The Economics of Transnational Living*. International Migration Review. University of California, Fall 2003.

As relações econômicas que os imigrantes mantêm com sua terra natal têm sido analisadas em função da relação entre migração e desenvolvimento. De forma geral, os estudos existentes se preocupam com o fluxo de recursos monetários, em particular, no sentido norte-sul. As remessas financeiras se tornaram evidência concreta e mensurável da ligação entre os migrantes e seu local de origem. A crítica do autor incide no método usado por tais estudos, ou seja, na abordagem que restringe o foco de análise somente nas remessas financeiras, o que causa uma falha importante na compreensão de múltiplos efeitos macroeconômicos gerados pelas conexões transnacionais, econômicas ou não, dos imigrantes.

O conceito de *transnational living*, trazido da sociologia econômica, é justamente a ferramenta considerada por Guarnizo para apreender a amplitude das ações dos imigrantes e sua influência a nível global. *Transnational living* se refere a um grande conjunto de relações sociais, culturais, políticas e econômicas que ultrapassam as fronteiras nacionais e que emergem das ações dos imigrantes para manter e reproduzir seu ambiente de origem no local de destino. Segundo o autor, a articulação entre o modo de vida transnacional e a mobilidade do capital oferece uma perspectiva inovadora entre migração e desenvolvimento.

As assimetrias de classe, gênero ou regionais observadas na origem dos imigrantes não desaparecem com a transnacionalização, mas são alteradas, ao mesmo tempo em que alteram a face do capitalismo. Em última instância, a questão é quem se beneficia dos recursos dos imigrantes e como eles afetam as regras do jogo. Ao mesmo tempo em que o empresariado transnacional representa um novo tipo de empresário – exemplifica o autor – a questão é quais estruturas de poder esses novos empresários criam e afetam e que tipo de constrangimentos e estímulos estão vinculados e esse tipo de mudança.

DURAND, Jorge et al. *International Migration and Development in Mexican Communities*. Demography, Vol. 33, n.2. May, 1996.

A visão predominante sobre migração internacional e desenvolvimento econômico, seja entre acadêmicos ou analistas políticos, é pessimista, no sentido de que as remessas financeiras dos imigrantes não são canalizadas para o desenvolvimento sustentável das comunidades de origem, mas, ao contrário, causam extremo estado de dependência para essas comunidades.

A argumentação dos autores é de que esta perspectiva é incorreta porque ignora as condições segundo as quais o investimento produtivo é provável e lucrativo. Uma série de variáveis agregadas em diferentes níveis (individual, domiciliar, comunitário), originadas em pesquisas realizadas no México entre 1982-1983 e 1987-1992, são utilizadas para explicar vários processos relacionados aos “migradólares”.

A conclusão geral é de que, com respeito a remessas, poupança e consumo, a ação dos migrantes reflete decisões lógicas sobre a disposição dos migradólares em resposta às

condições de mudanças individuais ou domiciliares, ou das condições de flutuação econômica na origem. Além disso, os autores listam 10 pontos específicos de conclusão, dos quais recuperamos 2:

- a quantidade de dólares enviada para o México aumenta diretamente com educação, experiência no mercado de trabalho americano, tempo de permanência e salário nos EUA. Essa quantidade aumenta até os 40 anos e então diminui. Migrantes que possuem casas tendem a enviar mais dinheiro do que aqueles que não possuem. Além disso, quanto mais dinheiro pago a um coiteiro, mais dólares são enviados mais tarde para o México.
- A quantidade de dólares enviada em forma de poupança diminui com a idade, casamento, fixação nos EUA e obtenção de um emprego mais estável nos EUA. A quantidade enviada como poupança aumenta com educação, migração do cônjuge e com a propriedade do próprio negócio.

LIGHT, Ivan et al. *Immigrant Incorporation in the Garment Industry of Los Angeles*. International Migration Review, Vol. 33, n.1. Spring, 1999.

A teoria das redes sociais, nos últimos anos, tem contribuído para os estudos em migração internacional ao analisar os processos crescimento e direção dos fluxos migratórios, além da inserção do migrante na sociedade de destino. Especificamente quanto ao processo de inserção, essa teoria tem lidado com o mercado de trabalho gerado nas comunidades de imigrantes, a economia étnica. O objetivo dos autores é complementar o aparato teórico dessa abordagem para que o contexto no qual grupos de trabalhadores imigrantes não geram muitos empresários seja mais bem explicado.

A inovação nesse trabalho está na criação de um novo conceito: economia imigrante (*immigrant economy*). Ao contrário de economia étnica, na qual indivíduos empregam pessoas da mesma etnia, a economia imigrante surge quando imigrantes passam a empregar outros imigrantes, mas não da mesma etnia. Dessa forma, ao conectar imigrantes de etnias diferentes, membros, portanto, de redes sociais diferentes, a economia imigrante permite que indivíduos tenham acesso a outras fontes de trabalho, que não teriam se somente existisse a economia étnica.

Os autores utilizam informações sobre indústrias de vestuário em Los Angeles para indicar que 3/4 desta indústria surgiram de capital imigrante (financeiro, humano, social e cultural). Tipicamente, asiáticos contratam latinos para compensar a falta de trabalhadores da mesma etnia. Em proporção ao total de operários dessas indústrias de vestuário, 47,2% são contratados nos termos da economia imigrante. Como resultado da economia imigrante a estrutura econômica no destino pode comportar muito mais imigrantes do que somente a economia étnica.

A literatura tradicional sobre redes – dizem os autores – consideram somente o efeito de expansão dos empregos por meio da economia étnica, mas as evidências registradas mostram que a simples economia étnica não esgota os meios pelos quais as redes migratórias expandem a demanda por empregos em destinos específicos: a economia imigrante aumenta intensamente a utilidade da teoria de redes para explicar a migração.

GRIECO, Elizabeth. *The Effects of Migration on the Establishment of Networks: Caste Disintegration and Reformation among the Indians of Fiji*. *International Migration Review*, Vol. 32, n.3. Autumn, 1998.

Este trabalho contém uma breve revisão sobre os conceitos de rede social, laços sociais e capital social, e um trabalho mais detalhado sobre a comunidade de imigrantes indianos de Fiji e as transformações em sua estrutura de casta. O objetivo da autora é mostrar como estão inter-relacionados os processos de geração e manutenção de redes migratórias e de mudança ou desintegração na estrutura de castas.

Os dados históricos e sociais sobre os indianos de Fiji utilizados no artigo são baseados numa combinação de análises de fontes primárias e secundárias. Os dados primários foram levantados em amostras “bola-de-neve” realizadas entre fevereiro de 1989 e setembro de 1990; os dados secundários foram obtidos por meio de arquivos oficiais de Fiji e por meio de revisão da literatura especializada.

Ao determinar as características dos migrantes, a motivação para migrar e a dimensão e duração das correntes migratórias a autora define tipos de migração. Esses tipos de migração influenciam a força e densidade dos laços sociais presentes no processo migratório, além de também afetar a força e densidade das redes sociais que os migrantes desenvolvem na sociedade de destino. Como consequência, os resultados da

migração interferem diretamente no nível de mudança cultural que ocorre no país receptor.

PORTES, Alejandro. *Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities*. International Migration Review, Vol. 31, n.4, Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans. Winter, 1997.

Neste trabalho, Portes apresenta o problema de se utilizar teorias e conceitos sobre migração historicamente construídos para explicar as características atuais do processo. Em primeiro lugar, as pesquisas contemporâneas tentam usar os conceitos de assimilação, melting pot, amalgamação, pluralismo cultural e outros como meios de interpretação para os eventos atuais; além disso, o legado teórico tem sido marcado por uma persistente tendência de perseguir aspectos superficiais do processo de adaptação, como são os estereótipos dos imigrantes segundo sua origem.

O autor divide sua estrutura argumentativa em dois sub-temas: as falhas no processo de construção teórica e uma amostra de temas para pesquisa e teoria sobre migração. Com relação ao primeiro, Portes apresenta quatro problemas:

1. Teorias não surgem por acréscimo de dados.
2. Teorias não correspondem necessariamente à percepção geral.
3. Tipologias não são teorias.
4. Não existe uma Teoria Geral da Migração

No que se refere a novos temas e conceitos, as sugestões são:

1. Comunidades transnacionais
2. A nova segunda geração
3. Domicílios e gênero
4. Estados e Sistemas-Estados
5. Comparações internacionais

Este texto não apresenta soluções completas para os problemas teóricos ou reais novidades nos processos migratórios, mas a visão experiente do autor mostra de forma

clara a discussão atual de conceitos que a sociologia econômica trás para o campo da migração internacional.

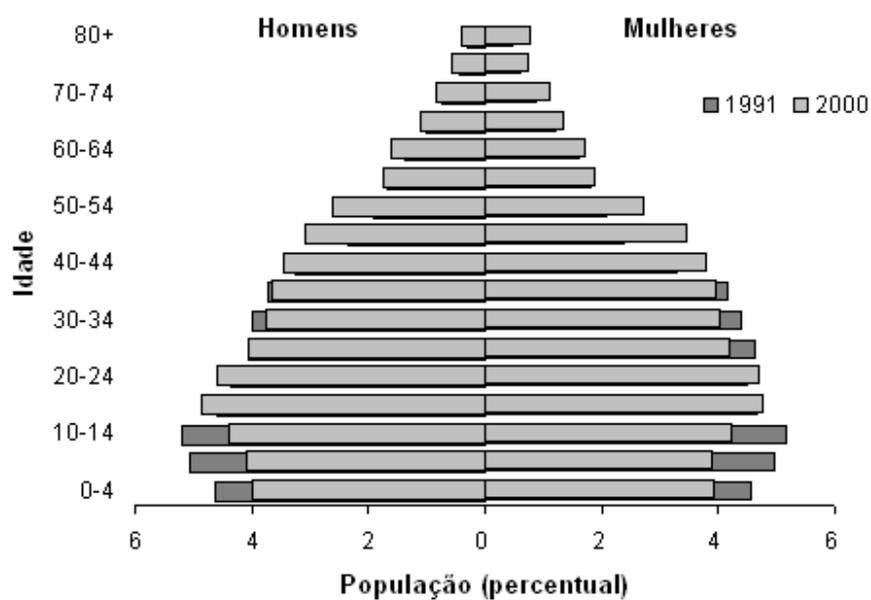
4 - Análise do Censo

NÃO-MIGRANTES, IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA E RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA

1 – POÇOS DE CALDAS: BREVE INCURSÃO DEMOGRÁFICA

A estrutura por idade e sexo de uma população em determinado momento constitui o resultado conjunto dos nascimentos, dos óbitos e dos fluxos populacionais ocorridos ao longo dos 100 anos anteriores a esse momento. A superposição das pirâmides etárias do município de Poços de Caldas de 1991 e 2000 (GRÁF. 1) revela certa acumulação progressiva de pessoas nos grupos etários mais avançados, ou melhor, tendência de envelhecimento demográfico. E as reentrâncias que se observam de um período a outro, em especial nos grupos etários de 0 a 4 e de 5 a 9 anos, guardam correspondência, pela gradativa redução da taxa de mortalidade infantil que se verifica nesse município – de 103,4 por mil, em 1970, a taxa cai para 25,7 por mil em 1991 –, com a queda de fecundidade: de fato a taxa de fecundidade total que se encontrava nesse município na casa de 2,29 filhos por mulher em 1991, chega a 1,81 em 2000, abaixo do nível de reposição.

GRÁFICO 1: ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE POÇOS DE CALDAS 1991/2000



FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS)
 – Censos Demográficos 1991 e 2000

Todavia, importam aqui juízos que guardem relação mais direta com os fluxos migratórios. O declínio da fecundidade e o envelhecimento demográfico – a esperança de vida ao nascer passou de 50,9, em 1970, para 75,9 em 2000 –, que vem sofrendo o município poços-caldense deixam entrever os efeitos de tais fluxos sobre a dinâmica populacional, pois não caberia esperar o aumento, em 2000, do número de pessoas em praticamente todos os grupos etários, TAB. 1: ganho líquido populacional é o que se anuncia como reposta provável nesse caso.

TABELA 1: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR SEXO E GRUPO ETÁRIO – 1980/1991/2000

GRUPOS ETÁRIOS	POPULAÇÃO								
	1980			1991			2000		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
0-4	5135	5217	10351	5076	5038	10114	5421	5332	10753
5-9	4604	4631	9236	5591	5447	11038	5530	5281	10811
10-14	4481	4415	8896	5727	5682	11409	5963	5715	11678
15-19	4505	4643	9149	5062	5130	10192	6611	6434	13045
20-24	4492	4720	9213	4813	4961	9774	6244	6372	12616
25-29	4080	4234	8314	4476	5097	9573	5487	5680	11167
30-34	3406	3278	6685	4407	4826	9233	5106	5478	10584
35-39	2620	2566	5186	4111	4584	8695	4970	5385	10355
40-44	2289	2231	4519	3576	3615	7191	4663	5144	9807
45-49	1890	1867	3758	2602	2620	5222	4163	4666	8829
50-54	1585	1693	3278	2098	2279	4377	3525	3705	7230
55-59	1290	1304	2594	1858	1993	3851	2363	2544	4907
60-64	968	1066	2033	1515	1779	3294	2183	2327	4510
65-69	815	864	1678	1121	1332	2453	1497	1809	3306
70+	936	1145	2081	1574	2133	3707	2463	3564	6027
TOTAL	43096	43875	86971	53607	56516	110123	66189	69436	135625

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980, 1991 e 2000

De fato, a alteração de tendência das taxas médias anuais de crescimento geométrico da população residente de Poços de Caldas, TAB 2, sugere a mesma interpretação, pois se o município suportara declínio de quase 48% na taxa de crescimento do primeiro (1970/1980) para o segundo período (1980/1991), assiste o movimento ascendente dessa mesma taxa no recorte temporal seguinte (1991/2000): de 2,17 ela passa a 2,34 ao ano. Alteração essa que se explica, ante o declínio da fecundidade, pelos ganhos populacionais obtidos pelo município em razão dos fluxos migratórios.

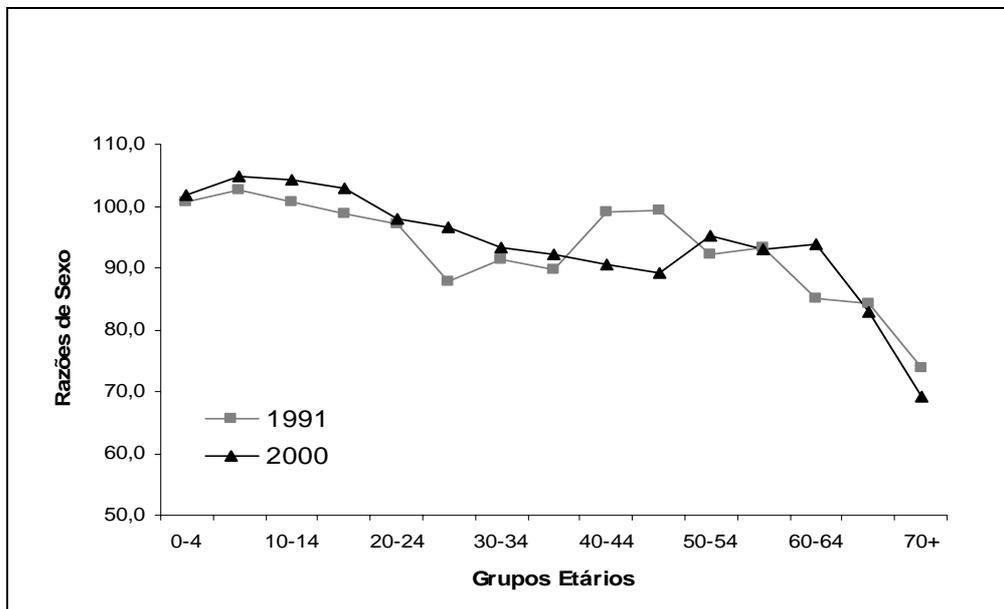
TABELA 2: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO DA POPULAÇÃO RESIDENTE – 1970/1980, 1980/1991 E 1991/2000

PERÍODO	TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO
1970/1980	4,21
1980/1991	2,17
1991/2000	2,34

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 e 2000

Se tais informações, levando em conta os indicadores que acusam o declínio da mortalidade ao longo das últimas décadas, são confrontadas com a medida que reflete o quociente entre homens e mulheres numa população, razão de sexo, GRAF. 2, cabe reconhecer, quanto a dinâmica migratória poços-caldense nos anos 80 e nos anos 90, que o decréscimo, de 1980 para 1991, na proporção de homens nos grupos etários de 20 a 24, de 25 a 29 e de 30 a 34 anos encontra vinculação mais provável com saldo migratório feminino positivo. A curva referente à década de 90 revela movimento descendente uniforme; movimento esse que admite para a menor proporção de homens nos grupos de idade compreendidos entre 25 e 50 anos interpretação semelhante a que se fez no caso da curva dos anos 80.

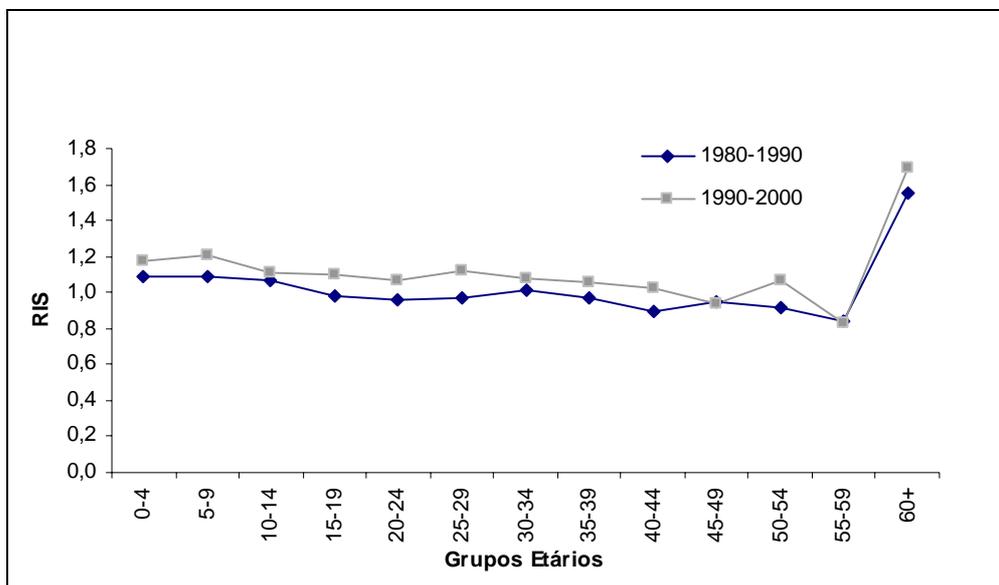
GRÁFICO 2: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – RAZÕES DE SEXO – 1991/2000



FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1970, 1980, 1991 e 2000

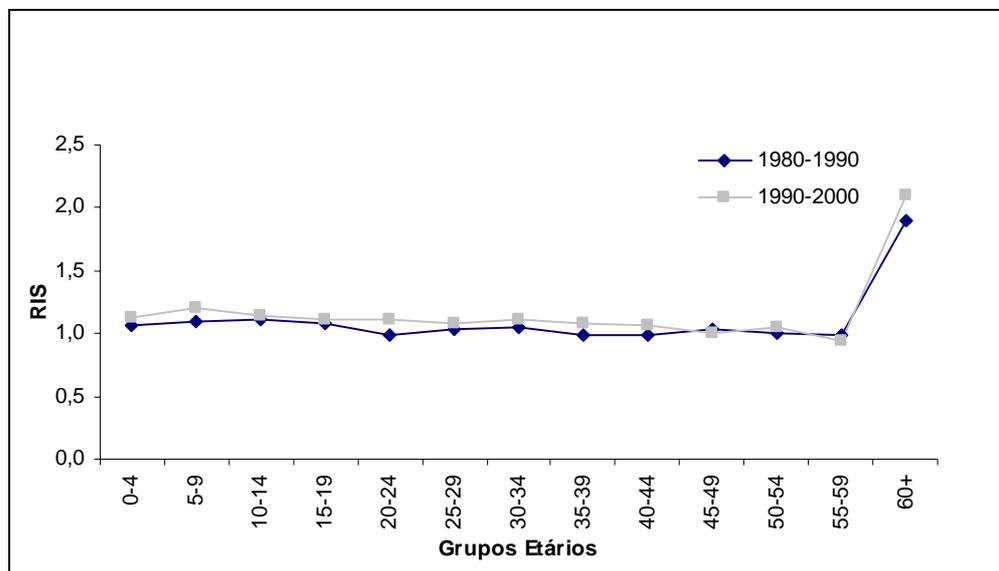
Consentindo a inexistência de variação significativa de cobertura censitária de um censo a outro e o refluxo dos níveis de mortalidade, o exame das relações intercensitárias de sobrevivência do município de Poços de Caldas, referentes aos decênios de 1980/1990 e de 1990/2000, admite também interpretação de natureza semelhante a que foi feita em relação às razões de sexo. O GRÁF. 3 e o GRÁF. 4 põem a par o aumento das relações intercensitárias de sobrevivência para todos os grupos etários da população masculina e feminina de poços-caldense: ganhos mais acentuados inscrevem-se nas idades que se situam entre 15 e 45 anos para os homens e 20 a 24 para as mulheres, o que implica admitir saldos migratórios positivos para ambos os sexos nesses recortes temporais.

GRÁFICO 3: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – RELAÇÕES INTERCENTÁRIAS DE SOBREVIVÊNCIA MASCULINAS– 1980/1990, 1990/2000



FORNE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980, 1991 e 2000

GRÁFICO 4: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – RELAÇÕES INTERCENTÁRIAS DE SOBREVIVÊNCIA FEMININAS – 1980/1990, 1990/2000



FONTES DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1980, 1991 e 2000

Enfim, o que se apreende desse conjunto de indicadores quanto aos fluxos migratórios – ao que tudo indica os ganhos superaram as perdas populacionais em Poços, nas décadas de 80 e de 90 –, está de acordo com o primeiro lugar ocupado por esse município no estado de Minas Gerais, em 2000, consoante a hierarquia fundada no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH.

A análise dos ganhos populacionais internos e internacionais em contraponto com a população não-migrantes de Poços de Caldas, à luz de rigor numérico que contempla rendimentos, escolaridade e raça, constitui tarefa por ser cumprida na seqüência.

2 – NÃO-MIGRANTES POÇOS-CALDENSES, IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA E RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA

2.1 - NÃO-MIGRANTES POÇOS-CALDENSES

O conceito de não-migrante diz respeito a todas as pessoas que nasceram no município de Poços de Caldas e desse município nunca se mudaram. A população

de não-migrantes poços-caldense correspondia a 47,9% do total de residentes nesse município em 1991 e a 51,6% em 2000. A TAB 3 informa que o número de não-migrantes passou de 52 694 a 70 033 pessoas de um censo a outro: um aumento de 32,9%. Além disso, vale registrar a tendência de envelhecimento desse segmento populacional expressa pela elevação da idade média: de 19,2 anos em 1991, a idade média dos não-migrantes subiu para 22,6 anos em 2000.

TABELA 3: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS – POPULAÇÃO NÃO-MIGRANTE, POR SEXO E GRUPO ETÁRIO – 1991/2000

GRUPOS ETÁRIOS	POPULAÇÃO					
	1991			2000		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
0-4	4592	4610	9202	5010	4932	9942
5-9	4533	4515	9048	4693	4376	9069
10-14	4249	4146	8395	4490	4552	9042
15-19	2961	2931	5892	4660	4550	9210
20-24	2432	2305	4737	3643	3855	7498
25-29	1721	2351	4072	2602	3082	5684
30-34	1496	1597	3093	2088	2348	4436
35-39	1229	1134	2363	1882	1965	3847
40-44	911	734	1645	1510	1606	3116
45-49	510	475	985	1386	1209	2595
50-54	420	393	813	859	825	1684
55-59	327	333	660	432	513	945
60-64	340	320	660	472	547	1019
65-69	79	262	341	443	464	907
70-74	108	207	315	183	321	504
75-79	170	148	318	97	152	249
80-84	27	63	90	62	102	164
85+	25	40	65	54	68	122
TOTAL	26130	26564	52694	34566	35467	70033

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

O número de não-migrantes que se enquadrava em alguma das categorias de renda constantes na TAB. 4 sofreu redução de 23,5% de 1991 a 2000; tendência que se deve, em larga medida, ao declínio da participação dos que não percebiam renda alguma: de 15 923 em 1991, os não-migrantes inscritos nessa categoria de renda passaram a 495 em 2000. Cabe ressaltar que o peso relativo das mulheres sem renda mostrou-se bem

superior à dos homens em 1991: ao passo que a participação destes nessa categoria foi de pouco mais de 15%, a daquelas ficou na casa de 31%.

Importa registrar também o fato de que a participação dos não-migrantes nas faixas de renda de 1 a 15 salários mínimos eleva-se de um censo a outro: o caso dos não-migrantes que recebiam de 5 a 10 salários mínimos é exemplar, pois de 1 569, em 1991, eles chegaram a 3 182, em 2000. Além disso, a contribuição das mulheres só supera a dos homens nas faixas de renda de 0 a 1 salário mínimo, as mais baixas.

TABELA 4: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - REDIMENTO NOMINAL TOTAL DA POPULAÇÃO NÃO-MIGRANTE POR SEXO - 1991/2000

RENDA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem renda	5354	10569	15923	46,38	264	231	495	1,89
0 a 0,5 SM	640	711	1351	3,94	135	163	298	1,14
0,5 a 1 SM	1903	2019	3922	11,42	1772	2133	3905	14,88
1 a 2 SM	3343	1926	5269	15,35	3989	4537	8526	32,49
2 a 3 SM	1842	970	2812	8,19	2527	1478	4005	15,26
3 a 5 SM	1883	522	2405	7,01	2857	1115	3972	15,13
5 a 10 SM	1225	344	1569	4,57	2235	947	3182	12,12
10 a 15 SM	292	86	378	1,1	572	177	749	2,85
15 ou mais SM	504	197	701	2,04	903	209	1112	4,24
TOTAL	16986	17344	34330	100	15254	10990	26244	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Quanto à escolaridade, a TAB. 5 revela alta concentração de não-migrantes na faixa de 1 a 4 anos de estudo, 40,3%, em 1991. Atingiu a casa de pouco mais de 8000 pessoas o grupo de não-migrantes que não possuía nenhum grau de instrução nesse ano; e de quase 11 000 os que se situaram na faixa de 5 a 8 anos de estudo.

Em 2000, a disposição dos não-migrantes em relação a essa mesma variável apresenta-se algo mais equilibrada: 24% tinha de 1 a 4 anos de estudo, 27% de 5 a 8 anos e 17% de 9 a 11 anos. O número de não-migrantes que não possuía instrução mais que dobrou de 1991 a 2000, chegando próximo de 17 500.

TABELA 5: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - ANOS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO NÃO-MIGRANTE POR SEXO - 1991/2000

ANOS ESTUDO	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem instrução	4002	4003	8005	18,40	8907	8585	17492	24,98
1 a 4 anos	8851	8710	17561	40,38	8585	8248	16833	24,04
5 a 8 anos	5495	5456	10951	25,18	9592	9350	18942	27,05
9 a 11 anos	2086	2479	4565	10,50	5071	6826	11897	16,99
12 a 16 anos	979	1231	2210	5,08	2001	2272	4273	6,10
17 anos ou +	126	76	202	0,46	407	186	593	0,85
TOTAL	21539	21955	43494	100	34563	35467	70030	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

No tocante à classificação dos não-migrantes de acordo com a raça, verifica-se pela TAB 6 que 42 969 deles, 85,5%, consideravam-se brancos em 1991 e 54 412, 77,7%, julgavam-se nessa mesma categoria em 2000. Os que se tinham na conta de pardos e negros sustentaram, respectivamente, a participação de 13,4 e 4,4% em 1991 e 15,6 e 6,1% em 2000.

TABELA 6: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - COR/RAÇA DA POPULAÇÃO NÃO-MIGRANTE POR SEXO - 1991/2000

COR RAÇA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Branca	21281	21688	42969	81,54	26700	27712	54412	77,70
Preta	1250	1107	2357	4,47	2170	2117	4287	6,12
Amarela	14	26	40	0,08	72	24	96	0,14
Parda	3529	3553	7082	13,44	5439	5463	10902	15,57
Indígena	5		5	0,01	23	55	78	0,11
Ignorado	52	191	243	0,46	160	96	256	0,37
TOTAL	26131	26565	52696	100	34564	35467	70031	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

2.2 - MIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA

O lugar de residência em data fixa passada, em regra 5 anos antes da data de referência do censo, põe à mostra os migrantes de data fixa, isto é, os que residiam em lugares diferentes nos extremos do recorte temporal pesquisado entre duas datas fixas. Assim, deve ser considerado ***imigrante interno de data fixa, todo o residente de determinada unidade espacial brasileira (qualquer município), com idade superior a 5 anos, que, por ocasião do censo, informou que residia em outro município 5 anos antes da data de referência desse mesmo censo.***

A configuração exibida pelos dados na TAB. 7 põe em evidência que o número de imigrantes internos de data fixa admitiu, em Poços Caldas, aumento de 21%: se, em 1991, eles totalizavam 10 490, em 2000, atingem a marca de 12 714. A distribuição por sexo não mostra grandes diferenças na contribuição de homens e mulheres tanto no censo 1991 quanto no de 2000. Verifica-se pequena elevação da idade média dos imigrantes internos: de 29,3 anos em 1991, ela passa a 31,1 anos em 2000, o que sinaliza suave envelhecimento desse segmento populacional de um período a outro.

TABELA 7: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA

POR SEXO E GRUPO ETÁRIO - 1991/2000

GRUPOS ETÁRIOS	POPULAÇÃO					
	1991			2000		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
5-9	606	609	1215	464	509	973
10-14	528	604	1132	682	471	1153
15-19	485	733	1218	809	733	1542
20-24	599	695	1294	921	925	1846
25-29	625	663	1288	767	715	1482
30-34	448	562	1010	607	596	1203
35-39	342	446	788	586	572	1158
40-44	344	352	696	434	476	910
45-49	306	234	540	367	336	703
50-54	137	212	349	279	237	516
55-59	105	135	240	134	135	269
60-64	158	122	280	139	141	280
65-69	127	117	244	115	165	280
70-74	67	63	130	82	48	130
75-79	0	9	9	70	49	119
80-84	16	26	42	0	82	82
85+	0	15	15	24	44	68
TOTAL	4893	5597	10490	6480	6234	12714

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Ganha relevo na TAB. 8 a expressiva redução da quantidade de imigrantes internos de data fixa sem renda de 1991 para 2000: a participação relativa dos que se enquadravam nessa categoria caiu de 34,7% naquele ano para 1,9% neste. Digno de nota nesse caso é a contribuição das mulheres, pois mais da metade das delas, 52%, engrossavam a categoria dos sem renda em 1991. E as faixas salariais nas quais elas mais se concentraram nesse ano foram as 0,5 a 2 salários mínimos. Quanto aos imigrantes do sexo masculino, a concentração deles abarcou um espectro mais amplo de faixas de

renda: as faixas que comportam os extremos de 0,5 a 5 salários mínimos. Os dados informam ainda que os homens tiveram participação superior a das mulheres nas faixas salariais mais altas: em comparação com os imigrantes masculinos as mulheres apresentaram contribuição pouco expressiva nas faixas de renda de 10 a 15 e de 15 ou mais salários mínimos.

A participação dos imigrantes de data fixa nas faixas de renda mais altas sofre acentuada elevação em 2000: a contribuição mais do que dobra nas categorias 5 a 10 e 10 a 15 salários mínimos. Cabe dar vulto à queda substancial das mulheres que não percebiam renda nesse ano, pois apenas 0,5% delas inscreveram-se nessa categoria; e ao fato de que mesmo que a participação das mulheres tenha aumentado, em 2000, no tocante às faixas salariais mais altas, a contribuição dos homens permanece superior a delas nesse ano: como é caso das rendas que se situam entre 10 e 15 salários e de 15 salários ou mais.

TABELA 8: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - REDIMENTO NOMINAL TOTAL DOS IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA, POR SEXO - 1991/2000

RENDA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem renda	632	2579	3211	34,74	91	37	128	1,90
0 a 0,5 SM	161	335	496	5,37	25	33	58	0,86
0,5 a 1 SM	621	733	1354	14,65	321	516	837	12,42
1 a 2 SM	817	669	1486	16,08	1175	997	2172	32,23
2 a 3 SM	671	140	811	8,77	734	139	873	12,95
3 a 5 SM	500	244	744	8,05	766	259	1025	15,21
5 a 10 SM	397	152	549	5,94	619	333	952	14,13
10 a 15 SM	216	16	232	2,51	283	101	384	5,70
15 SM ou +	267	94	361	3,91	256	54	310	4,60
TOTAL	4282	4962	9244	100	4270	2469	6739	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Comportamento semelhante ao dos não-migrantes admite a distribuição relativa dos imigrantes internos de data fixa em relação aos anos de estudo. Observa-se na TAB. 9 que 13,8% desses imigrantes não possuíam instrução e a alta concentração deles, 41%, na categoria de 1 a 4 anos de estudo em 1991.

Em relação a essa mesma variável a distribuição dos imigrantes mostra-se mais equilibrada em 2000: 27,5% deles tinham de 1 a 4 anos de estudo, 27,3% de 5 a 8 anos e 34% de 9 a 11 anos. Ao contrário do que ocorreu, de 1991 a 2000, com a participação absoluta dos não-migrantes que não detinham instrução – o número deles mais que dobrou de um ano a outro; a contribuição dos imigrantes internos sem instrução sofreu redução de 31%: de 1 443 em 1991 eles passaram a 988.

TABELA 9: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - ANOS DE ESTUDO DOS IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA POR SEXO - 1991/2000

ANOS ESTUDO	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem instrução	736	707	1443	13,76	505	483	988	7,77
1 a 4 anos	1890	2415	4305	41,05	1800	1697	3497	27,50
5 a 8 anos	1053	1153	2206	21,03	1900	1575	3475	27,33
9 a 11 anos	597	770	1367	13,03	1402	1655	3057	24,04
12 a 16 anos	518	511	1029	9,81	741	721	1462	11,50
17 anos ou +	98	40	138	1,32	135	101	236	1,86
TOTAL	4892	5596	10488	100	6483	6232	12715	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Houve modificação pouco expressiva na distribuição dos imigrantes internos quanto a raça de um censo a outro. A TAB. 10 informa que 8 612 deles, 82,1%, consideravam-se da raça branca em 1991 e cerca de 9 600, 76%, partilharam desse mesmo julgamento em 2000. Já a participação dos imigrantes nas categorias parda e negra foi respectivamente de 13,3 e 3,9% em 1991 e 17,5 e 4,8% em 2000.

TABELA 10: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - COR/RAÇA DOS IMIGRANTES INTERNOS DE DATA FIXA POR SEXO E GRUPO ETÁRIO - 1991/2000

COR RAÇA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Branca	3935	4677	8612	82,12	4760	4897	9657	75,95
Preta	197	209	406	3,87	381	231	612	4,81
Amarela	10	10	20	0,19	83	31	114	0,90
Parda	733	663	1396	13,31	1194	1033	2227	17,51
Indígena	17	27	44	0,42	43	32	75	0,59
Ignorado	0	9	9	0,09	22	8	30	0,24
TOTAL	4892	5595	10487	100	6483	6232	12715	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

2.3 - RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA

Considera-se aqui como **retornado internacional de data fixa todo o brasileiro nato que por ocasião da data de referência do censo informou em Poços de Caldas que residia, 5 anos antes dessa mesma data, em outro país.**

Importa notar que a quantidade de retornados internacionais em Poços aumenta duas vezes e meia do quinquênio 1986/1991 para o quinquênio 1995/2000: de acordo com o que informa a TAB. 11, esse segmento populacional que, em 1991, comportava 127 pessoas, em 2000, encerra 320 pessoas.

Em comparação com os homens, a participação das mulheres mostrou-se reduzida na composição dos retornados internacionais em 1991 – pouco mais de 18%. No período 1995/2000, a contribuição das mulheres engrossa esse fluxo migratório, quando atinge a casa de 46%.

A análise que toma como referência a idade mostra que a participação dos retornados correspondente aos grupos etários mais jovens, 5 a 9 e 10 a 14 anos, sofre redução, pois

de 37% em 1991 ela cai para 17,8% em 2000. Movimento ascendente é o que percebe no caso dos grupos etários situados entre as idades de 20 a 39 anos: percentual referente a esse subconjunto populacional eleva-se de 46,4% para 61,5% de um período da outro. Ademais cabe notar, em 2000, a expressiva participação do grupo etário de 50 a 54 nesse fluxo de retorno, 14%.

TABELA 11: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA POR SEXO E GRUPO ETÁRIO - 1991/2000

GRUPOS ETÁRIOS	POPULAÇÃO							
	1986/1991				1995/2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
5-9	31	0	31	24,41	12	7	19	5,94
10-14	8	8	16	12,60	12	7	19	5,94
15-19	0	0	0	0	7	12	19	5,94
20-24	8	0	8	6,30	7	13	20	6,25
25-29	7	7	14	11	0	20	20	6,25
30-34	22	8	30	23,62	37	38	75	23,44
35-39	7	0	7	5,51	51	31	82	25,63
40-44	0	0	0	0	7	0	7	2,19
45-49	21	0	21	16,54	7	7	14	4,38
50-54	0	0	0	0	33	12	45	14,06
TOTAL	104	23	127	100	173	147	320	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Seguindo a tendência registrada tanto em relação aos não-migrantes quanto aos imigrantes internos de data fixa, os retornados internacionais reduziram sua participação relativa na categoria dos sem renda: como evidencia a TAB. 12 o percentual de retornados internacionais caiu nesse caso de 29,2% para 12% de 1991 a 2000. E mais, em 1991 a maior concentração de retornados ocorreu nas categorias de renda de 0,5 a 1 e de 5 a 10 salários mínimos – 24 e 26% respectivamente. O ano de 2000 revela que os maiores percentuais de retornados instalaram-se nas categorias de 5 a 10, 33,3%, e de 15 salários mínimos ou mais, 20,4%.

TABELA 12: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - REDIMENTO NOMINAL TOTAL DOS RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA, POR SEXO - 1991/2000

RENDA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem renda	20	8	28	29,17	0	19	19	12,93
0,5 a 1 SM	15	8	23	23,96	11	0	11	7,48
2 a 3 SM	8	7	15	15,63	7	21	28	19,05
3 a 5 SM	0	0	0	0	10	0	10	6,80
5 a 10 SM	25	0	25	26,04	37	12	49	33,33
15 SM ou +	5	0	5	5,21	30	0	30	20,41
TOTAL	73	23	96	100	95	52	147	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

A TAB. 13 põe em evidência a distribuição dos retornados internacionais de acordo com os anos de estudo. Salta aos olhos tanto a grande concentração desses retornados na categoria sem instrução no ano de 1991, 36,5%, quanto o fato de que essa categoria abriga pouco mais de 2% em 2000. Vale ressaltar ainda nesse mesmo ano a alta concentração registrada pelas categorias de 9 a 11 anos e de 12 a 16 anos de estudo: 47,2% dos retornados inscreveram-se na primeira e 12% na segunda. Já em 1991 o agrupamento dos retornados conforme os anos de estudo assumiu a seguinte configuração: 31,7% deles tinham de 1 a 4 anos de estudo, 13,5% de 5 a 8 anos, 12,7% de 9 a 11 anos e 5,6% de 12 a 16 anos.

TABELA 13: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - ANOS DE ESTUDO DOS RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA POR SEXO - 1991/2000

ANOS ESTUDO	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Sem instrução	46	0	46	36,51	0	7	7	2,19
1 a 4 anos	32	8	40	31,75	35	7	42	13,13
5 a 8 anos	17	0	17	13,49	55	27	82	25,63
9 a 11 anos	8	8	16	12,70	70	81	151	47,19
12 a 16 anos	0	7	7	5,56	14	24	38	11,88
TOTAL	103	23	126	100	174	146	320	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

Quanto à repartição dos retornados internacionais consoante a raça, a TAB. 14 revela a prevalência da contribuição dos que se consideravam brancos tanto em 1991 quanto em 2000: 110 retornados, 88%, daquele censo e 247, 77%, deste inscreveram-se nessa categoria. Os que se julgavam indígenas, em 1991, totalizaram 18, 15%, e os que se tinham na conta de pretos e pardos perfizeram, em 2000, o total de 23, 7,2%, e 51, 15,9%, respectivamente.

TABELA 14: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - COR/RAÇA DOS RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA POR SEXO - 1991/2000

COR RAÇA	POPULAÇÃO							
	1991				2000			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
Branca	88	22	110	88	125	122	247	76,95
Preta	0	0	0	0	10	13	23	7,17
Parda	0	0	0	0	39	12	51	15,89
Índigena	15	0	15	12	0	0	0	0
TOTAL	103	22	125	100	174	147	321	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

A distribuição dos retornados internacionais de data fixa conforme os países de residência em 1º setembro de 1986, TAB. 15, põe em evidência que, nessa data, a maior participação relativa deles foi de 42,8% - mesmo percentual para os EUA e o Peru; o segundo lugar, de acordo com essa distribuição, foi ocupado pelos países da África, 14,3%. Em 1º julho de 1995, a pauta de residência dos retornados registra os EUA como detentor do maior percentual, 51,3%; na seqüência, despontam em ordem de importância contributiva Portugal, 24%, Grã-bretanha, 11%, Japão, 6,3%, França, 4,4% e Bolívia, 3%.

TABELA 15: MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS - RETORNADOS INTERNACIONAIS DE DATA FIXA SEGUNDO PAÍS DE RESIDÊNCIA EM 1/9/1986 E EM 31/7/1995

PAÍS	POPULAÇÃO							
	1/9/1986				31/7/1995			
	Homens	Mulheres	Total		Homens	Mulheres	Total	
			Abs	%			Abs	%
EUA	47	7	54	42,86	72	92	164	51,25
Grã-Bretanha	0	0	0	0	21	14	35	10,94
França	0	0	0	0	14	0	14	4,38
Portugal	0	0	0	0	57	20	77	24,06
Japão	0	0	0	0	0	20	20	6,25
Bolívia	0	0	0	0	10	0	10	3,13
Peru	39	15	54	42,86	0	0	0	0
Países da África	18	0	18	14,29	0	0	0	0
TOTAL	104	22	126	100	174	146	320	100

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (ARQUIVO DE MICRODADOS) – Censos Demográficos 1991 e 2000

6 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Os estudos sobre migração de retorno mostram não haver consenso sobre as causas, padrões e efeitos do retorno (Sayad, 2000; Sáenz e Davila, s.d.; Muschkin, s.d.; Lorenzo-Hernández, s.d.; Lockwood, 1990; Cunha, 2000; Amaral e Nogueira, 1992; Scott, 1986; Gmelch, 1980; Brettell, 2000). Análises antropológicas (Gmelch, 1980; Lockwood, 1990; Margolis, 1994; Sayad, 1998; Fígoli e Vilela, 2004; Brettell, 2000) têm sugerido em contextos específicos onde as migrações se tornam estratégias sociais legitimadas na comunidade local (ou mesmo nacional), desenvolve-se aquilo que se tem chamado de “cultura migratória”. Os deslocamentos inserem-se, desse modo, em uma matriz cultural que os legitima e lhes confere autonomia, a ponto de cada tornar os projetos migratórios individuais não depender, necessariamente, de um “sucesso econômico” convencional.

Nas entrevistas coletadas encontramos muitos momentos em que a “necessidade econômica” é relegada a um segundo plano, em favor de um discurso que articula a “experiência” pessoal num campo simbólico, o campo do imaginário, do vir a ser, das realizações “mágicas” – então, a individualidade inicial se revela, de fato, uma experiência coletiva, ou seja, a experiência da diferença cultural, de viver em outro lugar, em outra comunidade. Como conta um migrante, “eu sempre... não sei... Acho que, desde criança eu tive vontade de ir, já era um sonho, não sei se era meu destino ou o que era, dentro de mim eu tinha isso de morar lá”. E este sonho ganha objetividade prática através da legitimação no discurso econômico (pois socialmente aceito na comunidade de origem e destino). “Foi um motivo financeiro, a gente tava vendo que todo mundo que tava indo tava progredindo, então é lógico. A gente também era jovem, cheio de expectativa na vida, não tinha medo, queria só ganhar, ganhar a vida, né, fazer um pé de meia porque aqui no Brasil é muito difícil. É um sonho americano, que a gente acaba tendo, né?”

A cultura migratória ganha força a partir da sua objetivação nos discursos migrantes que se justificam “racionalmente” pela necessidade econômica. O “sonho americano” é a palavra mágica que vai justificar o deslocamento de muitos migrantes e ocultar o sentido prático do ritual (a noção de destino, de uma força interior, individual e natural do desejo de migrar) por uma causa objetiva, a busca do sucesso financeiro.

A força deste discurso que valoriza a experiência cultural, uma verdadeira experiência da alteridade, é impressionante. As frases são recorrentes na avaliação da migração. Valeu a pena emigrar? “Ah, por experiência de vida, né, pelo que você conhece. É outra cultura, é outro tipo de pessoa, ah, fiz muita amizade, valeu cada segundo, não me arrependo por nada.” E outro afirma igualmente convencido de que, “culturalmente eu gostei de mais porque foi uma oportunidade que eu tive na vida de conhecer outras línguas, outros povos, outros costumes. Isso tem uma validade muito grande pra gente né. Você pode passar isso pros filhos né, pra toda a sua família né.”

Assim, as migrações se legitimam socialmente através de normas e valores próprios das comunidades, e os deslocamentos passam a significar o processo de reconhecimento e pertencimento coletivo. Em outras palavras, em comunidades como a de Poços de Caldas, as estratégias sociais de negociação e construção das identidades, necessariamente, passam pela organização de uma cultura migratória que valoriza o ato de emigrar como requisito essencial ao ser poços-caldense. Por consequência, para o jovem de Poços de Caldas, emigrar para os EUA passa a ser um fato natural, o devir existencial que marca sua identidade singular – e neste sentido, antropologicamente, o deslocamento é entendido como instituição social expressa ritualmente.

Isto não quer dizer que o sucesso financeiro, ou melhor, a necessidade econômica seja uma motivação ilusória ou menor para o deslocamento. Antes, ela cumpre este papel fundamental de legitimação da migração e de estopim, no sentido de dar o primeiro “empurrão” à decisão de migrar. Por isso, a consistência interna do discurso migrante se compõe de ambigüidades aparentes misturando sentimentos, emoções e racionalidade. Então, se o migrante exalta imediatamente a experiência subjetiva, logo depois recobra a “consciência” daquilo que lhe parece socialmente legítimo. Assim, os motivos pelos quais valeu a pena migrar, “primeiro, experiência de vida, [porque] eu fui pra lá, fui viver um outro país, outra experiência, pra mim foi fantástico, uma vida diferente, mas também pelo dinheiro, viver fora, né? É bom pra você aprender outras coisas diferentes. Valeu a pena”. Embora, como mostra outro entrevistado, o discurso migrante seja mesmo complexo, revelando uma aparente ambigüidade que ressalta a experiência subjetiva, expressando-a através de um discurso objetivante, ou seja, o econômico. “Olha, eu coloco sempre as coisas materiais, dinheiro, em 3º, 4º plano. Então, eu acho que a experiência, as amizades que inclusive eu fiz lá com pessoas de outros países, e mesmo com brasileiros

de outras regiões sem ser a minha aqui, que é o sul de Minas, isso aí, eu dou muito valor. Sempre que eu encontro alguém assim, que eu convivi com a pessoa ou lá, ou aqui de tempos passados, a gente consegue ter boas lembranças, trocar umas idéias. Eu acho que, graças a Deus, a experiência, nesse sentido, pra mim foi muito boa. Consegui, o que eu consegui, acho que financeiramente, se eu tivesse ficado aqui trabalhando, talvez eu conseguiria a mesma coisa, até mais, até menos; isso aí, pra mim não influenciou muito, não”. Pensando a migração internacional, parece interessante conservar esta idéia de rito de passagem, especialmente naquelas situações onde os migrantes não têm necessidade evidente de emigrar por causas econômicas ou profissionais, como por exemplo, a emigração internacional entre os jovens de Poços de Caldas.

Esta percepção (de que os motivos da migração em Poços de Caldas mesclam tanto desejos subjetivos dos indivíduos quanto condicionamentos estruturais, tanto de ordem econômica quanto cultural) tem conseqüências importantes não apenas para as constatações desta pesquisa, mas também confirma os debates atuais sobre as teorias de capital humano com relação aos efeitos da experiência migratória, que parecem ter alcance limitado quando comparamos alguns estudos sobre realidades empíricas diversas (Saézn e Davila, s.d.; Muschkin, s.d.; Lorenzo-Hernandéz, s.d.).

Em geral, constata-se que as habilidades adquiridas durante a migração, com freqüência não parecem ser operativas na maioria dos casos estudados. De fato, a importância das habilidades adquiridas no processo migratório deveriam ser, ao menos, relativizadas em cada configuração social no retorno.

Nas entrevistas analisadas, percebe-se que alguns retornados já possuíam uma certa experiência empreendedora antes da migração, fosse uma experiência prática (no sentido de já haver trabalhado no comércio ou sido empresário), ou então uma qualidade inerente para os negócios. Por exemplo, como disse um retornado, empresário de sucesso em Poços de Caldas, “bom, de profissão, é o seguinte: eu sempre fui muito, desde criança, desde que me entendo por gente, eu sempre fui de... Tudo eu acho que eu posso fazer. Eu tenho muita confiança em mim. Eu acho que eu posso fazer. Eu tenho muita confiança em mim. Eu acho que eu posso fazer um negócio desse, eu acho que eu posso desmontar aquilo ali, que eu faço outra vez. Não é sempre que dá certo, mas eu sempre acredito”. E mais especificamente sobre o empreendedorismo anterior à emigração, outro

entrevistado afirma que “Eu trabalhava muito com vendas. Agora é...eu trabalhei com vendas desde os 16 anos. E antes de ir, a gente estava com um estacionamento de carro”.

Contudo, também é um fato evidente que as experiências migratórias contribuíram decisivamente para o sucesso de muitos retornados empreendedores, especialmente se se considera a mudança de comportamento e atitude no campo do trabalho devido à experiência cultural nos EUA. Por exemplo, “quando eu fui pra lá, eu já tinha negócio meu. Aí eu vendi. Faz 32 anos que eu tenho firma registrada no meu nome. Eu tenho 50 anos, e faz 32 anos, eu comecei a trabalhar com 18 anos, como empresário, com firma. Eu aprendi muitas coisas no meu serviço com eles, eu aprendi que, por exemplo, o meu negócio é pequeno, mas é organizado, tem muita limpeza, muita organização, muito controle das coisas, não tem brincadeira. Eu tenho empregado que trabalha comigo há 15 anos, mas a gente não brinca, a gente respeita, a gente se dá bem, mas sem brincadeira. Comecei a respeitar mais eles, pagar mais, pagar o justo pra ele não roubar. É um outro mundo, é um outro mundo”.

De maneira mais contundente, outro entrevistado afirma que “quando eu vim embora, eu tinha a idéia já de não trabalhar mais pra ninguém, certo? Trabalhar por conta própria. E graças a Deus, eu, de lá pra cá, nunca mais trabalhei pra ninguém. Montei uma oficina”. Portanto, as adaptações no mundo do trabalho e do empreendimento ocorrem inevitavelmente quando os migrantes retornam e sempre se busca aplicar aquilo que viveu no lugar de origem.

Assim, quando perguntados sobre o que trouxeram dos EUA, baseados em suas experiências pessoais, todos os migrantes ressaltam o ganho subjetivo além do material. De fato, embora muitos revelem o acúmulo de capitais como principal motivação para a migração que se justifica pelo saldo financeiro positivo após anos de isolamento e privações, por outro lado, nenhum migrante deixou de ressaltar os ganhos subjetivos da experiência que tem a ver com as mudanças de comportamento e atitudes diante da vida.

Nesse sentido, os ganhos pessoais que revertem ao empreendedorismo no retorno, devem ser entendidos como conseqüentes de uma transformação íntima e imaterial, que se articula no nível do discurso. Talvez por isso, todos os entrevistados, ao tentarem

expressar a complexidade dos ganhos da experiência migratória, acabem fundindo as experiências e aprendizados mas sempre na direção dos aspectos culturais, do estilo de vida americano. Como diz uma entrevistada, “o que eu trouxe de bom, foi isso, foi experiência, o amadurecimento, aprender a me virar sozinha quando precisar né. E que mais que eu posso dizer... aprendi um pouco da língua, isso também é muito bom, porque eu penso assim, se eu tiver que arrumar um emprego hoje aqui no Brasil, isso já conta né, saber um pouco do inglês. E que mais...e materialmente falando consegui o que eu fui buscar né...Foi a minha casa, que eu tanto sonhava. E Deus não me deu só a casa, ele deu a casa e deu uma loja, essa lojinha aqui que você tá vendo”.

Um migrante ressalta seus ganhos pessoais que expressam uma assimilação brutal do estilo de vida norte-americano: “Conhecimento, entendeu? Conhecimento. Eu desde de cedo já tinha tudo premeditado(...),as pessoas foram falando direitinho como que eu tinha que lidar, como que eu tinha que fazer, e a maior lição pra mim, nos EUA foi trabalhar com americano, porque não tem brincadeira, entendeu? Não tem paciência, não tem moleza, ou você faz ou você sai da frente porque tem alguém fazendo e a única maneira de obter o resultado que você quer é fazendo e lutando. Então eu posso falar para você que a melhor coisa que eu trouxe dos EUA foi essa mania de querer dominar, de querer conquistar, de querer fazer independentemente de quem está na frente”.

Ainda sobre o que se traz, segundo um retornado, “além do dinheiro, uma experiência, uma experiência de vida né, de comércio. Eu não sei, eu não conhecia outros lugares. (...)E lá me abriu a cabeça, minha visão de mundo, né. E como os americanos vivem, né. E lá eu conheci outras pessoas, indiano, mexicanos, e a gente aprende um pouco de cultura de cada um, né. Foi muito legal”. E isto que se traz se aplica no retorno, nos empreendimentos locais. “(...) Olha, hoje eu tenho restaurante aqui em Poços. O que eu fiz lá era numa pizzaria. Então a principio eu comecei na cozinha, lavando prato, tal. Passou mais uns meses eu comecei a fazer a massa da pizza. Dali a um tempo eu já tava trabalhando na frente, no balcão, adquiri um pouco de inglês, né. E em pouco tempo eu já tava atendendo balcão, atendendo telefone, a lidar com um cliente. E isso me ajudou. Eu trouxe isso aqui pro meu restaurante também, a maneira de atender os outros, a simpatia, né. E pra mim a diferença foi boa, eu trouxe de lá.”

Por outro lado, nem sempre aquilo que se traz é suficiente para o sucesso empresarial. E muitos migrantes retornados relatam suas dificuldades com os negócios abertos no retorno. Outros ressaltam – segundo discursos que poderiam aparentar contradição – que nem todos conseguem aprender com a experiência migratória, e muitas vezes, mesmo diante do aprendizado e dos recursos positivos adquiridos, o fracasso pode ocorrer.

Então, primeiro, é interessante notar que há uma espécie de “autocrítica” sobre as experiências pessoais dos migrantes e a capacidade de aprendizado e transformação dos empreendimentos no retorno. Como diz um entrevistado, “o que eu trouxe pro Brasil de ótimo foi o conhecimento, a cultura, essa força que lá... Lá o americano tem a força, o que é a força? A força é que nada pra ele é barreira. E hoje, nada pra mim é barreira, qualquer coisa que eu tenha que enfrentar, eu luto. A força de vontade. É o que muitas vezes o brasileiro não aprende lá. Ele chega lá, rala, trabalha, vira empregado doméstico e chega aqui quer se sentir o dono de tudo”.

Segundo, nem sempre o sucesso econômico é garantido pela capacidade individual de empreender, ou pelo menos, pela consciência do empreendedorismo. Para muitos o sucesso se traduz em bens de capital fixo, na aplicação segura dos ganhos financeiros no lugar de origem, ou seja, bens imobiliários. Assim, “quando eu cheguei... 99% das pessoas que vem de lá pra cá, trazem comércio pra trabalhar aqui, não conseguem, entendeu? Eles chegam e... Igual meu pai mesmo, entendeu? Vem aqui, quebra e tem que voltar pra lá. Então, eu também, eu não quebrei a regra, cheguei, levei um tropeção grande, perdi muito dinheiro. Aí o que eu tinha em imóvel, tudo, foi o que me deu uma base pra poder evoluir como pessoa e conseguir hoje em dia levar uma vida normal”.

De acordo com outro entrevistado, todo o ganho financeiro era remetido para o Brasil, para familiares, com o objetivo de preservar o capital adquirido com o trabalho pesado. “Eu tinha um cunhado aqui em Poços e eu mandava pra ele. Sempre comprei alguma coisa, comprei terreno, comprei casa. Eu mandava dinheiro pra ele e ele ia mexendo com as coisas, ia comprando alguma coisa em Poços. Comprei terreno, comprei apartamento, depois eu construí, eu vendi tudo e construí um prédio”.

Contudo, talvez o aspecto mais interessante revelado por esta pesquisa seja o processo de “tomada de consciência” sobre o valor do Brasil, e mais que isto, o valor de ser

brasileiro, de ser cidadão, e de se sentir parte integrante de uma comunidade singular. Neste sentido, o resultado das experiências migratórias confirmam as observações anteriores, ou seja, muito mais que um resultado de ordem econômica, os migrantes em seu ritual de passagem, aprendem a avaliar seu papel na comunidade nacional, adquirem uma consciência cidadã talvez obliterada antes da migração.

Em outras palavras, migrar significa em si mesmo “empreender”, mas não o empreendimento limitado à prática comercial cotidiana, senão o empreendimento profundo de aquisição de conhecimento, auto-conhecimento e auto-determinação, o reconhecimento de uma identidade coletiva que antes não parecia ter significado concreto. O migrante ganha mais que bens materiais, pois em sua travessia ele descobre sua cidadania, apropria-se de uma consciência cultural que possui raízes na coletividade. Do isolamento inerente ao processo de deslocamento, o migrante descobre que não está só, nem na origem nem no destino.

Talvez esta interpretação seja mais coerente com os simbolismos contidos nos discursos dos migrantes que, com frequência, valorizam o retorno para o Brasil, especialmente o grupo familiar.

Assim, desde sempre os aspectos negativos da migração se relacionam, invariavelmente, a um certo isolamento da família – as queixas sobre o sofrimento alhures devido às saudades do lar deixado para trás, da convivência familiar ausente, são uma constante nos discursos migrantes. Na aparente contradição do discurso, a valorização dos laços familiares é recorrente. Embora a partida seja justificada pela necessidade econômica ou pela busca de uma experiência de alteridade (conhecer outro estilo de vida), no final o reconhecimento de si mesmo passa pela valorização da vida familiar e comunitária na origem.

Como afirmou um retornador, “porque eu acho que toda pessoa que tiver a oportunidade... Só de sair do seu local mesmo, você já tá buscando alguma coisa. E ainda tive a oportunidade de ir pra fora do país. Isso eu acho que é pra qualquer pessoa, por causa do conhecimento. É lógico que valeu a pena por... Ah valeu a pena, foi essa a pergunta né... Valeu a pena. Mas eu acho que assim... em termos culturais mesmo, familiar também, eu sou muito família, sentia muita falta disso...foi por isso que eu voltei, eu fui duas vezes.

Acho que das vezes eu voltei por causa da família, mas fora isso vale a pena... Não sei até que ponto, vale assim, você passar um tempo da sua vida lá, agora mudar pra lá, constituir família, migrar mesmo, né..eu não considero que eu migrei pra lá, eu fui buscar experiência, mas sabia que ia voltar". Sim, "sabia" que ia retornar porque não se podia deixar para trás os laços familiares. Daí que, constituir família no destino seja identificado diretamente a "ser migrante".

Por mais que se procure manter a motivação para a migração, e por mais objetiva que seja ela (uma razão econômica), no final a força dos laços com a comunidade original se fazem sentir. "eu fiquei sozinho. Ainda resisti pra voltar, minha mãe insistia, "Vem embora, vem embora", eu ainda fiquei mais uns seis ou sete meses sozinho, né. Aí eu voltei, cedendo à pressão da família. Eu gostava de lá. Lógico que a gente tinha saudades, mas eu gostava muito de lá".

Depois de retornar e reencontrar as conexões familiares, e reconstituí-las, a experiência migratória só pode ser admitida como uma lembrança, como parte da memória que preferencialmente não deve se repetir. "Retornei por, por...mais...familiar. Minha família não conhecia minha ex-mulher, minha mãe morreu sem conhecer os netos, depois meu pai, começou a falar que ia morrer, que ia morrer sem conhecer ninguém. E voltei. Mais por esse motivo. E eu cheguei no Brasil também, me dei super bem, e agora, penso dez vezes em voltar. Já não tenho vontade de voltar não." O discurso migrante pareceria contraditório e cheio de armadilhas se não fosse interpretado no seu próprio contexto. As complexidades discursivas vão se revelando por uma lógica interna, uma coerência singular.

Assim, o que parecia impossível anteriormente, o reconhecimento do Brasil como uma comunidade acolhedora, onde o trabalho e a qualidade de vida são possíveis, emerge subliminarmente na evocação do trabalho, nas comparações sutis entre a realidade vivida nos EUA e aquela deixada no Brasil. Então, quando questionado sobre a causa do retorno ao Brasil, um entrevistado responde imediatamente: "primeiro por causa da minha família". Para, logo em seguida, num processo de reflexão sobre a própria experiência dizer que, "segundo, porque eu sempre consegui sobreviver no Brasil, porque eu gosto de levantar cedo e trabalhar".

Desta constatação – de que no Brasil é possível ter sucesso para qualquer um que tenha “vontade de trabalhar” e ainda permanecer junto da família – para a reavaliação da imagem que se tinha do lugar de destino, os EUA, é um caminho direto. “Então, esse sofrimento... Aí, você começa: “Pô, mas eu no Brasil não passo fome; eu tenho casa; moro, não vai faltar nada...” E você começa se alimentar de uma mentira, você se ilude pra poder conseguir tolerar ficar lá. Então, você começa: “Não, mais daqui uma semana...”. O “duro” de tudo é que eu não tinha dinheiro mais”.

Por isto a necessidade de Deus, o sentido da fé, sua redescoberta ou aquisição durante o isolamento no processo migratório. “Então, quando eu tava, assim, porque sempre você tá aflito com alguma coisa. Então eu pedi pra Deus que me ajudasse, e as vezes até chegava a orar, a pedir, a realmente pedir pra ele, e me ajudava muito”.

Quando confrontados com a saudade de casa, a ausência dos familiares e amigos, à imprevisibilidade dos comportamentos sociais que antes se conhecia tão bem, os migrantes tendem a reavaliar suas experiências com outros olhos – olhos críticos, olhos de quem se reconhece naqueles que se deixou para trás, de quem se reconhece membro de uma sociedade que se negava ou desvalorizava. Em contrapartida, a própria comunidade brasileira no destino é reavaliada com desconfiança e (auto)crítica: “É que o brasileiro é muito esquisito fora daqui, não sei se alguém comentou isso com você. O brasileiro lá tá trabalhando, mas eles não são aqueles mesmos do Brasil. Eles se fecham, fofocam muito. São traíras mesmo, traem mais fácil você entendeu? Ele, é mais fácil ajudar outra pessoa do que um brasileiro, ele quer se dar bem, entendeu? E é muito chato isso. Isso é uma coisa, que eu também cheguei a pegar isso, um dos motivos que eu me assustei foi com isso”.

Descobre-se que o brasileiro pode e deve viver no seu próprio país, mesmo para um migrante nascido nos EUA, filho de brasileiros que afirma “a vontade de vim ver o Brasil, porque, quem ta nos Estados Unidos só fala de uma coisa, do Brasil. Então desde pequeno eu via as pessoas falando do Brasil, de como o Brasil era bom, que no Brasil é assim, que se você tiver um método de trabalho, você tiver disciplina, você poderia fazer mais dinheiro até que lá nos EUA e eu me sentia bem, mas não me sentia no meu país. Eu sabia que tinha várias coisas que eu poderia tá reivindicando, que eu poderia estar

obtendo, mas por causa que eu não era americano, eu não estava recebendo, então eu decidi vir pro Brasil”.

Ao final deste processo de reflexão e auto-conhecimento, o migrante também passa a relativizar o estilo de vida americano, em geral comparando o empreendedorismo e o trabalho nos EUA com a vida familiar. Deste modo, segundo um retornado, os trabalhadores americanos “têm uma vida que acaba virando, assim, é uma máquina né, eles têm que trabalhar de dia pra comer de noite. É diferente da gente, né. Aqui se eu não tiver como comer na minha casa eu vou na casa do meu pai, vou na casa de um amigo, vou na casa de um parente. Se eu não tiver como dormir aqui eu durmo na casa de vários amigos. Lá a gente vê que eles são muito assim isolados da família. Você olha pra eles assim, eu falo de experiência dos garçons que eu convivi com eles, eles são muito tristes, muito tristes.”

Talvez, a melhor síntese deste aprendizado, desta experiência singular oferecida pela migração, esteja contida nas palavras de um migrante retornado, que afirma, “pela experiência, a gente viver num país fora do Brasil, você tem algumas idéias melhores do que acontece no exterior. Você passa por experiência diferente, pode um dia voltar, recomeçar e dar mais de valor; principalmente em família, também da sua cidade, do seu país, povo brasileiro. Em si, eu acho que nesse sentido, valeu a pena”. Enfim, a racionalidade e objetividade econômica, no processo de aquisição da consciência cidadã, cedem lugar ao sentimento de pertença, um sentimento de união e participação da vida coletiva original.

Em conclusão, uma das grandes aquisições apresentadas pelos entrevistados sobre suas experiências migratórias ao processo de auto-conhecimento que culmina com o reconhecimento prático de que se faz parte de uma coletividade.

A revalorização da própria cultura, do reconhecimento e do exercício de uma identidade nacional, deve ser entendida como extremamente importante para o desenvolvimento das habilidades empreendedoras. Isto é, mesmo que o conjunto de entrevistados represente indivíduos empreendedores, independentemente da experiência migratória, constatou-se que tal experiência foi crucial para a valorização social da comunidade de origem, ou seja, da própria sociedade brasileira.

A emigração como experiência

Entre os nossos entrevistados, a emigração é concebida como uma experiência. Sabemos que a vida como experiência é uma das características da pós modernidade, mas não, necessariamente, é parte do sentido atribuído tortuosas trajetórias imigrantes, pelos próprios protagonistas. A emigração como experiência, pode parecer fútil demais, quando se fala em deslocamento de mão de obra, em busca de emprego ou fuga do desemprego, ausência de oportunidades na vida, fracassos ou inviabilidade econômica. O que nos leva a indagar: seria este um fluxo exclusivamente de classe média? Composto de filhos da elite local?

Antes de nos ater a esta questão, iremos retratar como os entrevistados tendem a avaliar a sua experiência de emigração.

De um modo geral, a experiência de ter emigrado tende a ser considerada positiva: “valeu a pena ter emigrado” é, geralmente, a primeira frase que se ouve, muito embora nem sempre os entrevistados consigam manter coerência em relação a ela até o final da entrevista. As justificativas aventadas tendem a ser as seguintes: emigrar me levou a conhecer outro país (outra cultura, língua, povo) e emigrar me legou a me conhecer melhor. Ou seja, conhecer outro país e auto-conhecimento permitem, aa maioria de nossos entrevistados, fazer da emigração uma experiência positiva.

A correspondência entre os dois termos -- conhecer e experimentar -- é recorrente em todas as entrevistas. Contudo, o que mais chama atenção é a consideração de que emigrar é uma experiência que coloca o emigrante à prova: seus valores, sua capacidade de resolver problemas e contornar situações. E de tal modo e com tamanha intensidade, que nossos entrevistados nos levaram a inferir algo inusitado: emigrar é uma experiência essencialmente solitária. A emigração como experiência, e mais especificamente, como experiência essencialmente solitária, evidencia um contraste significativo entre aquilo que escutamos de nossos entrevistados, e o que a bibliografia tem escrito a respeito do projeto de emigrar, suas condições e sustentação social. Pois, neste último caso, a

emigração é enfatizada como um processo coletivo, não raras vezes como um processo familiar.

Este tipo de solidão que a emigração impõe é a parte que mais dói ao longo de todo o trajeto. Para alguns, caso os brasileiros fossem mais unidos, esta dor poderia ser evitada ou pelo menos amenizada. Coerentemente, o lado mais negativo da experiência de emigrar é conviver com “a desunião dos brasileiros”.

A maior parte dos entrevistados emigrou por menos de 5 anos. Não se trata, portanto, de uma longa experiência. O retorno é, muitas vezes, interpretado como uma espécie de chamado, ao qual respondem, como se soubessem, desde que partiram que a hora do retorno chegaria. É a família, esposa e filhos, que justificam a volta, uma espécie de odisséia popular, o fim de uma experiência que se quer, sobretudo, positiva e, não poucas vezes, heróica.

Alguns entrevistados interpretam sua emigração, e a justificam, de modo a inseri-la em um campo de significados e sinais de pertencimento claramente à classe média. Diante da pergunta: por que emigrou? Um entrevistado responde: “para dar uma refrescada, havia acabado de me separar da minha noiva”. O fio que costura os contornos deste campo é o da oportunidade: emigrar é interpretado como uma oportunidade, não como necessidade: “porque eu acho que toda pessoa que tiver a oportunidade... Só de sair do seu local mesmo, você já tá buscando alguma coisa, e ainda tiver a oportunidade de ir pra fora do país... Isso eu acho que é pra qualquer pessoa, por causa do conhecimento. É lógico que valeu a pena...” A seguir ele declara ter reforçado o valor que antes atribuía à família, da qual ele teve que se separar, para poder emigrar: “Ah valeu a pena, foi essa a pergunta... Valeu a pena. Mas eu acho que assim... em termos culturais mesmo, familiar também. Eu sou muito família, sentia muita falta disso...foi por isso que eu voltei, eu fui duas vezes e voltei por causa da família, mas fora isso vale a pena...” E conclui: “eu fui buscar experiência, mas sabia que ia voltar”. Assim, emigrar só é possível quando se tem certeza de que é apenas por um tempo e, nesta medida, se torna uma experiência pessoal e cultural com começo, meio e fim, num jogo de alteridade e identidade pessoal.

O lado negativo é “o vazio. Você não cria uma sociedade a ponto de você criar uma vida social... Quem vai pra lá, vai pra ralar, vai por emprego”. Curioso observar que, colocado

nestes termos, seu relato o levaria a situação diversa daquela que acabamos de concluir: emigração relacionada à oportunidade e não a necessidade. Porém, dando seqüência à análise de sua entrevista, notamos que todos emigram por necessidade, mas ele não: “Fui em 88. Foi eu tinha terminado o segundo grau em 86. Fiquei um tempo na faculdade, fui fazer o exército, e aí era o que todo mundo fazia na época: conhecia um pessoal que nessa onda de ir para os EUA. E é a curiosidade também”. Não por acaso, sua experiência valeu a pena, e muito: “culturalmente eu gostei demais porque foi uma oportunidade que eu tive na vida de conhecer outras línguas, outros povos, outros costumes. Isso tem uma validade muito grande pra gente. Você pode passar isso pros filhos, pra toda a sua família. Enfim, foi tudo o que eu pensei, eu aproveitei. Não perdi um minuto, um dia”. Conclusão: negativo foi apenas ter deixado a família (esposa e filhos pequenos): “Se eu olhar por esse lado, foi um ponto negativo eu deixar a minha família, quebrar aqueles vínculos que eu tava conseguindo com minha filha, quebrar a união com ela, e talvez tenha deixado ela um pouco traumatizada. Hoje ela tem vinte anos, vai completar vinte e um em setembro. Mas isso a gente consegue superar, entendeu. Agora fora isso não tem nada de negativo não”.

Segundo um outro entrevistado, a emigração é uma boa experiência para poucos, dentre estes, ele se inclui: *“E você considera que o plano de emigrar, para as pessoas que você conhece, tem sido bem sucedido ou fracassado? Pra 98% não foi bem sucedido. Aí sobra uma porcentagem de dois por cento, mais ou menos, dois a dois e meio por cento. Esses foram bem sucedidos. Você se considera nesses dois, dois e meio por cento?”* Conclusão: *com exceção da saudades da família, tudo o mais valeu a pena”.*

Quanto às duas únicas mulheres entrevistadas nesta pesquisa, uma delas declarou explicitamente ter emigrado apesar de não estar precisado de dinheiro: *“Porque eu aprendi muita coisa lá, amadureci, porque eu fui pra lá com 24 anos, e hoje a minha cabeça é outra porque eu aprendi a me virar sozinha. Quando a gente chega lá, a gente não fala a língua, eu não falava a língua. E a gente não tem muito apoio, tem algum apoio assim, de familiares, que às vezes já estão lá, mas eu não tinha ninguém lá, eu tinha uma tia de uma amiga minha, que eu aluguei um quarto na casa dela, mas a gente aprende a se virar sozinha mesmo, porque não tem ninguém por você, é você e Deus, mais ninguém”.*

Entretanto, a segunda entrevistada afirma categoricamente ter partido para a América por causa do dinheiro e que “trocou dinheiro por família”, por saber se tratará de uma troca temporária: “As experiências negativas... uma foi ficar longe da minha família, pq eu fui pra lá com certeza por causa do dinheiro, fui pra lá pra ter uma vida melhor, pra conseguir dinheiro pra comprar alguma coisa pra mim aqui no Brasil, então, acho que o negativo é você trocar a parte financeira pela família, ou vice-versa. Então, eu acho que a família é mais importante que tudo. Apesar que uma família sem um lado financeiro, sem uma estrutura sofre demais. Só que pra mim o mais difícil foi ficar longe da minha família”.

O mais interessante é que entre todos os entrevistados esta é a que, ao emigrar, desfrutava, comparativamente, de uma melhor condição profissional e formação educacional: *“na época, eu tinha acabado de formar na faculdade, eu fiz Ciências Contábeis e eu já estava trabalhando em um bom emprego em uma firma que tem aqui em Poços de Caldas, a Alcoa. Na época eu ganhava dez salários mínimos, então não tinha um motivo assim... financeiramente falando (...): tô passando necessidade, desempregada, não era isso. Mas, eu queria comprar uma casa para minha mãe, por isso que eu fui para os Estados Unidos. Mesmo eu ganhando dez salários mínimos por mês, ia demorar um tempo pra eu comprar uma casa. E eu pensei que eu indo para os Estados Unidos, eu ia comprar essa casa mais rápido, por isso que eu fui”. A entrevistada já havia concluído a Faculdade, mas teve que abandonar o emprego: “com o dinheiro do acerto da firma eu comprei minha passagem e tinha dinheiro para poder gastar lá para o que eu precisasse nos primeiros meses que eu ia estar desempregada”.*

Apenas uma entrevista assinala que a experiência foi negativa por causa do preconceito por ela sofrido: “Acho que de negativo é o preconceito. Se eu tivesse nascido americana, eu ficava o resto da minha vida lá... Mas eu sou brasileira. E não aceito que ninguém me humilhe por isso. Quando eu comecei a sentir isso, foi o meu maior conflito lá. Só isso. Acho que só isso que é experiência negativa, o resto tudo é positivo”.

Assim, o problema não é viver em uma sociedade marcada pelo preconceito, mas sim sofrer pessoalmente, ou seja, ser vítima de preconceito. Por isso, caso tivesse nascido americana, ela jamais retornaria ao Brasil, uma vez que não seria atingida pelo preconceito contra estrangeiros.

Bastante curiosa é a declaração de um brasileiro que, ao iniciar a entrevista diz ter emigrado por causa do irmão e não por questões financeiras ou qualquer tipo de necessidade econômica; “Imigrei para os Estados Unidos, meu irmão já tinha ido pra lá em 82 também, o mais novo, eu fui mais por preocupação de dar uma força pra ele. A minha vida aqui, no final do ano, não era ruim não: eu tinha 4 empregos e um salário muito bom, quase não compensava (o poder de compra do dólar era grande). Na seqüência da entrevista, no entanto ele diz que trabalhava o dia todo, sem parar. Então, se ele foi para ajudar o irmão, por que trabalhava tanto? “Porque quando a gente chegou lá, nós não tínhamos divertimento, nós não tínhamos vida social, o imigrante há 20 anos atrás nos Estados Unidos, ele ia pra trabalhar. Era do trabalho, pro serviço; do serviço em casa... Eu cheguei a ficar lá 6 meses sem tirar um dia de folga! Trabalhando dentro de restaurante, aí eu tirava uma folga, aí, trabalhava mais 2 ou 3 meses sem folga. Tirava uma folga, e principalmente no inverno, não era vantagem tirar folga no inverno: tudo neve do lado de fora, frio demais.”

Um dos entrevistados era funcionário público federal, trabalhava no IBGE, onde segundo ele, poderia “ficar até o resto vida” em Poços. Ele considerava, ainda, que recebia um salário razoável, em torno de uns sete salários. Com este dinheiro, ele acreditava estar vivendo bem, e até mesmo conseguia poupar. Chegou a comprar 2 terrenos a prestação. Então, por que emigrou? Diz ele: *“há dezoito anos atrás já era um sonho de muitos poços caldenses. Eu já tinha um irmão lá, meu irmão tinha ido em 84, **eu tinha que aproveitar** O entrevistador pergunta: Você falou que foi positiva sua ida. Então, por que retornou? Segundo o entrevistado, “minha proposta era dois anos. Então eu fiquei um ano e onze meses... Eu tinha como meta: economizaria um pouco de dinheiro, juntaria dinheiro pra trazer, e aplicar aqui depois, ou eu faria uma casa melhor e venderia depois. E foi isso que aconteceu... Eu me propus a fazer uma casa boa e fiz, e quando eu terminei essa casa, mais ou menos em agosto de 87, eu ainda tentei ganhar um pouco mais ate dezembro. Aí eu ganhei, comprei um telefone, mobiliei a casa. Aí já tava muito cansado, porque estressa muito, muita saudade” Ele mandava dinheiro “Constantemente. Eu tinha uma dívida aqui porque à medida que eu comecei a construir essa casa, eu já deixei a planta dela pronta, eu já tinha um terreno. Então, logo que eu cheguei lá, já o primeiro salário eu já mandei pra minha esposa. Foi assim muita economia da minha parte”.*

A experiência de emigrar levou alguns de nossos entrevistados a revalorizar, ou seja, a dar um valor diferente, a aspectos específicos da vida e certas relações, que antes eles não percebiam como sendo tão valiosas: família e trabalho. *“viver num país fora do Brasil, (dá) algumas idéias melhores do que acontece no exterior. Você passa por experiência diferente, pode um dia voltar, recomeçar e dar mais de valor; principalmente em família, também da sua cidade, do seu país, povo brasileiro. Em si, eu acho que nesse sentido, valeu a pena”.*

Contadas “de trás para a frente”, as histórias da emigração, as experiências pelas quais passaram e as opções que tomaram, podem aparecer com um grau maior de coerência. De fato, alguns relatam seu percurso com muita objetividade, como se cada passo tivesse sido bastante calculado e orientado em torno do seguinte propósito: vou, ganho dinheiro e volto. Mas, em meio à trajetória, alguma coisa sempre acontece e os planos devem ser, ao menos parcialmente refeitos: *“em dois anos eu comprei minha casa aqui, do jeitinho que eu pensei eu fiz. Muito trabalho, muita luta, mas consegui. Em 2 anos eu tinha minha casa paga aqui no Brasil. Coisa que eu não fiz a vida inteira (...) Mas trabalhei pá morrê, mesmo! Minha mulher me ajudando, grávida de 8 meses, pintando rodapé de casa prá mim, colocando papel de parede, ajudando a colocar até as 2,3 horas da manhã, prá conseguir pagar a casa. E pagamos. E o retorno veio esse tempo todo, porque aí, depois que eu comprei a casa, minha mulher ficou grávida, aí nasceu os filhos lá. Prá você ter uma idéia, eu gaste, quanto meu primeiro filho nasceu, eu gastei 10.000 dólares só de médico. Eu não tinha plano de saúde. Quando a minha filha nasceu, 2 anos depois, eu gastei 15.0000 dólares. Então, esses 2, só prá nascer, só de médico, sem hospital, sem nada, só esses 2 dava prá eu ter comprado um outro apartamento aqui no Brasil. Porque muita mulher engravida lá, manda embora pro Brasil, vem ter nenê aqui, depois... Eu falei, “não, vou ficar com a minha família, acabamos ficando tudo junto e... Aí cresceu, as crianças crescendo, como é que vai embora? Quando meus filhos pegaram uma idade de escola e começaram a entender bastante, ter amizades... eu falei: “vou ter que cortar agora, eu vou embora pro Brasil agora, porque depois fica difícil. Meus irmãos têm filhos mais velhos lá, hoje, não querem nem pensar em vir embora”.*

Entre todos os entrevistados, apenas um classificou sua experiência como tendo sido negativa: *“aprendi nos Estados Unidos foi a seguinte: é que amigo é dinheiro no bolso. Então, eu tive muitas decepções com os amigos (...) Ninguém ajudou, eu tive que ir por si*

só, então isso foi uma experiência negativa. (...) Fui porque eu trabalhava no Banco Comind e eu trabalhava como contínuo, e quando eu entrei no banco tinha um rapaz que sempre teve a vontade de ir embora pros Estados Unidos (...) conclusão: ele acabou não indo e eu acabei indo, mais três do banco”.

Se a experiência foi negativa, por que voltou para os Estados Unidos? “O retorno (para o Brasil) foi mais por causa da família (pai, mãe e irmão). Antigamente não tinha o que você tem hoje como Internet, jornal direto, aí a gente fica com saudade, eu era novinho, vinte e dois anos, então só queria curtir aqui. (...) ralei bastante, sofri, aprendi a não confiar muito nos outros, a valorizar mais os amigos, dar valor nas coisas, nos bens materiais principalmente, valor no pai e na mãe.

A entrevistadora insiste: “o que significou pra você ter vivido em outro país? ”Quando eu foi uma loucura. Minha mãe quis morrer comigo... Os dois primeiros anos, foi difícil arrumar emprego porque não tinha contado com ninguém (...)”. Depois de 2 anos o entrevistado voltou ao Brasil e em seguida retornou aos Estados Unidos: “meu pai falou assim: você tá igual caranguejo, tá indo pra trás, precisa fazer alguma coisa. Fiquei (nos EUA) mais dois anos. Aí que eu juntei um dinheirinho e comprei um carro, fiz uma casinha... aí vim embora (...) Hoje, nessas crises, nessas roubalheiras, acho que é a melhor coisa que você faz é ir embora do Brasil... Porque na maior parte dos Estados Unidos, (...) pelo menos como ser humano você é respeitado. Vamos supor se você tem um problema com a mercadoria você pode reclamar, se tiver uma pessoa leva uma multa, se vai na corte, se conversa com o juiz, se conversa com o guarda, você pode reclamar – lá seus direitos são respeitados – no Brasil nada é respeitado”.

O que sobressai neste último relato é que a única entrevista a classificar sua experiência como negativa, logo a seguir é novamente questionada e replica: em muitos aspectos, os Estados Unidos é melhor do que o Brasil para se viver. Ou seja, se os entrevistados anteriores respondiam que a experiência havia valido a pena, e na seqüência passavam a relativizar esta sua avaliação, neste caso, depois de respondido que a experiência havia sido negativa, o entrevistado nos leva a concluir que assim, como os demais, emigrar foi uma experiência que acrescentou conhecimento, aprendizado e valores.

Emigração como aprendizado

○ *“Fui com uma malinha desse tamanhinho e voltei com um container e 2 filhos nas costas”.*

○ *“O negócio é ganhar dinheiro. Como diz o outro: deixar o couro e trazer o ouro.*

○ *Um empregado disse que era meu amigo. Eu falei: “não, você não é meu amigo, não”.*

Ele falou “como eu nãoo?”

Falei: se você fosse meu amigo, trabalharia de graça pra mim!”.

Foi o que meu patrão americano também disse para mim.

○ *“No Brasil não tem investimento com retorno a curto prazo.*

Tem que pensar na vida hoje, comendo arroz com feijão e fazendo o máximo que você puder”.

Perguntados sobre o que trouxeram para o Brasil e que teria, de algum modo, os ajudado no atual trabalho ou ramo de atividade, as respostas incidiram sobre o tema “aprendizado”. O aprendizado que a experiência migratória proporciona recai sobre a convivência diária com uma “cultura diferente” e que tende a englobar: 1) a língua; 2) aspectos ligados à “cultura econômica”, ou seja, valores que orientam a conduta econômica, tais como força de vontade e agressividade no dia a dia dos negócios e revalorização do trabalho, qualquer que seja ele; 3) a revalorização da família.

Reforçam estas noções que os entrevistados identificam como parte destacada da cultura econômica -- especialmente quanto à relação com o trabalho -- as idéias de “força”, “luta”, “garra”. Mas, segundo alguns entrevistados, este não é o tipo de aprendizado que todos os brasileiros conseguem trazer consigo, fruto da experiência migratória. Isto é, não adquirem aqueles que acham que, por terem vivido nos Estados Unidos e terem conseguido algum dinheiro, se consideram superiores e se acomodaram: “... o conhecimento, a cultura, essa força que lá... o americano tem a força, o que é a força? A

força é que nada pra ele é barreira. E hoje, nada pra mim é barreira, qualquer coisa que eu tenha que enfrentar, eu luto. A força de vontade. É o que muitas vezes o brasileiro não aprende lá. Ele chega lá, rala, trabalha, vira empregado doméstico e chega aqui quer se sentir o dono de tudo. Então, foi uma experiência muito boa”.

Esta “força” foi também enfatizada por outro entrevistado, que entende ter, desde criança, uma inclinação pessoal para este aspecto da cultura americana: *“Eu desde de cedo já tinha tudo premeditado, o que eu queria fazer. Como eu não tive pai, sempre soube que se não fosse eu, não ia acontecer. Sempre tentei me espelhar nas pessoas que poderiam estar me ajudando, e a maior lição pra mim, nos EUA foi trabalhar com americano, porque não tem brincadeira, entendeu? Não tem paciência, moleza: ou você faz ou você sai da frente porque tem alguém fazendo, e a única maneira de obter o resultado que você quer é lutando. Então a melhor coisa que eu trouxe dos EUA foi essa mania de querer dominar, conquistar, fazer independentemente de quem está na frente... Podem falar o que quiser deles, mas eles são os primeiros, os mais fortes, os mais ricos, e foi isso que eu obtive deles”.*

Um outro entrevistado reforçou ainda mais a idéia de que viver nos Estados Unidos reforçou algo que ele já tinha: força de vontade e auto-confiança: *“desde que me entendo por gente, eu sempre acho que eu posso fazer. Eu tenho muita confiança em mim. Não é que sempre dá certo, mas eu sempre acredito... Mas eu aprendi com tudo isso e quando eu saí daqui para ir para os Estados Unidos. Qualquer coisa que me puser na mão eu faço. E eu, no meu retorno, também foi isso. Eu aprendi muitas coisas lá, coisas que hoje eu utilizo na minha profissão. E trouxe meus 2 filhos, que são as coisas mais importantes prá mim. Mas o que valeu realmente foi a minha experiência... morei em Nova Iorque, mas conheci 27 estados... trabalhei primeiro num restaurante e fui subindo: lavei prato, ajudante de garçom. Aí fui cortar grama, trabalhei de jardineiro, pintura, consegui montar uma firma. Eu tinha alguns funcionários: 3, 4 funcionários. Comecei a trabalhar com pintura, depois, quando fez 6 anos que eu estava lá, entrei numa firma, que prestava serviço pro governo do estado. Foi aí que eu ganhei dinheiro. Eu comecei a trabalhar na pá e na picareta, braçal mesmo. Foi passando o tempo e eu fui ser ajudante dum sujeito que trabalhava com uma máquina; eu achei a máquina muito interessante. Pensei: “vou tentar entrar nisso aí”. Aí eu andei conversando “ê, isso aí não é para qualquer um não. Você tem que ter documentação” ... Eu pensei: “mas eu posso aprender”. Aí eu ganhei*

dinheiro, porque o horário de trabalho era 8 horas por dia e eu trabalhava 16, 14 horas. E a hora extra era dobrado”.

Os casos pessoais ressaltam o significado que os americanos atribuem ao trabalho: “O americano se, você trabalha bem, com honestidade, ele te valoriza muito. Não é igual aqui no Brasil, que às vezes você não tem, e que eu aprendi a ter com os funcionários meus. O cara trabalha e tem idoneidade e tem responsabilidade, eu valorizo, como lá nos Estados Unidos eles valorizam”. Assim, qualquer trabalho, independentemente de ser ele qualificado ou não, deveria ser valorizado no Brasil, tal como é nos Estados Unidos. O que importa não é o tipo de trabalho, mas o envolvimento que o trabalhador demonstra ter ao realizá-lo.

De um modo geral, o processo de revalorização do trabalho é acompanhado pela identificação de etapas a serem alcançadas, como uma espécie de carreira. Ou seja, troca-se uma tarefa por outra, mais cobiçada. Estas pequenas aquisições são muito valorizadas, mesmo que seja nos limites da cozinha de um restaurante: *“hoje eu tenho restaurante aqui em Poços. O que eu fiz lá era numa pizzaria. Então a principio eu comecei na cozinha, lavando prato lá. Passou mais uns meses eu comecei a fazer a massa da pizza. Dali a um tempo eu já tava trabalhando na frente, no balcão, adquiri um pouco de inglês. E em pouco tempo eu já tava atendendo balcão, atendendo telefone, a lidar com um cliente. E isso me ajudou. Eu trouxe isso aqui pro meu restaurante também, a maneira de atender os outros, a simpatia. E pra mim a diferença foi boa, eu trouxe de lá. Eu gostei de ter vivido lá. Eu gosto de lá. Talvez se eu, agora eu sou casado, tenho dois filhos, talvez se eu não fosse casado eu estaria lá novamente. Eu gostei muito de lá. Me ajudou muito. Vamos dizer assim, eu tive mais oportunidades lá do que aqui no Brasil*

De um modo geral, a valorização do trabalho é a reposta chave para aqueles que não trouxeram para o Brasil um aprendizado propriamente profissional.”*O que trouxe para o Brasil? De profissão nada porque no serviço que eu trabalhei... não é o meu ramo aqui... Entrevistador: Mas a sua relação com o trabalho, por exemplo, como você encara o trabalho depois de ter passado por lá? Entrevistado: “É eu encaro, é que a gente aprendeu a trabalhar mais lá. É porque lá a gente trabalhava em dois serviços. Trabalhava na janela, depois trabalhei junto no restaurante. Saía de um serviço e ia pro outro... Também procurar fazer as coisas melhor. Lá tinha que ser sempre certo...*

Dinheiro eu trouxe um pouco, comprei esse prédio, comprei a padaria... e estou trabalhando aqui. Entrevistador: O que significou pra você ter vivido em outro país? Resposta: Significou uma melhoria na minha condição financeira. E eu poder dar um futuro melhor pras minhas filhas”.

Um dos elementos que permitem esta valorização é a comparação que estabelecem entre a experiência anterior de trabalho no Brasil e a experiência proporcionada pela imigração. A emigração é impulsionada pela “busca de alguma coisa”, algo que não estava disponível para eles no Brasil: uma perspectiva de vida satisfatória. O emigrante olha para frente ao decidir deixar o Brasil, olha para frente por carregar um passado que começa a pesar: *“Aqui em Poços não tem uma família que não tem um parente lá, um amigo ou um conhecido... Então, acho que encara assim como uma forma de buscar alguma coisa, que aqui as pessoas não têm condições... Fui mais porque a perspectiva de vida minha futura aqui era muito ruim, eu trabalhava em um sub emprego aqui, ganhando muito pouco, salário mínimo, e, expectativa de futuro zero, entendeu? É, o que eu você vai poder fazer? Eu estudava, tudo, mas eu não fui muito chegado ao estudo. Não tinha muita paciência com escola. Aí eu pense: o único jeito mesmo é ir para os EUA e tentar a sorte lá”.* Em seu relato, sua vida e trabalho nos Estados Unidos são positivamente valorizadas, o que fez com que a ele perguntássemos: _ Então, por que voltou para o Brasil? A resposta é clara: a emigração vale como experiência, não como opção de vida: vale ir e voltar.

Assim como para os demais entrevistados, foram justamente os vínculos familiares que o trouxe de volta ao Brasil. A cultura americana é valorizada quando restrita à esfera econômica e não ultrapassa a esfera familiar e doméstica. Nosso entrevistado voltou por causa da mãe e para se casar: *“...Eu retornei porque eu tinha mãe e tinha também vontade de casar. E lá é mais complicado nesse ponto. Aí eu pensei: quero ficar com minha mãe. E voltei pra cá, casei e tudo. Mas se eu tivesse a chance de viver lá, se tivesse o green card, tudo certinho, eu estaria lá. Porque a pessoa de lá tem outro tipo de ver a vida. O povo aqui é tudo estranho, pra mim assim. A minha cabeça é mais igual a de lá mesmo, entendeu? Gosto mais da cultura de lá, a cultura daqui, carnaval, essas coisas não me faz a cabeça não”.*

Emigração: experiência e também aventura

A emigração aparece como parte importante de um processo pessoal de re-orientação da vida, por um lado, e como uma espécie de aventura, por outro. Especificamente a palavra “aventura”, quando associada à motivação para emigrar, permite aos entrevistados tirar de sua própria frente a justificativa econômica como componente da decisão de emigração. Ou seja, afirmar o caráter de aventura significa negar, ou mitigar, o caráter de necessidade, especialmente econômica“... *Separei dessa noiva numa, numa sexta, numa quarta fui pra São Paulo tentar tirar o visto, negou. Numa quinta fui pro Rio, também negou. Na terça ou na quarta feira da outra semana saí sentido México e fui. Eu não sei o resto do pessoal, mas eu tenho uma decisão fácil e quando eu decido alguma coisa, eu tento ir até o final do meu objetivo. E, a volta é aquilo que eu falei, faleceu minha mãe, depois meu pai ficava falando sempre que ia falecer sem conhecer a família.* Para alguém que tem “espírito aventureiro” emigrar é uma mera consequência, ou seja, apenas mais um passo nas rotas já anteriormente traçadas. Assim, a emigração como aventura permite aos nossos entrevistados “naturalizar” tanto a emigração quanto o retorno. Perguntado: *“Para a sua família, o que significou você ter emigrado?, o entrevistado responde: Na época nada, porque na época, eu já tinha o espírito meio aventureiro, então pra eles era mais uma aventura. Eu era vendedor, viajava de cidade em cidade, quando eu cheguei e falei que ia para os Estados Unidos, para eles não era nada de anormal. E a volta pra minha família... Foi bom. Na verdade eu não avisei ninguém, em um mês já decidi e já vim”.*

Como a maioria dos retornados entrevistados era muito jovem ao deixarem o Brasil, emigrar gera aprendizado também numa dimensão mais específica do cotidiano de suas vidas. Emigrar leva as pessoas aprender a “se virar sozinho”, não mais contar com o apoio da família para coisas pequenas do dia a dia, e a suprir no cotidiano o papel que a “mãezona brasileira” tinha antes como sua esfera doméstica de atuação: arrumar a roupa guardar o tênis , preparar comida, etc. : “eu tinha dezoito anos e fiquei até os vinte e dois, vinte e três anos. Então eu aprendi o básico: se virar sozinho na época. O que eu trouxe pro Brasil? A língua, (...) trouxe também o início financeiro... Se eu não tivesse ficado lá, eu não teria feito o empreendimento, que deu certo aqui no Brasil (...) talvez eu estaria trabalhando no hospital até hoje (era enfermeiro antes de emigrar).

Outro entrevistado: *“Eu acho que os Estados Unidos ensina muito pra tudo na tua vida. Pra começar você sai de casa. Não sabia lavar uma louça, pegar um sapato e guardar sozinho, tudo. Se eu deixasse um sapato ali num apartamento que tinha três, quatro homens, quem ia pegar seu sapato? Então como experiência de vida é muito bom, você aprende muito, você dá muito valor na vida, você vira outra pessoa. Você sofre muito: sente muita falta da família, dos amigos, da vida no Brasil. Hoje já mudou os Estados Unidos: tem muita discoteca, bar coisas de brasileiro. Na minha época não tinha nada.. Eu fiquei doze anos e meio nos Estados Unidos e só pensava em trabalhar. Você dá muito valor ao seu trabalho, ao dinheiro que você ganha, porque você trabalha muitas horas. Por isso que é importante e é bom a pessoa viver fora um pouco lá: aprender a dar valor”.*

Aprender a dar valor à família significa considerar seriamente a possibilidade do retorno. Alguns relatos, exaltam os Estados Unidos e a vida americana de tal forma, que a permanência naquele país parecia ser a decisão mais lógica. Mas não: *Por causa da minha família: muita saudade da minha mãe, do meu pai, minha irmã. Pensava: será que vale a pena a gente ganhar dinheiro aqui, ou vale a pena a gente ficar perto da nossa família? Porque depois do nosso casamento, Deus abençoou demais a gente. O meu esposo tinha uma firma de construção lá, pessoas que trabalhavam pra ele, tava ganhando muito bem. Eu até então fazia faxina, olhava criança. Mas, depois do casamento por ele ganhar bem assim, eu nem trabalhei mais. Compramos duas propriedades aqui no Brasil e viemos embora com dinheiro pra comprar essa loja aqui. Então foi por isso que nós viemos embora, para mim o dinheiro já não era importante mais. Era mais importante a minha família. E o que eu fui buscar Deus já tinha me dado duas casas em dois anos”.*

Para outros entrevistados, trabalhar duro é condição de ser imigrante e, portanto, não pode ser devidamente explicado pelas características e dinâmica da cultura americana: *“em termos profissionais. Lá se trabalha muito em serviço pesado. O americano ele pega os serviços melhores e os ruins ficam para os imigrantes, então não tem nada a ver. É experiência de vida.*

Aprendizado e auto-emprego

Ao voltar ao Brasil, a maioria sonha em abrir o próprio negócio. Nem todos conseguem, e quando o fazem, nem todos os negócios dão certo. Como os entrevistados explicam que embora trazendo dinheiro e experiência da vida, nem todos os negócios conseguem se manter? *“... a maioria das pessoas estão tão contentes de voltar então chegam aqui sem conhecer... a maioria das pessoas montam sem fazer uma pesquisa, sem nada, aí pode acontecer de quebrar a cara aí acaba voltando tudo pra lá de novo”*. Assim, o ideal seria que os retornados pudessem ficar um período mais longo tentando pesquisar e formatar o negócio.

Além da experiência de vida e o contato com outras culturas (outros imigrantes), enfatizam que terem trazido uma poupança em dinheiro, que lhes permitiu abrir um negócio, mudou suas vidas: *“Foi a parte financeira.... 99% das pessoas que vem de lá pra cá, tentam comércio mas não conseguem. Quebra e tem que voltar pra lá. Quando cheguei levei um tropeção grande, perdi muito dinheiro. Aí o que eu tinha em imóvel foi o que me deu uma base pra poder evoluir como pessoa e conseguir hoje levar uma vida normal”*. Entrevista: o que você trouxe dos Estados Unidos? *“É muito maravilhoso, os americanos são bons demais. Eu lembro que eu chegava numa locadora, queria abrir uma ficha, e eles abriam pra mim sem documento. Essas coisas que aqui é impossível. Eu cheguei a comprar muita coisa lá fiado, sem documentação. O pessoal confiava em mim, nunca fui discriminado, os americanos sempre trataram Nossa mãe do céu! Sempre fui muito bem tratado. Isso aí que é uma experiência boa, que lá as pessoas ainda chegam a confiar nas outras. Que é coisa que aqui não existe... eu cheguei com uma mentalidade aqui e passaram a perna em mim. Porque eu tava com a mentalidade da América, que é aquela mentalidade que o pessoal é mais honesto, eles não querem tirar vantagem das tuas costas igual aqui. Acho que isso é uma experiência boa que eu trago, que lá você ainda pode confiar em algumas pessoas. Agora aqui, é complicado.*

No caso deste entrevistado, o que se aprendeu (e que ele valoriza), ao invés de ajudá-lo, o prejudicou na abertura do próprio negócio: confiar nos outros – que ele atribui à “mentalidade” americana. Mesmo assim, foi, segundo ele, o maior aprendizado. Causou-lhe, é certo, prejuízo econômico. Mas, lhe permitiu reforçar um valor que ele imputa ser fundamental para se viver bem em sociedade, um valor central em sua vida: a confiança.

Em termos de aprendizado, o que mais chama atenção, inicialmente, é o aprendizado da língua inglês. Viver anos em outro país e retornar tendo que admitir que não aprendeu nada, ou que aprendeu muito pouca coisa, é certamente difícil. Mais fácil é falar sobre o “outro”: *“...eu entendo tudo de inglês, e falo aquele bronken english, que é o que você aprende na rua. ... acho que 90% dos que vão pra lá, não aprendem. Porque trabalham com hispano, ficam falando aquele portunhol, ou senão eles trabalham pra brasileiro, aí não precisa falar. Como eu fui mais novo quanto mais novo é mais fácil pra você aprender. Então aprendi um tanto bom, e como eu jogava vídeo game, que exige o inglês, eu assistia muito filme e tinha muito amigo, tinha amiga americana. Então eu hoje em dia se eu assistir um programa americano, um filme, acho que eu entendo 95%, só não consigo entender os raps, acho que nem eles entendem, mas eu entendo sim, bastante”*.

Uma das boas coisas realizadas ao ter emigrado é ter podido ajudar a família naquele período, através de remessas de dinheiro: *“Foi bom, porque eu pude ajudar meu avô, a minha mãe, ajudei ela a comprar um carro melhor. Acho que foi uma experiência válida, uma experiência boa pra todo mundo. Mas, para ele, ter “ dado certo” é uma exceção, não são todos que conseguem: uns dão sorte, outros não. Mas, eu fui um caso à parte, eu dei sorte lá, não é todo mundo que dá. Muita gente e vai lá, muita gente quebra a cara, não é assim, um sonho de felicidade ir pra lá. Eu acho que o que eu fiz de ir pra lá e conseguir algumas coisas, foi uma tacada de sorte. Mas o resto tudo não conseguiu nada lá. Eu trabalhei vinte e um anos nos Estados Unidos. Então, tudo o que eu fiz lá, eu investi aqui. Então não tinha, não fazia mais sentido, com meu investimento todo aqui na mão de terceiros. Então foi onde eu decidi voltar. Porque aqui eu tenho minha chácara, aqui eu tenho meu trabalho, meus investimentos ta tudo aqui”*

Sucesso? Alguns atribuem à sorte, outros a Deus: *“materialmente falando consegui o que eu fui buscar: minha casa, que eu tanto sonhava. E Deus não me deu só a casa, ele deu a casa e deu uma loja, essa lojinha aqui. Só que uma coisa eu enfatizo: Deus tem um plano na vida de cada um. Deus me levou, foi Deus que me levou pra aquele lugar, porque se eu fosse parar para analisar mesmo, eu, fazer tudo que eu fiz de novo, acho que eu não teria coragem, porque, se eu soubesse o que eu ia passar, jamais teria ido”*.

Embora tendam a valorizar a “cultura americana”, nem todos “absorvem” o modo de vida de lá. Alguns de nossos entrevistados trouxeram, ao retornar, “uma vida americana para

Poços de Caldas”: *“hoje, morando no Brasil, é como se eu não vivesse no Brasil. Internet, televisão a cabo, esposa, eu tenho que falar inglês, ela é americana, entendeu? E o mundo meu continua lá. Então, por exemplo, assim, eu chego em casa, não é Globo, é Fox. E é assim que eu vivo, é como se eu tivesse aqui, mas tudo que eu vejo que eles usam, tudo que eu vejo que acontece que eles fazem, eu copio deles e eu vivo aqui no Brasil. E tem muita coisa que ainda não chegou no Brasil”*. O entrevistado chama atenção para os diferentes tratamentos, e a separação, entre a esfera doméstica e a esfera do trabalho, como um dos aspectos que ele apreendeu da cultura americana: *“Teu filho tá doente, o problema é teu. Coisas que eu sei que é complicado, mas que pra fazer com que o negócio aconteça, você tem que cobrar e eles são muito frios com isso. Eles são muito exigentes”*

Alguns chegam a admitir que não trouxeram nada de importante do ponto de vista material. Inclusive criticam o viés materialista da cultura americana, não obstante, o que de mais importante trouxeram, dizem, foi um certo “jeito de ser americano” em relação ao trabalho: *“O que eu trouxe de importante? De material, nada. Porque lá eles são materialistas! Acho que na vida a gente precisa de coisas básicas: uma condução, uma renda, uma segurança, uma casa... Saber inglês é super importante. Eu acho que o mais importante que eu trouxe foi a língua. Hoje é legal saber, né? É muito legal. Hoje eu tenho Velox (internet) 24 horas, então, por eu ter morado lá, eu procuro sempre tá “up-date”, sempre atualizado. Então, por exemplo, eu tenho directv, sempre procuro ver filme sem legenda. E em termos profissionais? Você disse que tinha aberto um restaurante aqui... o sistema de trabalho do americano, a agressividade, padrão, a qualidade, essas coisas. Eles são... Limpeza, higiene, eles são impecáveis. A maneira de trabalhar né... Lá, “time is money”. Não tão assim, porque no Brasil não funciona dessa forma. Tem que ter o jeitinho brasileiro. Agora tem um restaurante que eu ajudo, eu tenho o meu negócio de carro, eu vendo carro pela internet, no mercado paralelo de carros, já faz tempo que eu trabalho com isso.*

O retorno tende a ser celebrado como parte de uma ascensão social, imediatamente reconhecida pela família como fruto de um esforço individual: *“E eles se sentem muito orgulhosos porque eu fui da onde eu saí, e voltar como eu voltei. Eu melhorei de vida, eu mesmo, tenho uma experiência boa de vida. Eles têm orgulho de mim até hoje e eu acho que eles falam... Só fui eu, são seis irmãos”*.

O negócio que “dá certo” não é aquele realizado imediatamente depois do retorno, pois não se pode ter um quadro confiável das demandas existentes sobre aquilo que se vai oferecer. Ademais, é preciso se acostumar com o andamento próprio da economia brasileira: *Uma pessoa que vem pra cá e mexe com comércio, ela tem que conhecer tem que fazer um estudo antes, um levantamento. Poços de Caldas é uma cidade turística e ela é meio ingrata. Ela tem altos e baixos. Mas não só Poços, eu tive em Brasília, eu tive em São Paulo, qualquer comércio. Eu, por exemplo, eu tive restaurante. Você tem que sempre ta mudando, ta atualizando, dando um ar diferente. Porque o povo para de ir. E se o povo para de ir, as contas são as mesmas. Aí vem os problemas, né? Então, vale a pena você ir, mas tudo, tudo hoje em dia, você tem que pensar e ir devagar.*

Ou então: *Quando eu voltei dos EUA eu tinha apartamento, tinha terreno, tinha e tenho um sítio. Comprei quando eu fiquei três meses aqui. Aí eu voltei, meu pai e meu irmão tomaram conta pra mim. Aí, eu comprei e em 94 eu comprei um predinho aqui, que é onde eu moro... Aí eu terminei e vim embora. Tinha o prédio e as terras. Passados uns três anos que eu tava aqui, eu montei a loja com um sócio. A gente tem só um funcionário. E o ano passado eu troquei meu sítio e comprei um maior perto de Alfenas. O primeiro negócio que eu tive foi essa loja de carros”*

Ou ainda: *Aí eu fiz sociedade com meu irmão, esse que voltou dos Estados Unidos, ... resolvemos montar uma fábrica de pão-de-forma, aqui na minha casa. Ficamos uns 2 anos e pouco com a fábrica. E ia uma maravilha, eu nunca tinha ganhado tanto dinheiro aqui no Brasil, eu tava rindo à toa. Comprava perua zero, pagava; compramos um caminhão 608, pagamos. Aí vendemos um caminhão; montamos um barracão, que a gente tem até hoje, prá levar a fábrica prá lá. Só que foi tipo assim: a fábrica foi a 10 por hora subindo... de repente começou a descer a 50 por hora. Foi igual uma montanha russa. Porque as coisas aqui no Brasil muda muito. Começou a aparecer muito cão barato nos mercados... quer dizer, queimou o filme. Aí largamos mão da fábrica de pão, de cara, eu já montei essa padaria aqui de baixo. Eu e meu irmão mais novo, que ele é sócio meu até hoje”.*

Assim, a experiência específica de ser empreendedor, abrir o próprio negócio, tendo que enfrentar os riscos que são típicos do Brasil, não se adquire com a emigração. “Perdi

bastante dinheiro, a padaria que eu comprei por 60, vendi por 15, na época e acabei ficando só com essa aqui. E ela está dando certo hoje, mais ou menos... mas foi muito complicado. Quando a gente chega, quando a gente sai daqui sem nada, chega com alguma coisa e, sem muita experiência de que vai fazer”

O ganho nem sempre está no retorno do emigrado, mas o que ele proporcionou durante o período em que emigrou: *Eu ajudei minha família, meus irmãos. Uma irmã que fez faculdade, eu dei uma mão pra ela no começo... Eu vim de uma família de 12 irmãos; e dos 12, 2 só que não fizeram faculdade. Meus pais não têm o primário; meu pai tem um terceiro, quarto ano primário e a minha mãe também, mas eles sempre cobraram da gente a escolaridade”.*

Nem sempre os ganhos materiais obtém lugar destacado naquilo que se traz com a experiência imigratória: *“coloco sempre as coisas materiais, dinheiro, em 3º, 4º plano. Então, eu acho que a experiência, as amizades, eu dou muito valor. Graças a Deus, a experiência foi muito boa. Acho que financeiramente, se eu tivesse ficado aqui trabalhando, talvez eu conseguiria a mesma coisa, até mais, até menos; isso aí, pra mim não influenciou muito, não. Quanto à língua: a gente quebra um “galhinho” no espanhol e no inglês. E com relação ao trabalho, muda no sentido seguinte: no Brasil, somos campeões do feriado. ..E a gente, que é imigrante lá e que tem que se sujeitar a qualquer tipo de trabalho. Pra mim, não tinha feriado. Foi muito dólar que ficou lá, mas valeu a pena. O bom da gente é a gente ganhar o dinheiro e também conseguir gastar ele. Você, por exemplo, poder passear, ir em um hotel, fazer uma viagem, uma excursão... e lá é difícil ter vida social. É muito difícil. Tem um custo muito caro.*

Nem, sorte, nem Deus, tudo depende o quanto você está disposto a “ralar” para cumprir seu objetivo estabelecido ao deixar o Brasil: *Só vale a pena se vc ralar. Tinha um amigo que trabalhava de armador de ferro. E ele falou: “oh, segunda-feira eu não vou trabalhar, porque comprar uma bota de construção mais barata. Era 20 dólares mais barato. Mas ele ganhava 100 dólares por dia. Quer dizer: motivo para não ir trabalhar. Outros, se a previsão de 80% de chuva os caras nem acordavam para ir. Eu não: vou trabalhar bastante, no final vou passear”. Mas a maioria fazia o contrário: “não, vou curtir bastante e depois eu vou juntar”. Depois de acostumar com as coisas boas, era mais difícil*

acostumar com as coisas ruins. Meu objetivo quando eu saí, era o quê? Eu já tinha dinheiro prá comprar o caminhão.

Apenas alguns entrevistados enfatizam que se trabalha muito porque é imigrante e não necessariamente por ser este um valor central da cultura americana: *Os Estados Unidos é igual ao Brasil... Lá você vai trabalhar pra imigrante também, trabalhei pra português, italiano, pra grego. Cada um tem sua origem, cada um tem o seu modo de ser. Se você for generalizar o americano por si só, é difícil. Com o italiano eu (de origem italiana) tinha mais facilidade. Mas... é aquele sistema: exploram. Mas eu vejo que isso pode acontecer em qualquer país. Acho que se estrangeiros vierem aqui trabalhar pra nós, nós também vamos ser um pouco arrogantes. Já somos com os brasileiros mesmo. Tem escravidão até hoje. Você ta ali pra trabalhar e eles vão te cobrar. O tempo que você tiver lá, você ta trabalhando. Isso aí, às vezes também, a gente trás um pouco, porque dizem que pra você ser um bom patrão, pra mandar, você tem que ter sido mandado... Você tem que saber. Hoje, pra ser patrão, você tem que saber ser patrão. Senão você só tem prejuízo.* Observa-se que mais do que qualquer outro entrevistado, este imigrante retornado ressalta não a cultura de um país -- ou de outro -- para explicar a situação do trabalho e os valores que estão orientando a relação patrão empregado, mas sim a condição de imigrante

Para alguns entrevistados, a experiência de ter vivido como trabalhador imigrante em outro país, reforça o desejo do auto-emprego: *“Quando eu vim embora, eu tinha a idéia já de não trabalhar mais pra ninguém, Trabalhar por conta própria. E graças a Deus, eu, de lá pra cá, nunca mais trabalhei pra ninguém. Montei uma oficina, a Débora ficou grávida, ela costurava, da oficina virou uma confecção, ficamos uns dez anos com a confecção. Mas a confecção, depois que começaram a vir os produtos chineses pra cá, o Brasil passou por uma fase difícil né e aí nós mudamos pro ramo de parafusos. Já faz sete anos, estamos satisfeitos.*

O auto emprego, abrir o próprio negócio, é uma conquista, que não depende apenas de se ter dinheiro. O capital inicial, trazido dos Estados Unidos, é apenas “um empurrão”, condição necessária, mas não suficiente: *Eu acho que isso é o mais importante:, a experiência de vida que todo mundo trás de lá. Porque dinheiro... Poucas pessoas trazem*

muito dinheiro, um valor que modifique a vida. Porque o que a pessoa vai lá e busca, é um empurrão, não é verdade? Você pode observar. Quem não vem com esse empurrão, fica lá. ...Tanto é que as pessoas que estão lá do nosso tempo, só a casa que eles compraram lá, parcelado ou não, seja como for, vale 400, 500 mil dólares. Fora que eles abriram firma, estão muito bem, você sabe disso, não é verdade? E a gente veio pra cá, em termos de dinheiro, a gente regrediu. O dinheiro que a gente trás é um pouco pra dar um empurrão, né? E a experiência de vida. Porque até hoje eu falo para os meus funcionários: “Olha, meu patrão fazia isso, falava aquilo”. Então, ele me ensinou muito na vida, ele foi um pai pra nós.

Os que investiram na abertura de uma firma, ou trouxeram este dinheiro dos Estados Unidos ao retornarem, ou adquiriram bens com o dinheiro poupado trabalhando nos Estados Unidos, seja para abrir, seja para ampliar o negócio: “*Meu irmão e meu sócio, foi ele quem iniciou a firma. Foi curioso o seguinte: quando eu fui embora, que eu tirei esse dinheiro lembra que eu falei que saí da firma e com o dinheiro do fundo de garantia eu fui embora? O dia que eu tirei esse dinheiro esse meu irmão, que hoje é meu sócio, falou: “Você não quer pegar esse dinheiro e aplicar aqui na firma? E você fica aqui mesmo e a gente cresce. A gente amplia, põe alguns funcionário e tal, você fica aqui junto comigo”. Nós tivemos uma casa de vitaminas, nós nunca nos separamos um do outro. O que eu falei: tenho sete irmãos, mas esse é mais amigo do que irmão. Nós combinamos demais. Mas eu já tava com aquilo na cabeça e não aceitei, fui embora. E justamente foi por causa dele: ele me chamou prá volta. A firma já tinha um nome aqui, e hoje, graças a Deus, é a maior fábrica de cozinhas de Minas Gerais... Aliás, é a maior do Sul de Minas, é uma das maiores de Minas Gerais. E eu trabalho muito em São Paulo. O povo de São Paulo, você sabe, você é paulista, o povo é muito enjoado. O povo é muito exigente”.*

É unânime: os brasileiros que juntam algum dinheiro lá, têm muitas dificuldades de aplicá-lo bem aqui: “*Nós aqui na imobiliária criamos um site e tivemos sucesso em concluir algumas vendas pra pessoas que estão lá. Não chegamos a vender muito -- mas pra quem não tinha ainda efetuado vendas através da internet --foi bom... eu acho quem ta investindo de lá, deve procurar ter uma acessória .Porque muita gente se decepciona. Acredita em uma pessoa ou num parente e chega aqui... Isso aconteceu, construíram um prédio aqui, acharam que era uma coisa, chegaram aqui era outra. E hoje você tem como ter facilidade, ter uma acessória, procurar. Tem bastante imobiliária já que te dão suporte,*

nisso, pro pessoal que mora lá. E eu acho que imóvel não deixa de ser um dos investimentos mais seguros que têm, só se acontecer um terremoto! Rs... Todos os outros investimentos são difíceis. Imóvel, por mais que não acompanhe isso aquilo, o aluguel hoje, você aluga, não dá 1% do imóvel, hoje em Poços de Caldas, uma casa de cem mil, você não aluga por mil, você aluga por 500, é 0,5%, se você aplicar no banco é 1%, dependendo do banco te dá até 2%. Mas, no banco o próprio governo pode levar. Então, quer dizer, eu acho imóvel o melhor investimento”.

Perguntado mais diretamente sobre o que ele trouxe: *“eu fiz essa casa, que eu vendi pelo valor do dinheiro que eu remeti pra cá: vinte e seis mil dólares. Talvez uma pessoa pense que não é muito dinheiro, mas (em) um ano e dez meses é muito dinheiro para poupado... no ramo do comércio a gente aprende a observar as atitudes dos empresários lá, do dono do restaurante que eu trabalhava, num outro um grego, dono de uma pizzaria. ..é tudo a mesma coisa. Aqui também se você não trabalhar você acaba ficando um peso no ombro de alguém. (Aqui) se você trabalhar você consegue, se você trabalhar lá também ele consegue. Hoje, eu trabalho muito, eu não tenho a compensação que eu tinha lá, mas eu nem quero ter mais, porque aqui eu tenho minha família, no fim de semana eu (ficar) junto com a família, enfim, é diferente.*

Assim, se para alguns, o que se aprende lá não se aplica aqui, pelo menos não sem antes relativizar os diferentes contextos culturais, para outros entrevistados, o que se observou/ aprendeu lá ajuda a lidar com o negócio aqui. A diferença, no entanto, é dada pelos vínculos familiares e o espaço que a eles se quer e deve reservar.

A emigração como retorno

Todos os entrevistados tinham, já ao partir, a clara intenção de retornar. Planos de retorno privilegiavam uma certa poupança em dinheiro, mas também os vínculos familiares pesaram sobremaneira na decisão de voltar. Tal como o retorno de Ulisses, na odisséia vivenciada por nossos protagonistas há sempre uma Penélope à sua espera. De fato, tende a ser um feminino (mãe ou esposa) o personagem -- aquele que “puxa” ou é simplesmente acionado -- para justificar uma volta que se quer, senão triunfal, pelo menos uma conquista diferenciada e legitimadora.

A emigração é um “sonho” -- nossos entrevistados não se cansam de usar esta palavra -- alimentado pelo desafio da alteridade e, principalmente, pelo retorno. Partir e voltar, como diz a letra da música de Milton Nascimento, “são dois lados da mesma moeda”. Assim, “a decisão minha era ir, era ir pra lá e meu sonho era ir, comprar um “Fusca” e uma casinha, entendeu? Agora, a decisão de voltar foi, que depois que o meu objetivo tinha sido cumprido lá, eu falei: a gora vou voltar para o Brasil”

Perguntamos aos entrevistados se eles aconselhariam alguém a emigrar. A resposta foi sim, unanimemente, mas em condições específicas: “Aconselharia os que não são casados, os jovens e os que forem casados devem levar a esposa, porque senão já sabe o que vai acontecer, tanto lá, como aqui. Quando alguém vai pra lá, fica 2, 3 anos, volta, são poucos casamentos que continuam estabilizados, porque ela pega a liberdade dela, ele, pega a liberdade dele e quando volta os dois acham que já não têm mais aquela obrigação de dar satisfação pro outro. Então, os casados, pensem dez vezes, os solteiros, que não têm nenhum vínculo, não tem nenhum... Se tiver uma formação aqui é lógico que vão batalhar pelo Brasil. Agora, aquelas pessoas que não têm condições de fazer uma faculdade, que não têm condições de pagar uma escola, não tem condição de ter um serviço regular, né, então, se arrisca.

Para resumir as entrevistas, as condições apresentadas são: ser solteiro, ou levar a família, se estiver casado. Não ter estudado suficientemente no Brasil e, portanto, não ter como “fazer um pé de meia”, ou para se livrar de um salário insatisfatório, ou mesmo do desemprego. Mas não só: para alguns, entrar ilegalmente nos Estados Unidos passando pelo México, não vale a pena, pois é “muito arriscado”, ou então não ter direito a uma carteira de identidade, pois isso tornará a vida de um imigrante insuportavelmente penosa, naquele país.

Outro entrevistado conta a sua trajetória, com elementos bem diferentes das demais: “como eu sofri esse acidente... o patrão (do meu irmão) conhecia um advogado e este advogado pediu pra mim entrar em contato com ele, que talvez ele podia receber uma indenização.... Quando eu recebi (a indenização) acertei tudo o que eu tinha acertar. Deu mais de 60, 70 mil dólares na época... Assim que eu estava com o dinheiro... a minha intenção não era de ficar lá... eu vim embora. Eu acho que foi legal eu ter vindo embora também, não me arrependo. Eu acho, eu gosto daqui, preferi viver aqui. (Você acha que

as pessoas devem ir para lá?)... eu sou totalmente a favor. Não nessas condições hoje de você fazer uma travessia ilegal. Eu acho que se você tiver condições de ir legal, melhor, não é? Essa parte de ter que atravessar, coitado, essas coisas aí... eu não aconselho. Mesmo se eu precisasse”

Resumindo: emigrar vale a pena, mas não se for de modo ilegal, passando pelo México: “Legalmente, sim. Ilegalmente não. (E você aconselharia alguma das suas filhas a imigrar? _ perguntamos) “acho que sim. A minha filha que nasceu lá, tem passaporte azul... Se fosse pra ir pra fazer a travessia, nem pensar. Agora, nas condições delas, acho que elas iriam, tranqüilo. Bom, uma vai pra onde quer e, a outra, com as condições dela de estudo, tudo, ela poderia arrumar um visto”

Antes aventura, agora necessidade e obstáculos

De um modo geral, ao compararem os que foram na sua época e os que vão atualmente para os Estados Unidos para trabalhar, os entrevistados tendem a acentuar muito mais as diferenças. Parece se tratar de uma outra história: outros personagens, outras motivações. Segundo um dos entrevistados: *“... Eu não sei o que seria da minha vida se eu não tivesse ido pra lá. Não consigo te falar... Mas eu acho que, hoje em dia, complicou muito pra pessoa ir pra lá, hoje em dia ta quase impossível um visto pra ir pra lá, principalmente daqui de Poços que é uma cidade que eles sabem que o pessoal vai em massa. Eu acho que, antigamente, na época que eu fui e até alguns anos atrás, ainda era válido e era bom, eu recomendaria ir. Hoje em dia, eu não recomendo mais não, porque ta muito complicado, tem que ir pelo México e corre risco de vida”*

Como os retornados entrevistados “enxergam” os atuais emigrantes? Segundo nossos entrevistados: *“... uma pessoa que sai daqui pra ir pra lá, é uma pessoa que tem opção, ela ambiciona uma vida melhor, pra família dela. Acho que tem que ter o respeito. Porque eles estão tentando uma coisa que o país deles não deu. E essa pessoa podia virar e querer ir pro crime”.*

Como você enxerga as pessoas que estão saindo hoje do Brasil? Você acha que elas têm sido bem sucedidas naquilo que ela procuram, como você vê isso? *“Acho que as pessoas que vão pra lá depois de uma certa idade, elas já não acreditam mais no país delas. Porque elas sofrem. Eu tive um padrasto, tenho ainda, e tenho minha mãe, e meu padrasto, ele mexia muito com construção. Ele tinha uma companhia de construção, ele era israelita, Ele dava oportunidade pra esses brasileiros trabalharem lá, mas as barreiras eram tão fortes que essas pessoas lá só sofriam. Primeira coisa é a barreira da comunicação. Quando você não se comunica com as outras pessoas, você não consegue tirar de dentro de você os problemas que você tem. Segunda coisa. Solidão: mata. A pessoa chaga lá, ela se encontra em solidão total. Ela não ninguém a recorrer, ela não pode fazer nada. Ela não pode ter um plano de saúde, ela não pode ser leva da ao hospital. E o brasileiro num lugar desse, o brasileiro tem uma finalidade: extorquir o brasileiro, principalmente o que ta chegando. Por que? Porque ele é frágil. ... Aí você vai e faz o trabalho e o próprio brasileiro não te paga, o próprio brasileiro te engana, o próprio brasileiro chama a imigração pra você. E se o brasileiro, vou falar pra você de verdade, se o brasileiro mora lá, tiver os documentos, é perigoso até ele cuspir na tua cara.... . Se você for novo, tudo bem. Se você for velho e tem uma maneira de ficar lá, tudo bem. Agora, tem uma certa idade, que se você for pra lá, é só pra sofrer mesmo.*

Foi perguntado aos entrevistados, se aconselhariam uma pessoa a emigrar. Um deles respondeu: *“Eu diria que não, eu falaria que não, falaria não. E Se eu aconselhasse essa pessoa a ir, eu falaria pra ela: trabalha bastante e volte o mais rápido possível, com conhecimento, não só dinheiro, porque o dinheiro acaba. E se o dinheiro acabar e você não souber como fazer outro, você vai ficar numa situação pior do que quando você foi para os EUA. Porque no Brasil, você não conseguiu obter sucesso, nos EUA você não conseguiu obter sucesso, então você mesmo se taxa como fracassado e depois disso você já pode imaginar o que acontece na cabeça de um pai, de uma pessoa que tentou, acreditou e não aconteceu. Então, eu falo: Se você vai para os EUA, pense muito no que você ta fazendo e se você for lá, não brinque. Trabalhe, guarde seu dinheiro, tome muito cuidado, mande dinheiro pro Brasil, compre alguma coisa no Brasil, porque as coisas se complicam muito rápido quando você não tem um suporte familiar, uma estabilidade financeira, num país que... O que eu falei pra vocês, com o atentado agora, piorou 100%.... E sem carteira de motorista nos EUA, o trabalho escravo aumenta. A carteira de motorista é o que precisa nos Estados Unidos”.*

Entretanto, este mesmo entrevistado admite que permitiria que sua própria emigrasse: “*eu mandaria ela... que ninguém olha pra uma criança com maus olhos, você ta entendendo? Todo mundo olha como uma criança, te ajuda, te respeita, ninguém chega e te maltrata, te inferioriza, você é uma criança. E aí a criança vai aprendendo com aquilo, ela vai se desenvolvendo e ela começa a fazer parte do desenvolvimento, ela obtém cultura, o folclore, as manias que eu tenho, tudo dos americanos*”

Antes era melhor: “*... eu acho que os EUA, teve a época que foi bom. Há uns dez anos atrás era muito bom, na época que não tinha ainda muito imigrante lá, as pessoas ganhavam mais dinheiro, era mais sofrido, claro, as pessoas sofriam mais, tinham menos recursos, não tinham brasileiros lá em muita quantidade igual tem hoje. Então, financeiramente era melhor, eles adquiriam mais rápido as coisas, ganhavam mais. Agora, hoje em dia, eu estive lá, faz dois anos e pouquinho que eu voltei, até a época que eu tava lá, ainda tava mais ou menos sabe, dava pra você juntar um dinheirinho, e não tinha aquele problema da imigração, pq quando eu tava nos EUA, foi quando as torres gêmeas caíram. Fazia 11 meses que eu tinha chegado lá, as torres gêmeas caíram, foi em setembro de 2001 que caiu né? Então, eu tinha acabado de chegar lá, cheguei em fevereiro, fazia meses que eu tava lá. Então, depois que as torres gêmeas caíram, aí começou a ficar ruim. Aí a imigração já começou a pegar mais, então dificultou tudo. E até mesmo a imigração espanhola, os espanhóis, os chilenos, eles vão muito pra lá. E a mão-de-obra deles lá é muito barata. Por exemplo, se um brasileiro faz uma faxina por 70 dólares, eles vão lá e fazem por 50. Então começou a apertar também para os brasileiros por causa disso. Eu creio que nós viemos embora numa época muito boa, quando tava na hora mesmo da gente vir. Porque hoje mesmo, quem ta lá é difícil tirar carteira de motorista...*”

Alguns entrevistados ressaltam as vantagens e positivities do fenômeno migratório: “*Imigrar trás pessoas boas ao país. O Brasil está aí, teve muita influência migratória, principalmente no sul do país a gente vê que foi migrado por europeus, um pessoal trabalhador; trouxe muita força de trabalho; italianos, europeus e alemães... no sul você vê disso aí, né? Tem um certo tipo de imigração que essa aí, é prejuízo pro Brasil; tanto aqui como em qualquer lugar do mundo. Quando vêm pessoas com o intuito de trabalhar, pessoas com idéias boas,,,, boas como os europeus e os italianos, eu mesmo sou de*”

origem italiana. Então, eu sou a favor da imigração, meus antepassados migraram pro Brasil”.

Porém, emigrar, hoje em dia é uma questão de necessidade pessoal: quem precisa, deve emigrar. Se antes a emigração valia como experiência e conhecimento, sua validade depende, hoje, das condições deficientes dos que continuam a emigrar: *“Eu acho que isso aí depende muito da necessidade da pessoa. Talvez os que são contra não tenham tanta necessidade de ir. Então fica nesse ponto, que não é só... é questão financeira mesmo. Tem gente que vai porque precisa mesmo de grana, e aqui não ta conseguindo serviço, alguma coisa assim. E muitos são contra talvez aquela pessoa não tenha necessidade. Eu sou a favor em termos, se a pessoa é mais jovem, é solteira, eu acho que deve ir mesmo. Agora, se já é casado, se constitui uma família deve pensar varias vezes antes de ir”.*

Os entrevistados afirmam que *“fariam tudo de novo: “Voltaria a morar lá tranqüilamente. Você aconselharia alguém a emigrar? Depende da situação que eu falei antes aí. Se a pessoa for nova, for solteira, não tiver estabilizado no Brasil eu aconselho sim, tem que ir pra lá mesmo e trabalhar que ganham grana”.*

Perguntamos a este mesmo entrevistado: *“E um filho seu, você aconselharia? Ele respondeu: “Aconselharia. Com bastante orientação do que ele iria passar, mas eu não vejo nada contra não. Inclusive eu tenho uma filha, ta se formando em inglês, nos temos a cidadania italiana, ela tem o passaporte dela. Eu quero que, assim que ela se formar ela vá fazer um estágio. Eu tenho dois irmãos lá hoje, nos Estados Unidos, e eu quero que ela vá, pra ter uma experiência, praticar o inglês que ela ta formando. Aí depois ela volta, depois ela decide se quer ficar, se quer ir.”*

A dificuldade de empreender e de adquirir estabilidade no próprio negócio podem levar os retornados a tentar emigrarem novamente: *“Nós chegamos e abrimos uma confecção, mas entraram os produtos chineses no Brasil, acabou com as confecções. Não só a minha.. Ficou ruim pro ramo. Eu cheguei num ponto que eu não tinha nem pra comprar gás. Aí, eu peguei e falei pra gente ir embora para os EUA de novo. Eu a já tinha minha casa. Pensei, vou vender minha casa e vou embora pra os Estados Unidos. Ela falou: “não, você não vai, nós não vamos de novo”. Aí a família dela disse que daria uma força*

pra gente montar uma loja de parafuso. Achamos que não tinha condição, que seria um ramo difícil. Aí, ficamos lá na casa deles três meses. Lá na loja, fazendo curso lá, aprendendo. Aí o primo dela disse que ajudava a gente a montar a loja. Aí, que eu fiz? Eu vendi a minha casa, mas com medo, porque nesse país aqui, né? Se não desse certo eu não sei nem como eu ia embora. E arrisquei. Aí, vendi minha casa e montei a loja”.

Para alguns entrevistados era nítida a intenção de emigrar e abrir um negócio após o retorno. Mas, ainda neste caso, o tipo de negócio, não se sabia. Para outros, a idéia de abrir um negócio, sequer era assim tão clara, logo que chegaram: *“Depois eu voltei, eu fiquei dois anos desempregado, procurando serviço. Vários amigos me abriram a oportunidade de fazer ficha em várias empresas, mas só ficou naquilo. Não consegui mesmo entrar em lugar nenhum. Aí eu pensei comigo “Se eu tinha essa proposta de vender a casa eu tenho que vender”. A partir do momento que eu e minha esposa sentamos e consentimos nisso, de realizar isso, apareceu comprador no ato. Exatamente uma pessoa que veio da América, tava procurando uma casa e me pagou aquilo que eu”*

Entrevista 01

- Idade: 49 anos
- Sexo: Masculino
- Emigrou com 31 (1986) e retornou com 33 (dez de 87)
- Religião: Católico
- Status civil: Casado
- Filhos: dois (21 e 16 anos)
- Cidade onde nasceu: Santa Rita do Sapucaí-MG

Entrevista 02

- Tipo de empreendimento: Bar/ restaurante
- Idade: 60 anos.
- Emigrou com 18 anos e retonou com 25

- Religião: católica
- Estado civil: separado.
- Filhos: dois.

Entrevista 03

- Emigrou com 23 anos e retonou com 25
- Religião: católica
- Estado civil: Casado.
- Filhos: três
- Cidade onde nasceu: Poços

Entrevista 04

- Idade: 39 anos
- Sexo: feminino
- Emigrou com 18. e retornou com 21
- Religião: católica
- Estado Civil: casado (há 23 anos)
- Filhos: duas
- Nasceu em: São Paulo

Entrevista 05

- Idade: 45
- Emigrou com 23 e retornou com 26 anos
- Religião: católica.
- Estado Civil: casado
- Filhos: duas
- Cidade onde nasceu: Poços de Caldas.

Entrevista 06

- Idade: 37 anos.
- Emigrou com 19 pra 20 e retornou com 23 anos
- Religião: católico.
- Estado civil: solteiro
- Filhos: Não.
- Nasceu em: Santa Rita do Sapucaí (mas mudou-se para Poços com um ano e meio).

Entrevista 07

- Idade: 39 anos
- Sexo: Masculino
- Emigrou com 23 (1986) anos e retornou com 28 (final de 90)
- Religião: Católico
- Filhos: duas (14 e 9 anos)
- Cidade onde nasceu: Itajubá-MG (mora desde os 6 anos em Poços de Caldas)

Entrevista 08

- Tipo de empreendimento: loja de frangos (um sócio)
- Idade: 41
- Emigrou com 18 e voltou da primeira vez com vinte e depois e depois com vinte e dois.
- Religião: Católico Apostólico Romano.
- Estado civil casado .
- Filhos: uma
- Cidade onde nasceu: Poços de Caldas.

Entrevista 09

- Tipo de empreendimento: padaria (um sócio)
- Data de abertura: 1999
- Funcionários: 15
- Idade: 27
- Emigrou com 19 e retornou com 21 anos
- Religião: Católico.
- Estado Civil: Casado
- Filhos: uma
- Cidade onde nasceu: Poços

Entrevista 10

- Tipo de empreendimento: imobiliária
- Idade: 49.
- Emigrou com 26 e retornou com 43 anos.
- Religião: católica
- Estado Civil: casado
- Filhos: um
- Onde nasceu: Ibitiura da Minas.

Entrevista 11

- Empreendimento: Livraria evangélica (um sócio)
- Sexo: feminino
- Emigrou com 28 anos e voltou com 27
- Religião: Evangélica
- Estado civil: casada
- Filhos: uma
- Natural de Machado

Entrevista 12

- Tipo de empreendimento: fábrica de cozinhas moduladas (tem um sócio)
- 47 funcionários
- Idade: 52 anos
- Emigrou com 30 anos e voltou com 42.
- Religião: católica
- Estado Civil: casado.
- Filhos: dois
- Cidade onde nasceu: Varginha.

Entrevista 13

- Tipo de empreendimento: pequeno comércio
- Idade: 45
- Emigrou com 23 e voltou com 37 anos.
- Religião: Católico
- Estado civil: casado
- Filhos: um
- Cidade onde nasceu: Botelhos.

Entrevista 14

- Tipo de empreendimento: escola de inglês (tem sócio)
- Idade: 27 anos.
- Emigrou com doze (acompanhando pais) e retornou com 20 anos
- Religião: "money"
- Estado civil: solteiro
- Filhos: uma

Entrevista 15

- Tipo de empreendimento: posto de gasolina.
- Funcionários: sete
- Idade: 43 anos
- Sexo: Masculino
- Emigrou com 22-23 e voltou com 42/43 anos
- Religião: Nenhuma

- Status civil: Casado
- Filhos: dois (um nos EUA)
- Cidade onde nasceu: Poços de Caldas

Entrevista 16

- Tipo de empreendimento: loja locadora de vídeo e games (não tem sócios)
- Abertura do negócio: 1994
- Idade: 31
- Emigrou com 17 (final de 1991) e retornou com 20 anos.
- Não tem religião
- Estado civil: casado
- Filhos: 3 meninas.
- Nasceu em: Poços

Entrevista 17

- Tipo de empreendimento: padaria (não tem sócios)
- Abertura do negócio: 96
- Idade: 45 anos.
- Emigrou com 24 e retornou com 27 anos
- Religião: Evangélico Quadrangular
- Estado Civi: Divorciado...
- Filhos: duas.
- Nasceu em : Poços.

Entrevista 18

- Tipo de empreendimento: empresa de segurança (não tem sócios)
- Idade: 37 anos
- Emigrou com 19 e retornou com 29 anos
- Religião: Evangélico
- Estado civil: Divorciado
- Filhos: três
- Nasceu em: Pouso Alegre (MG)

Entrevistado 19

- o Tipo de empreendimento: empresa de telefonia móvel.
- o Duas lojas com 15 empregados no total.
- o As lojas foram abertas em 2000.
- o Tem um sócio.
- o Emigrou com 18 anos / retornou com 22 anos
- o Idade: 35 anos
- o Religião: Evangélico.
- o Estado civil: Casado
- o Filhos: duas
- o Nasceu em: Itaú de Minas

Nome (iniciais)	Idade	Sexo	Por quanto tempo emigrou	Quantas vezes foi	Ocupação / negócio atual	Estado Civil	Religião	Cidade de Nascimento	Estado
Or	49	M	2	1	Estacionamento e Chácaras Fábrica Cozinha Planejada	Casado	Católico	Santa Rita do Sapucaí	MG
W	52	M	10	1	Padaria	Casado	Católico Evangélico	Varginha	MG
Mar	45	M	3	1	Padaria	Divorciado	Quadrangular	Poços de Caldas	MG
Dor	49	M	***	5	Adm Público	Casado	Católico	Ibitiura da Minas	MG
Il	56	M	2	1	Jornal Funcionário	Casado	Católico	Poços de Caldas	MG
H	60	M	4	1	Cartório	Divorciado	Católico	Poços de Caldas	MG
G*	37	M	2	1	Padaria	Casado	Católico	Poços de Caldas	MG
Mar	41	M	4	2	Casa de Frango	Casado	Católico	Poços de Caldas	MG
De	35	M	4	1	Loja de Celular	Casado	Evangélico	Itaú de Minas	MG
S	45	M	14	1	Estacionamento	Casado	Católico	Botelhos	MG
O	39	M	5	1	Restaurante	Casado	Católico	Itajubá	MG
G	27	M	8	1	Dir. Escola de	Solteiro	Não tem	Maringá	PR

					Inglês				
L	43	M	20	1	Posto de Gasolina	Casado	Crê em deus (s/ religião)	Poços de Caldas	MG
I	31	M	3	1	Locadora Empresa de Segurança	Casado	Crê em deus (s/ religião)	Poços de Caldas	MG
A	37	M	10	1		Divorciado	Evangélico	Pouso Alegre	MG
Da	37	M	3	1	Imobiliária	Solteiro	Católico	Santa Rita do Sapucaí	MG
C	28	F	3	1	Livraria Loja de	Casada	Evangélica	Machado	MG
D **	39	F	3	1	Parafusos Loja de	Casado	Católica	São Paulo	SP
E **	45	M	3	1	Parafusos	Casada	Católico	Poços de Caldas	MG

* Entrevistado foi para Toronto, Canadá, e não para os EUA

** Entrevistados Conjuntamente

*** Entrevistado foi por diversas vezes e não é possível dizer por quanto tempo emigrou

7 - CONCLUSÕES

A análise dos indicadores demográficos de Poços de Caldas pôs em relevo tanto a tendência de envelhecimento populacional quanto a **indicação** de que os **ganhos superaram as perdas populacionais** nesse município, nas décadas de 80 e de 90.

No tocante aos seguimentos populacionais tratados na Seção 2, não-migrantes, imigrantes internos de data fixa e retornados internacionais de data fixa, verifica-se que, de 1991 a 2000, o **crecimento** do número de componentes deste último seguimento foi muito superior ao do primeiro e ao do segundo: 152% contra 32,9% e 21% respectivamente. A princípio, pode parecer reduzido o número absoluto de retornados internacionais, 127, para Poços de Caldas no quinquênio 1986/1991. Todavia um simples exercício feito com as estimativas dos emigrantes e dos retornados internacionais de Governador Valadares inspira reservas para com tal conclusão: conforme SOARES (2002) o número de emigrantes internacionais de Valadares no período 1986/1991 foi de 12 336; e o número de retornados internacionais de data fixa de acordo com o Censo de 1991 em Valadares, 438. O quociente resultante da divisão do último pelo primeiro número vezes mil proporciona o que seria uma taxa de retorno migratório, que nesse caso é de 35,5 por mil. À luz do pressuposto, nada provável, de que a emigração internacional guarda relação direta apenas com o tamanho da população residente na origem do fluxo, o número de emigrantes internacionais poços-caldense pode ser obtido, com base nas informações sobre a população residente e os emigrantes internacionais de Valadares, por regra de três simples – cerca de 5 890. Obedecendo a procedimento análogo ao adotado no caso valadareense, o quociente oriundo da divisão do número de retornados internacionais ao município de Poços de Caldas pelo número de emigrantes internacionais do quinquênio 1986/1991, multiplicado por mil, informa que de cada mil emigrantes internacionais 21,5 retornaram a esse município – taxa não muito distante da encontrada para Valadares. Assim, não caberia considerar pequeno o número de retornados internacionais de data fixa a Poços de Caldas, ainda mais quando se tem em conta a recentidade da migração internacional nesse município, o que se confirma pelas evidências de que o retorno não é etapa migratória que se dê de forma imediata e pela pequena participação das mulheres nesse fluxo, no período 1986/1991 – a seletividade está, em certa medida, relacionada à evolução do movimento migratório, o que significa

que a migração é mais altamente seletiva por sexo e idade nas fases pioneiras, e menos seletiva nas fases posteriores (RENNER & PATARRA, 1980).

A configuração exibida pelos dados referentes aos países de residência dos retornados internacionais a Poços de Caldas deixa ver tanto o predomínio dos EUA em ambos os quinquênios como alterações na pauta de residência desses mesmos retornados de um quinquênio a outro: o Peru e países da África cederam lugar a Portugal, Grã-Bretanha, Portugal e França no período de 1995 a 2000b .

Se a alta concentração dos retornados internacionais de Poços de Caldas nas categorias superiores de **renda** – como ficou registrado aqui, em 2000, 33,3% recebiam de 5 a 10 salários mínimos e 20,4%, de 15 salários mínimos ou mais –, leva a supor o maior sucesso desse segmento populacional no campo econômico em comparação com não-migrantes e imigrantes internos; os dados sobre **escolaridade** sugerem precaução contra a associação direta desse mesmo sucesso com a aquisição de habilidades, ou melhor, com a acumulação de capital humano em mercado de trabalho estrangeiro: em 2000, os retornados internacionais concentraram-se nas categorias de 9 a 11 anos e de 12 a 16 anos de estudo: 47,2% na primeira e 12% na segunda, o que informa participação não desprezível da origem na constituição desse capital.

Observamos que, por um lado, de fato, as entrevistas indicam que as habilidades adquiridas por aqueles que, ao retornarem, abriram o próprio negócio, não se constituem de educação formal, mas sim de um aprendizado “*in job*”, ou seja, um tipo de aprendizado que se faz na prática e que pode estar relacionado à maneira se administra um negócio, se relaciona com os empregados ou se valoriza o trabalho e, ao mesmo tempo, se deve ser exigente com o funcionário.

Por outro lado, os entrevistados afirmam reiteradamente que a emigração se colocou diante deles como uma alternativa de vida, diante do fato de que não estudaram suficientemente, ou seja, a ponto de terem uma profissão., o que confirma que, de fato, eles partem com um nível de escolaridade baixo e voltam, igualmente com um nível de escolaridade baixo.

Retornar com dinheiro não é tudo. A emigração proporcionou-lhes uma experiência de vida que não tem preço. Voltar mais amadurecidos, com uma “nova mentalidade”, mais garra para lutar pelo que quer, são fatores subjetivos que por si só reafirmam e valorizam a experiência migratória, de acordo com nossos entrevistados. O retorno, mesmo quando justificado pelos vínculos familiares, tende a ser celebrado como parte de uma ascensão social, imediatamente reconhecida pela família como fruto de um esforço individual:

Emigrar dá início a um longo do todo seu processo, ou seja: pensar na possibilidade, decidir partir, deixar o Brasil, chegar e viver nos Estados Unidos por um tempo, retornar e reencontrar o que deixou, é tido, pelos nossos entrevistados como uma “experiência”.

A idéia de experiência está intimamente ligada à de aprendizado. O aprendizado que a experiência migratória proporciona recai sobre a convivência diária com uma “cultura diferente” e tende a englobar: 1) a língua; 2) aspectos ligados à “cultura econômica”, ou seja, valores que orientam a conduta econômica, tais como força de vontade e agressividade no dia a dia dos negócios e revalorização do trabalho, qualquer que seja ele; 3) a revalorização da família.

Pelo menos uma parte deste longo processo, aquela em que se “está lá”, é vivenciada como sendo uma experiência completamente solitária. Não por acaso, os emigrantes dizem que ser migrante é aprender a “se virar sozinhos”. Como a maioria dos retornados entrevistados era muito jovem ao deixarem o Brasil, emigrar gera aprendizado também numa dimensão mais específica do cotidiano de suas vidas. Estar lá “obriga” as pessoas aprenderem a “se virar sozinho”, não mais contar com o apoio da família para coisas pequenas do dia a dia, e a suprir, no próprio cotidiano, o papel antes desempenhado por figuras familiares e domésticas tipicamente brasileiras.

O período em que se “está longe” é geralmente curto, para os nossos entrevistados, e a emigração foi anteriormente planejada para ser assim: partem porque querem retornar, trazendo alguma coisa que ao partir não tinham. O retorno é, muitas vezes, interpretado como uma espécie de chamado, ao qual respondem positivamente, mas não sem hesitação, como se soubessem, desde que partiram que a hora do retorno chegaria. É a família, esposa e filhos, que justificam a volta, uma espécie de odisséia popular, o fim de uma experiência que se quer, sobretudo, positiva e, não poucas vezes, heróica. O retorno

tende a ser celebrado como parte de uma ascensão social, imediatamente reconhecida pela família como fruto de um esforço individual:

O que se pensava trazer: dinheiro. Todavia, nem sempre é o que de fato se trás. Ainda assim, as entrevistas tornam evidente uma tentativa de justificar a ida em termos de experiência e conhecimento, mas não de necessidade econômica. Alguns entrevistados interpretam sua emigração, e a justificam, de modo a inseri-la em um campo de significados e sinais de claro pertencimento à classe média local. A emigração aparece como parte importante de um processo pessoal de re-orientação da vida, por um lado, e como uma espécie de aventura, por outro. Especificamente a palavra “aventura”, quando associada à motivação para emigrar, permite aos entrevistados tirar de sua própria frente a justificativa econômica como componente da decisão de emigração. Ou seja, afirmar o caráter de aventura significa negar, ou mitigar, o caráter de necessidade, especialmente econômica que o impulsionou,

A emigração como experiência permite aos nossos entrevistados valorizar o trabalho, seja ele qual for (aqui poderia ser feita uma clara ligação com a valorização do trabalho como vocação, analisado em Max Weber). Porém, para alguns dos entrevistados, trabalhar duro é condição de ser imigrante e, portanto, não pode ser devidamente explicado pelas características e dinâmica da cultura americana. De qualquer modo, para uns e outros, a experiência de ter vivido como trabalhador imigrante em outro país, reforça o desejo do auto-emprego. No entanto, cuidado: os conhecimentos específicos e necessários ao empreendedor, à abertura do próprio negócio, tendo que enfrentar os riscos que são típicos do Brasil, não se adquire com a emigração.

Ao voltar ao Brasil, a maioria sonha em abrir o próprio negócio. O auto emprego é tido como uma conquista, que não depende apenas de se ter dinheiro. O capital inicial, trazido dos Estados Unidos, é apenas “um empurrão”, condição necessária, mas não suficiente. É unânime: os brasileiros que juntam algum dinheiro lá, têm muitas dificuldades de aplicá-lo bem aqui. Se nem todos conseguem abrir o próprio negócio, e quando o fazem, nem todos os negócios são bem sucedidos, como isso é justificado/explicado? Dificilmente os negócios conseguem se manter porque: 1) as muitas oscilações da economia brasileira e 2) a falta de conhecimento sobre o ramo específico do negócio que o imigrante retornado escolhe para desenvolver.

Para outros, ainda, o que se aprende lá não se aplica aqui, pelo menos não sem antes relativizar os diferentes contextos culturais, para outros entrevistados, o que se observou/ aprendeu lá ajuda a lidar com o negócio aqui.

Nem sempre os ganhos materiais obtém lugar destacado naquilo que se traz com a experiência imigratória. Alguns chegam a admitir que não trouxeram nada de importante do ponto de vista material. Inclusive criticam o viés materialista da cultura americana, não obstante, o que de mais importante trouxeram, dizem, foi um certo “jeito de ser americano” em relação ao trabalho.

A emigração é um “sonho” -- nossos entrevistados não se cansam de usar esta palavra -- alimentado pelo desafio da alteridade e, principalmente, pelo retorno. Partir e voltar, como diz a letra da música de Milton Nascimento, são dois lados da mesma moeda”.

Ao voltarem, os retornados são constantemente procurados por aqueles que querem emigrar: valeu a pena? Vale a pena? As condições apresentadas são: ser solteiro, ou levar a família, se estiver casado. Não ter estudado suficientemente no Brasil e, portanto, não ter como “fazer um pé de meia” aqui, ou para se livrar de um salário insatisfatório, ou mesmo do desemprego. Mas não só: para alguns, entrar ilegalmente nos Estados Unidos passando pelo México, não vale a pena, pois é “muito arriscado”, ou então não ter direito a uma carteira de identidade, pois isso tornará a vida de um imigrante insuportavelmente penosa, naquele país. Para resumir: “na minha época valia a pena, hoje, nem tanto. Provavelmente sim...”

ANEXOS

Campo de Poços de Caldas

Instruções gerais para realização da pesquisa de campo:

- 1) Quando, como e por que a emigração em Poços? Vínculos com Estados Unidos? Quem são os pioneiros que poderiam nos contar esta história? Algãem já estudou? Registros em jornais, etc?
- 2) Perfil sócio-demográfico da cidade – comparação com Governador Valadares.
- 3) Que tipo de turismo tem em Poços (nacional, internacional, classe média?) . Há alguma possibilidade de que o turismo esteja ligado com a emigração?
- 4) Podemos ouvir as fitas dos programas anteriores do Walther? Só isso já daria um belo trabalho.
- 5) Os emigrantes em Poços pertencem a que classe social? Nível de escolaridade? Quais os principais locais que elegem por destino?
- 6) Quais as cidades ao redor que se “beneficiam” da cultura migratória e da infra para emigração existente na cidade?
- 7) Para quais países os nativos estão emigrando? Por que?
- 8) Pontos de iniciação da nossa Bola de Neve: quem entrevistar primeiro?
- 9) Checar a presença de coyotes na cidade e a imagem que a população tem deles.
- 10) Checar a relação da Assembléia de Deus com a travessia na fronteira.

Roteiro da Entrevista (Versão 1)

- 1) Se você olhasse de traz para frente, você diria que valeu a pena ter emigrado?
- 2) Se o entrevistado respondeu sim: Quais foram as experiências negativas que você teve?
Se o entrevistado respondeu não: Quais foram as experiências positivas que você teve?
- 3) Então conte a sua história: quando você foi, por que motivo, para onde e por que foi para este lugar, que tipo de ajuda você recebeu e quem te ajudou a emigrar?
- 4) Por que você retornou? (se ele disse que foi bem positiva a experiência, perguntar: Se foi positivo para você, porque retornou?)

- 5) O que você fazia no Brasil antes de partir (trabalho)? Quanto você ganhava e qual era seu grau de escolaridade.
- 6) Enquanto esta lá, você remetia dinheiro para o Brasil? Quanto, por que vias e com que finalidade? Quem recebia este dinheiro?
- 7) Como você entrou nos Estados Unidos / ou no país para onde emigrou? (algum “trauma” na entrada?)
- 8) Você tem religião, frequenta igreja (buscar alguma maneira -- aí depende do caso, de ver se a igreja interferiu de algum modo, as vezes até sutil, na decisão de emigrar).
- 9) O que você trouxe do país onde viveu, e que você considera ser importante na sua vida agora? (deixar com que ele responda. Mas as alternativas poderiam ser: dinheiro, experiência de vida, aprender uma nova língua, aprendeu uma profissão, aprendeu a valorizar o trabalho, etc...)

OBS: Explore esta questão em detalhe, pois ela diz respeito ao tópico central da pesquisa. Por exemplo, se conseguiu montar uma firma com o dinheiro, procure saber do que, há quanto tempo tem a firma, qual é o faturamento mensal, se ele recebeu ajuda de alguém para montar a firma, se ele já tinha tentado antes e não deu certo, etc.

- 10) O que significou para você ter morado em outro país? E para sua família? E na cidade, como você acha que as pessoas enxergam os que estão saindo do Brasil? Você considera que o plano de emigrar tem sido bem sucedido ou fracassado para as pessoas que você conhece? E para vc?
- 11) Como foi que você planejou sua ida e depois a sua volta. Tente contar em detalhes como você calculou tudo isso. Ou ir e voltar foi uma decisão mais sentimental, afetiva?
- 12) Quando as pessoas se sentam para conversar, as vezes se exaltam e se dividem: há os que são contra e os que são a favor da emigração. Como você vê isso? Qual é a sua posição? Você faria tudo de novo? Você aconselharia seu filho a emigrar (em que condições)?

Nome:
Idade:
Sexo:
Com quantos anos você emigrou/ com quantos anos você retornou:
Religião:
Status civil:
Tem ou não filhos/ quantos
Cidade onde nasceu:

Anexo

Conceitos e quesitos censitários sobre a migração

A utilização de censos e de outras estatísticas para analisar as migrações implica, comumente, definições operacionais de natureza demográfica. Apesar de muitos termos e conceitos serem correntes em estudos migratórios, cabe precisá-los à luz da orientação analítica que, a eles, confere significados específicos.

O deslocamento da população no espaço é um fenômeno complexo: a distância percorrida pode variar de poucos a muitos quilômetros, e a permanência, no destino, das pessoas que se deslocam pode ser de algumas horas ou de muitos anos. Considerável parcela desse deslocamento consiste na mobilidade espacial das populações nômades, em movimentos sazonais, no movimento de pessoas com mais de uma residência, nos deslocamentos de visitantes, turistas e pessoas que viajam regularmente etc. e não se confunde com o tipo de mobilidade que tem caráter mais duradouro, a migração (UNITED NATIONS, 1970). O conceito de migração remete à mudança de moradia habitual para lugar novo ou diferente. Enfim, o fato migratório manifesta-se pela mudança de residência, o que implica certa estabilidade, permanência. Não cabe, portanto, admitir os movimentos pendulares como migração, pois eles não satisfazem a esse pré-requisito.

Na caracterização do processo migratório, a unidade espacial e o período são dois outros elementos fundamentais. O recorte territorial cujos limites têm de ser transpostos (a migração consiste em mudança de residência entre unidades espaciais pré-definidas) e o período dentro do qual o movimento populacional ocorre – só serão consideradas as mudanças de residência ocorridas nesse recorte temporal – devem estar claramente definidos para dar precisão à análise (UNITED NATIONS, 1970).

Quando esse marco espaço-temporal definidor do fluxo migratório, que classifica determinada população em dois grupos básicos, migrante e não-migrante, é cotejado com os tipos de informação direta, gerados por meio de quesitos constantes nos censos

demográficos sobre migração: “lugar de nascimento”, “período de residência no lugar de enumeração”, “lugar de última residência” e “lugar de residência em data específica antes do censo”, ficam claros certos limites e variações conceituais e empíricas dados pela natureza dessas questões.

A resposta à questão censitária sobre o lugar de nascimento do pesquisado classifica como migrante a pessoa que foi recenseada em lugar diferente de onde nasceu e, como não-migrante, o que foi recenseado no mesmo lugar de nascimento (UNITED NATIONS, 1970). Esse tipo de informação encobre elementos importantes da dinâmica migratória, a saber: i) da trajetória realizada pelo migrante, que pode ser complexa e constituída de muitas etapas intermediárias, só dá a conhecer a origem primeira (lugar de nascimento); ii) a migração de retorno não é captada – não leva em conta as pessoas que se mudaram do lugar de nascimento e, posteriormente, a esse lugar, retornaram; e iii) a ausência da data em que se deu a migração encobre os desdobramentos, os efeitos diferenciados desse processo sobre a dinâmica populacional de determinado lugar, ao longo do tempo (RIGOTTI, 1999).

O quesito que indica o tempo de moradia do recenseado no lugar de residência (duração de residência) põe em evidência todos os naturais e não-naturais cuja última etapa migratória teve como destino a unidade espacial analisada – são os imigrantes de última etapa. Por si só, esse quesito não dá a conhecer os emigrantes de última etapa migratória de determinada unidade espacial.

A pergunta sobre o lugar de última residência permite identificar todos os migrantes que alguma vez moraram fora da área pesquisada, incluindo os naturais retornados. Como ocorre com a informação sobre o lugar de nascimento, não traz, todavia, a referência temporal do fluxo migratório. Da combinação dos dados sobre o lugar de última residência com os dados de residência na data do censo, podem ser obtidos: i) o lugar de origem dos imigrantes e o lugar de destino dos emigrantes de determinada área; e ii) o balanço das trocas populacionais entre duas áreas (UNITED NATIONS, 1970).

Se o quesito sobre o lugar de última residência acusa o movimento direto entre dois lugares, não é o que ocorre com os dados sobre o lugar de nascimento, pois, entre os não-naturais, há os que realizaram mais de uma etapa migratória, e entre os naturais, há os migrantes de retorno. Além disso, o cruzamento do que põem a par as respostas às

questões sobre o lugar de última residência e duração de residência torna mais rica a análise migratória, porque as coortes, fluxos e o período da migração podem ser identificados (UNITED NATIONS, 1970).

O lugar de residência em data fixa passada, em regra 5 anos antes da data de referência do censo, põe à mostra os migrantes de data fixa, isto é, os que residiam em lugares diferentes nos extremos do recorte temporal pesquisado (em duas datas fixas), e os não-migrantes de data fixa – pessoas que residiam no mesmo lugar em ambas as datas fixas; as etapas intermediárias da migração, nesse período, não estão incluídas nas respostas a esse quesito. Além de facultar o cálculo das medidas convencionais de migração: imigrante, emigrante e saldo migratório, esse quesito traz à tona os lugares de origem e destino dos fluxos.

Demais, o potencial de análise dos fluxos migratórios aumenta muito, se a informação sobre o lugar de residência em data específica do passado é combinada com os dados, porventura existentes, sobre lugar de nascimento. Por exemplo, a comparação entre a migração acumulada e a migração de datas fixas pode lançar luz sobre as alterações no padrão migratório de certa região (UNITED NATIONS, 1970).

Censos brasileiros e fluxos migratórios

Crescente atenção tem sido dada aos fluxos migratórios nos censos brasileiros. As questões sobre migração, no Censo de 1970, foram direcionadas apenas aos não-naturais dos municípios. Os quesitos referiam-se ao tempo de residência, sem interrupção, na Unidade da Federação (UF) e no município, ao lugar de procedência (UF ou país estrangeiro) e à situação do domicílio (urbano ou rural). A natureza e as possíveis combinações das respostas a tais quesitos não permitem mensurar a migração dos naturais do município ou da UF (migração de retorno), que pode, em certas condições, alcançar valores significativos (CARVALHO, 1980).

Além de ter mantido, basicamente, os mesmos quesitos sobre os fluxos populacionais internos do Censo de 1970, o Censo de 1980 trouxe duas grandes novidades: i) a investigação não se limitou aos não-naturais e, além das migrações intermunicipais, foi pesquisada a migração intramunicipal (entre os setores rural e urbano); e ii) foi identificado o nome do município de residência anterior das pessoas com menos de dez anos de residência no município na data do censo. Com isso, o cálculo dos ganhos

(imigrantes) e das perdas (emigrantes) de população, entre duas unidades espaciais analisadas, tornou-se factível; todavia, a diferença entre imigrantes e emigrantes de tais unidades representa algo próximo ao conceito de saldo migratório, mas não o ganho líquido de população oriundo do processo migratório entre duas datas fixas. As lacunas relacionadas à migração rural-urbana dentro do próprio município bem como à migração de retorno foram suprimidas (CARVALHO, 1985).

O Censo de 1991 é o mais completo no tocante aos dados sobre migração, pois além de manter os quesitos do censo anterior trouxe uma inovação: a **informação de “data fixa”**, obtida por meio do quesito 21 (Indique a sigla da UF e o nome do município ou país em que residia em 1/9/86.), o que amplia as possibilidades de pesquisa nesse campo. Imigrantes e emigrantes identificados com base nesse quesito guardam semelhança conceitual com os imigrantes e emigrantes implícitos no saldo migratório resultante de técnica indireta (CARVALHO & MACHADO, 1992).

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, José Alberto M. de. Migrações internas: mensuração direta e indireta. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2, 1980, Águas de São Pedro. **Anais ...** Belo Horizonte: ABEP, 1980. p. 533-577.

CARVALHO, José Alberto M. de. Estimativas indiretas e dados sobre migrações: uma avaliação conceitual e metodológica das informações censitárias recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.2, n.1, p.31-73, jan./jun. 1985.

CARVALHO, José Alberto M. de, MACHADO, Cláudio Caetano. Quesitos sobre migração no Censo Demográfico de 1991. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.9, n.1, p.22-34, jan./jul.1992.

FUNDAÇÃO IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro. 2001.

_____. **Censo Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro. 1992.

_____. **Censo Demográfico de 1980**. Rio de Janeiro. 1982.

_____. **Censo Demográfico de 1970**. Rio de Janeiro. 1973.

RENNER, Cecília H., PATARRA, Neide L. Migrações. In: SANTOS, Jair L. Ferreira, LEVY, Maria Stella Ferreira, SZMRECSÁNYI, Tamás (Orgs). **Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p.21-85.

RIGOTTI, José Irineu Rangel. **Técnicas de mensuração das migrações, a partir de dados censitários**: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo. 1999. 142p. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

UNITED NATIONS. **Manual VI: methods of measuring internal migration**. New York: United Nations, 1970. 72p. (Population studies ; 47)

ALBA, R., NEE, V. Rethinking assimilation theory for a new era of immigration. *International Migration Review*, v.31, n.4, p. 826-74, 1997.

BORJAS, George J. *Heaven's door: immigration policy and the American economy*. Princeton: Princeton University; 1999. 263p.

BORJAS, George J. *Labor economics*. New York: McGraw Hill, 1996. Cap. 9, Labor mobility, p.279-317.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade* (prefácio). São Paulo: EDUSP, 1998. p. 9-12.

BREMAN, Jan. Seasonal migration and co-operative capitalism: the crushing of cane and of labour by the sugar factories of Bardoli, South Gujarat, Part 1. *Journal of Peasant Studies*, v.6, n.1, p.41-70, 1978.

BREMAN, Jan Seasonal migration and co-operative capitalism: the crushing of cane and of labour by the sugar factories of Bardoli, South Gujarat – Part 2. *Journal of Peasant Studies*, v.6. n.2, p.168-209, 1979.

BRETTELL, Caroline, HOLLIFIELD, James Frank. *Migration theory: talking across disciplines*. New York: Routledge, 2000.

BRITO, Fausto. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.12, n1/2, p.21-33, 1995.

BROWNING H., FEINDT, W. Selectivity of migrants to a metropolis in a developing country: a mexican case study. *Demography*, v.6, n.4, p.347-57, 1969

CHIN, K.S. et al. Immigrant small business and international market, in *International Migration Review*, vol.30, p. 485-510, 1996.

DE JONG, Gordon, GARDNER, Robert (Eds.) *Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries*. New York: Pergamon, 1981. 394p.

GOLD, Steven Patterns of economic cooperation amogn israeli immigrants in L.A., in *International Migration Review*, vol.28, p. 114-135, 1994.

GOZA, Franklin, RIOS NETO, Eduardo. *The labor process among temporaty workers in the São Paulo sugar industry*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1987. 38p. (mimeogr.)

GRANOVETTER, Mark. The economic sociology of firms and entrepreneurs. In: PORTES, A. (Ed.) *The economic sociology of immigration*. New York: Russell Sage Foundation, 1995. p.128-165.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, v.91, n.3, :p. 481-510, 1985.

GRANOVETTER, Mark A theoretical agenda for economic sociology, in GUILLEN, Mauro et al. (eds) *New Directions in Economic Sociology*, Russell Sage Foundation, New York, 2002.

GUILLEN, Mauro et al. (eds) *New Directions in Economic Sociology*, Russell Sage Foundation, New York, 2002.

HARRIS, John H., TODARO, Michael P. Migração, desemprego e desenvolvimento: uma análise com dois setores. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE; 1980. v.1, p.173-209.

KRITZ Mary et al (Eds.) *International migration systems, a global approach*. Oxford: Clarendon, 1992.

LOGAN, John et al. Enclaves and entrepreneurship: assessing the payoff, in *International Migration Review*, vol. 37, p. 344-388, 2003.

MASSEY, D. et al. *Return to Aztlan, the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California, 1987. 335p.

MASSEY, D. et al. *Worlds in motion, understanding international migration at the end of the millennium*. Oxford: Clarendon, 1998. 362p.

PIORE, Michael. *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*. Ann Arbor : UMI, 1997. 229p.

PORTES, A. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, A. (Ed.) *The economic sociology of immigration*, New York: Russell Sage Foundation, 1995. p.1-41.

PORTES, A. Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration. In: KRITZ, Mary et al. (Eds.) *Global trends in migration: theory and research on international population movements*, Center for Migration Studies, New York, 1983, pp. 279-297.

PORTES, A., SENSENBRENNER, J. Embeddedness and immigration: notes on the social determinants of economic action. *American Journal of Sociology*, v.98, n.6, p.1320-50, May 1993.

RATH, Jan e KLOOSTERMAN, Robert A critical review of research on immigrant entrepreneurship, in *International Migration Review*, vol. 34, p. 657-681, 2000.

TIENDA, Marta e RAIJMAN, Rebeca Immigrants pathways to business ownership, in *International Migration Review*, vol. 34, p. 682-706, 2000.

MIN, Pyong e BOZORGMEHR, Meadi Immigrant entrepreneurship and business patterns, in *International Migration Review*, vol. 34, p. 707-738, 2000.

SASSEN, Saskia Immigration and local labor markets. In: PORTES, A. (Ed.) *The economic sociology of immigration*, New York: Russell Sage Foundation, 1995. p.87-127.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998. 299p.

SJAASTAD, Larry A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. v.1, p.115-143.

SOARES, Weber. *Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense*. 1995a. 178p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

STINCHCOMBE, Arthur. *Economic sociology*. Orlando: Academic Press, 1983. 269p.

STOUFFER, Samuel. Intervening opportunities: a theory relating mobility and distance. *American Sociological Review*, n.5, p. 845-867, Dez. 1940.

STOUFFER, Samuel. Oportunidades intermedias y migrantes en competencia. In: ELIZAGA, Juan, MACISCO Jr., John (Eds.) *Migraciones internas: teoría, método y factores sociológicos*. Santiago: CELADE, 1975. p. 587-614.

TODARO, Michael P. A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países em desenvolvimento. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE; 1980. v.1, p.145-171.

BEAN, Frank, BELL-ROSE, Stephanie (Eds.) *Immigration and opportunity: race, ethnicity and employment in USA*. New York: Russell Sage Foundation, 1999.

WOOD, Charles Equilibrium and historical-structural perspectives on migration. *International Migration Review*, v.16, n.2, p.298-318, 1982.

WOOD, Charles Structural changes and household strategies: a conceptual framework for the study of rural migration. *Human Organization*, v.40, n.4. p.338-44, 1981.

MASSEY, Douglas Beyond Smoke and Mirrors: Mexican Immigration in an Era of Economic Integration Russell Sage Foundation Publications (September 1, 2003).

HAMMAR, Tomas (ed) et Al. International Migration, Immobility and Development : Multidisciplinary Perspectives Berg Publishers (August 1, 1997).

WALDINGER, Roger Strangers at the Gates: New Immigrants in Urban América University of California Press (October 1, 2001).

WALDINGER, Roger The making of an immigrant niche, in *International Migration Review*, vol. 28, p. 3-30, 1994.

WALDINGER, Roger e LICHTER, Micheal How the Other Half Works: Immigration and the Social Organization of Labor University of California Press (January 6, 2003).

ZIMMERMANN, KLAUS e BAUER, Thomas The Economics of Migration (The International Library of Critical Writings in Economics Series) Edward Elgar Publishing (September 1, 2002).

BEAN, Frank *At the Crossroads* Rowman & Littlefield Publishers, Inc. (January, 1997).

SASSEN, Saskia *The Mobility of Labor and Capital : A Study in International Investment and Labor Flow* Cambridge University Press; Reprint edition (June 29, 1990).

SOWELL, Thomas *Migrations and Cultures: A World View* Harpercollins (March 1, 1996).

MOMSEN, Janet *Gender, Migration and Domestic Service (International Studies of Women and Place)* Routledge (December, 1999).

PARK, Kyeyoung *The Korean American Dream: Immigrants and Small Business in New York City (Anthropology of Contemporary Issues)* Cornell University Press (June 1, 1997).

COHEN, Robin *The Sociology of Migration (The International Library of Studies on Migration, 3)* Edward Elgar Publishing (October 1, 1996).

GOZA, Franklin e MARTELETO, Leticia *An examination of remittance activity among brazilian immigrants in the U.S. and Canada*, ANAIS ABEP, 1998.

NAYYAR, Deepak *Migration, Remittances and Capital Flow: The Indian Experience* Oxford University Press (May 1, 1994).

Stark O - *Migration in developing countries: risk, remittances, and the family.*

ATHUKORALA, P. *Improving the contribution of migrant remittances to development: the experience of Asian labour-exporting countries.* *International Migration*, v. 31, p. 103-121, 1993.

ARNOLD, F. *The contribution of remittances to economic and social development.* In: KRITZ, M. M. *et. al. International migration systems: a global approach.* Oxford University Press, p. 205-220, 1992.

ARNOLD, Fred e SHAH, Nasra Asian labor migration to the middle east, in *International Migration Review*, v. 18, p. 294-318, 1984.

DURAN, Jorge et al. Migradollars and development: a reconsideration, in *International Migration Review*, vol. 30, p. 423-444, 1996.

ELBADAWI, I., ROCHA, R. R. *Determinants of expatriate workers' remittances in North Africa and Europe*. Washington: The World Bank, 1992.

FUNKHOUSER, E. Remittances from international migration: a comparison of El Salvador and Nicaragua. *The Review of Economics and Statistics*, v. 77, p. 137-146, 1995.

KEELY, C. B., TRAN. B. N. Remittances from labor migration: evaluations, performances and implications. *International Migration Review*, v. 23, p. 500-525, 1989.

LIANOS, T. P. Factors determining migrant remittances: the case of Greece. *International Migration Review*, v. 31, p. 72-87, 1997.

LUCAS, R. E., STARK, O. Motivation to remit: evidence from Botswana. *Journal of Political Economy*, v. 93, p. 901-918, 1985.

MASSEY, D. S., BASEM, L. Determinants of savings, remittances and spending patterns among mexican migrants to the United States. *Sociological Inquiry*, v. 62, p. 186-207, 1992.

-----, PARRADO, E. Migradollars: the remittances and savings of mexican migrants to the USA. *Population Research and Policy Review*, v. 12, p. 3-30, 1994.

MENJÍVAR, C., DA VANZO, J., GREENWELL, L. Remittance Behavior among Salvadoran and Filipino Immigrants in Los Angeles.

International Migration Review, v. 32, p. 97-126. 1998.

ROBERTS, Kenneth e MORRIS, Micheal Fortune, risk and remittances, in *International Migration Review*, vol. 37, pp.1252-1281, 2003.

STAHL, C. W., ARNOLD, F. Overseas worker's remittances in Asian development. *International Migration Review*, v. 20, p. 899-925, 1986.

WOOD, C. H., MCCOY, T. L. Migration, remittances and development: a study of Caribbean cane cutters in Florida. *International Migration Review*, v. 19, p. 251-277, 1985.

Retorno

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

ALVAREZ, Jose Hernandez Return Migration to Puerto Rico (Population Monograph Series) Greenwood Press Reprint (August 10, 1976).

BOHON, Stephanie Latinos in Ethnic Enclaves: Immigrant Workers and the Competition for Jobs Routledge (September 1, 2000).

KING, Russell Return Migration and Regional Economic Problems Croom Helm, Ltd. (February 1, 1986).

IREDALE, Robyn (ed.) et. Al. Return Migration in the Asia Pacific Edward Elgar Publishing (October 1, 2003).

SMITH, Carolyn (ed.) Strangers At Home: Essays on the Effects of Living Overseas and Coming "Home" to a Strange Land, Aletheia (October 1, 1996).

GMELCH, George Double Passage : The Lives of Caribbean Migrants Abroad and Back Home, University of Michigan Press (March 15, 1993).

INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION Return Migration: Policies & Practices In Europe, International Labour Org (June 9, 2004).

LOCKWOOD, Victoria Development and return migration to rural French Polynesia, in International Migration Review, vol. 24, p. 347-371, 1990.

LORENZO-HERNANDEZ, Jose The mexican´s dilemma: categorization of return migrants, in International Migration Review, vol. 33, p. 988-1013.

MUSCHKIN, Clara Consequences of return migrant status for employment, in International Migration Review, vol. 27, p. 79-102, 1993.

Enchautegui ME - Subsequent moves and the dynamics of the migration decision: the case of return migration to Puerto Rico.
Enchautegui ME - The value of U.S. labor market experience in the home country: the case of Puerto Rican return migrants.

CUNHA, Aparecido Soares Migração de retorno num contexto de crises, mudanças e novos desafios, in ANAIS ABEP, 2000.

RIBEIRO, José T.L. et al. Efeitos demográficos da migração de retorno: uma proposta metodológica, ANAIS ABEP, 1996.

RIBEIRO, José T.L. et al. Migração de retorno: algumas possibilidades de mensuração, ANAIS ABEP, 1996.

RIBEIRO, José T.L. e CARVALHO, José A. M. A imigração para Minas Gérias no período 1981-1991, com especial enfoque na migração de retorno, ANAIS ABEP 1998.

RIBEIRO, J. T. L. *Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no Nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991*. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1997. (Tese de Doutorado em Demografia).

SAENZ, Rogelio e Davila, Alberto Chicano return migration to the southwest, in *International Migration Review*, vol. 26, p. 1248-1266, 1992.

SCOTT, Russell Parry O Retorno ao nordeste – refugio, família e reprodução, ANAIS ABEP, 1986.

Migração, redes sociais e capital social

BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas. *International Migration Review*, v.23, n.3, p.638-670; 1989.

BURT, Ronald S. *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge: Harvard University, 1992. 313p.

LIN, Nan et al. (Eds.) *Social capital: theory and research*. New York: Aldine De Gruyter, 2001.

DEGENNE, A., FORSÉ, M. *Introducing social networks*. London Sage, 1999. 248p.

FAWCETT, J. Networks, linkages and migration systems. *International Migration Review*, v.23, n.3, p.671-680, 1989.

FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002: Ouro Preto, MG. *Violências, o estado e a qualidade de vida da população brasileira: anais*. Belo Horizonte: ABEP, 2002. (Disponível em CD-ROM.)

FULLER, T. et al. Urban ties of rural thais, in *International Migration Review*, vol. 24, p. 534-562, 1990.

FUSCO, Wilson. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CASTRO, Mary Garcia (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 427-445.

GOZA, Franklin. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: MARTES Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.263-288.

GRANOVETTER, Mark. Strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v.78, n.6, p.1360-80, 1973.

GURAK, D., CACES, F. Migration networks and the shaping of migration systems. In: KRITZ, Mary et al. (Eds.) *International migration systems, a global approach*. Oxford: Clarendon, 1992. p.150-176.

HAGAN, J. Social networks, gender and immigrant incorporation: resources and constraint. *American Sociological Review*, v.63, n.1, p.55-67, Feb. 1998.

HARDWICK, Susan. Migration, embedded networks and social capital: towards theorizing north american ethnic geography. *International Journal of Population Geography*, v.9, n.2, p.163-179, 2003.

HUGO, Graeme. Village-community ties, village norms, and ethnic and social networks: a review of evidence from the third world. In: DE JONG, Gordon, GARDNER, Robert (Eds.) *Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries*. New York: Pergamon, 1981. p.186-224.

MARTES, Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 300p.

MENJÍVAR, Cecília The ties that heals: guatemalan immigrant women networks, in *International Migration Review*, vol. 36, p. 437-466, 2002.

SINGHANETRA-RENARD, Anchalee. The mobilization of labour migrants in Thailand: personal links and facilitating networks. In: KRITZ, Mary et al. (Eds.) *International migration systems, a global approach*. Oxford: Clarendon, 1992. p.190-204.

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. 2002b. 344p. Tese

(Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gérias, Belo Horizonte.

SOARES, Weber. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: MARTES, Ana Cristina B., FLEISCHER Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.231-261

SOARES, W. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. *Brasil 500 anos: mudanças e continuidades*. [Campinas]: ABEP, 2000a. (Disponível em CD-ROM)

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: MACLAUGHLIN, Virginia Yans- (Org.) *Immigration reconsidered: history, sociology, and politics*. New York: Oxford University, 1990. p.79-95.

WALDINGER, Roger. Network, bureaucracy and exclusion: recruitment and selection in an immigration metropolis. In: BEAN, Frank, BELL-ROSE, Stephanie (Eds.) *Immigration and opportunity: race, ethnicity and employment in USA*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p.228-259.

WASSERMAN, Stanley, FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University, 1994. 825p,

WILPERT, Czarina. The use of social networks in Turkish migration to Germany. In: KRITZ, Mary et al (Eds.) *International migration systems: a global approach*. Oxford: Clarendon, 1992. p.177-189.

ADLER, P. S. e KWON, S. (1999) Social Capital: the Good, the Bad and the Ugly, paper apresentado à *Academy of Management Meeting*, Chicago, 1999.

ATRIA, R. ET ALLI (2003) Capital Social y Reducción de la Pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma, CEPAL, Santiago, Chile.

BORGATTI, S. ET ALLI (1998) Network Measures of Social Capital, in *Connections* 21(2): 1-36.

BOURDIEU, P. (1980) Le Capital Social, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 3: 2-3.

COLEMAN, J. S. (1988) "Social Capital in the Creation of Human Capital", *American Journal of Sociology*, 94: 95-120.

COLEMAN, J. S. (1990) *Foundations of Social Theory*, Cambridge, Harvard University Press.

ENGLE, S. (1999) *Structural Holes and Simmelian Ties: Exploring Social Capital, Task Interdependence and Individual Effectiveness*, Phd Thesis, University of North Texas.

EVANS, P. (1996) Government Action, Social Capital and Development: reviewing the evidence on synergy, in *World Development*, 24: 1119-32.

FERNÁNDEZ-KELLY, M. (1995) "Social and Cultural Capital in the Urban Ghetto: implications for the economic sociology of immigration", in Alejandro Portes (Ed.) *The Economic Sociology of Immigration*, Russell Sage Foundation, New York.

FUKUYAMA, F. (2003) "Capital Social y Desarrollo: la agenda venidera", in Raúl Atria et al. (eds.) *Capital Social y Reducción de la Pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*, CEPAL, Santiago, Chile, 2003.

GRIECO, E. (1998) The Effects of Migration on the Establishment of Networks: caste disintegration and reformation among the Indians of Fiji, in *International Migration Review* 32(3): 704-36.

PUTNAM, R. (1993) *Making Democracy Work*, Princeton: Princeton University Press.

ZHOU, M. e BANKSTON III, C. (1996) Social Capital and the Adaptation of the Second Generation: the case of vietnamese youth in New Orleans, in *International Migration Review* 28 (4): 821-45.

ARAUJO, Maria Celina Soares d',. Capital social. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 65p.

DURSTON, JOHN; NAÇÕES UNIDAS. El capital social campesiano en la gestión del desarrollo rural: diadas, equipos, puentes y escaleras. Santiago de Chile: Naciones Unidas/CEPAL, 2002 156 p

LESSER, Eric L. Knowledge and social capital : foundations and applications. Boston: Butterworth Hewinemann, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Las formas de capital. Lima: Piedra Azul, 1999. 32 p

LIN, Nan; COOK, Karen S; BURT, Ronald S. Social capital: theory and research. New York: Aldine de Gruyter, 2001. 333 p.

SMALL, Luis Villa Victoria : The Transformation of Social Capital in a Boston Barrio, University Of Chicago Press (July 1, 2004).

FLAP, Henk e VOLKER, Beate (Eds.) Creation and Returns of Social Capital: A New Research Program (Routledge Advances in Sociology, 9) Routledge (November 1, 2003).

LIN, Nan e GRANOVETTER, Mark (Eds.) Social Capital : A Theory of Social Structure and Action (Structural Analysis in the Social Sciences) Cambridge University Press; 1st edition (September 15, 2002).

BARON, Stephen (Ed) et. Al. Social Capital: Critical Perspectives Oxford University Press (February 1, 2001).

LOMNITZ, Larissa Migration and network in Latin América,

AUDENINO, Patrícia. The paths of the trade: italian stonemasons in the United States. *International Migration Review*, v.20, n.4, 779-795, 1986.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc The organic ethnologist of Algerian migration. *Ethnography*, v.1, n.2, p.173-182, 2000.

CARVALHO, José Alberto M. de. O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 : uma tentativa de estimação. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.13, n.1, p.3-14, jan./jun. 1996.

CARVALHO, José Alberto M. et al. Estimativas dos saldos migratórios internacionais e do número de emigrantes internacionais das grandes regiões do Brasil – 1986/1991 e 1991/1996. In: CASTRO, Mary Garcia. *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p.243-252.

CARVALHO, José Alberto M. de et al. Sinuosos caminhos para estimação do emigrantes internacionais de 1986/1991 e de 1991/1996 e saldos migratórios dos quinquênios entre 1981 e 1996 das Unidades da Federação Brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. *Brasil 500 anos: mudanças e continuidades*. [Campinas]: ABEP, 2000c. (Disponível em CD-ROM)

CARVALHO, José Alberto M. de, RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os dados censitários sobre migrações internas: algumas sugestões para a análise. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.15, n.2, p.7-17, jul./dez. 1999.

CASTRO, Mary Garcia. *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p.15-32.

DAVIS, Kingsley. Social science approaches to international migration. In: TEITELBAUM, Michael, WINTER Jay (Eds.) *Population and resources in western intellectual traditions*. Cambridge: Cambridge University, 1989. p.245-261.

EELENS, Frank, SPECKMANN, J.D. Recruitment of labor migrants in the middle east. *International Migration Review*. v.24, n.90, p.297-322, 1990.

FAIST, T. *Transnationalization in international migration: implications for the study of citizenship and culture*. Oxford: Oxford University; 1999. 41p. (Working paper, TC, 99-08)

GERMANI, Gino. Asimilación de inmigrantes en el medio urbano: notas metodológicas. In: ELIZAGA, Juan, MACISCO Jr, John (Eds.) *Migraciones internas: teoría, método y factores sociológicos*. Santiago: CELADE, 1975. p.61-85.

GOZA, Franklin Brazilian immigration to North America. *International Migration Review*, v.28, n.1, p.136-152, 1994.

GOZA, Franklin. A imigração brasileira na América do Norte. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.9, n.1, p.65-81, 1992.

KRITZ, M., ZLOTNIK, H. Global interactions: migration systems, processes and policies. In: KRITZ Mary et al (Eds.) *International migration systems, a global approach*. Oxford: Clarendon, 1992. p.1-16.

LÓPEZ CASTRO, Gustavo. Coyotes and alien smuggling. In: MIGRATION between Mexico and the United States: binational study. Mexico City: Mexican Ministry of Foreign Affairs, 1998. v.3, p.965-974.

MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York, Campinas*: Papyrus, 1994. 452p.

MARGOLIS, Maxine. Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.51-72.

MARTES, Ana Cristina B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre os imigrantes em Massachussetts*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 204p.

MARTES, Ana Cristina B. Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa (Orgs). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999b. p.87-122.

MARTIN, Philip. Guest workers: past and present. In: MIGRATION between Mexico and the United States: binational study. Mexico City: Mexican Ministry of Foreign Affairs, 1998. v.3, p.877-895.

MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.33-50.

OCADA, Fábio. (2003) Migração e trabalho no mundo contemporâneo – uma experiência acerca da migração *dekassegui*. *Travessia*, v.16, n.45, p.37-41, jan./abr.2003.

OLIVEIRA, Adriana. O caminho sem volta: classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. In: MARTES, Ana Cristina B., FLEISCHER, Soraya (Orgs.) *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 115-138.

OLIVEIRA, Adriana. Repensando a identidade dentro da emigração *dekassegui*. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa (Orgs). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p.275-307.

RIBAS, Clarilton. *Dekassegui-koo: trabalhadores brasileiros no Japão*. *Travessia*, v.15, n.45, p.7-22, jan./abr.2003.

SAITO, Hiroshi. Participação, mobilidade e identidade. In: SAITO, Hiroshi (Org.) *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1980. p.81-89.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo Cortez, 1999. 232p.

SASAKI, Elisa. Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa (Orgs). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999. p.243-274.

SPAANS, Ernst Taikongs and Calos: the role of middlemen and borkers in javanese international migration. *International Migration Review*, v.28, n.1, p. 93-113, 1994.

SPENCER, Steven A. Illegal migrant laborers in Japan. *International Migration Review*, v.26, n.3, p. 754-86, 1992.

TAYLOR, John (1990) The reorganizing of mine labor recruitment in southern Africa, *International Migration Review*, v.24, n.90, p.250-272, 1990.

TZENG, Rueyling. International labor migration through multinational enterprises. *International Migration Review*, v.29, n.1, p. 139-54, 1995.

URANO, Edson (2002) Um olhar sobre o trabalhador *dekasegu*: processo imigratório e trabalho através da mídia étnica. *Travessia*, v.15, n.43, p.26-30, mai./ago.2002.

VAINER, Carlos. Deslocados, reassentados, clandestinos, exilados, refugiados, indocumentados... as novas categorias de uma sociologia dos deslocamentos compulsórios e das restrições migratórias. In CASTRO, Mary Garcia (Coord.) *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p.177-184.

HUYSMAN, Marleen e WULF, Volker (eds) *Social Capital and Information Technology*, The MIT Press (June 18, 2004).